



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CULTURA E SOCIEDADE

ABEL SANTOS OLIVEIRA

GRUPOS DE GÊNERO MASCULINOS: OS ARGUMENTOS MORAIS NO
DEBATE SOBRE MASCULINIDADES NO BRASIL

SALVADOR

2023

ABEL SANTOS OLIVEIRA

***GRUPOS DE GÊNERO MASCULINOS: OS ARGUMENTOS MORAIS NO DEBATE SOBRE
MASCULINIDADES NO BRASIL***

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Leandro de Paula

SALVADOR

2023

Dados internacionais de catalogação-na-publicação
(SIBI/UFBA/Biblioteca Universitária Reitor Macedo
Costa)

Oliveira, Abel Santos.

Grupos de gênero masculinos: os argumentos morais no debate sobre masculinidades no Brasil /
Abel Santos Oliveira. - 2023.
112 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Leandro de Paula Santos.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e
Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2023.

1. Comunicação e cultura. 2. Masculinidade - Brasil. 3. Homens - Brasil - Identidade. 4. Identidade
de gênero - Brasil. 5. Grupos de ajuda mútua. 6. Brotherhood (Grupo de homens). 7. Homens Essenci-
ais (Grupo de homens). 8. MEMOH (Grupo de homens). I. Santos, Leandro de Paula. II. Universidade
Federal da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos. III. Título.

CDD - 305.310981
CDU - 316.62-055.1(81)

ABEL SANTOS OLIVEIRA

**GRUPOS DE GÊNERO MASCULINOS: OS ARGUMENTOS MORAIS NO
DEBATE SOBRE MASCULINIDADES NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre.

Salvador, 18 de julho de 2023

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Leandro de Paula Santos (orientador)

Doutor em Comunicação Universidade Federal do Rio de Janeiro
Universidade Federal da Bahia – UFBA



Prof. Dr. Leandro Colling (examinador interno)

Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia (UFBA)



Prof. Dr.ª Simone Magalhães Brito (examinadora externa)

Doutora em Sociologia Lancaster University
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

AGRADECIMENTOS

Quando eu penso em toda a minha jornada de pesquisa, dentro do Pós-cultura, nenhuma outra pessoa me parece ser tão merecedora da minha gratidão quando o meu orientador Leandro de Paula. O melhor orientador que eu poderia ter e uma das melhores pessoas que eu poderia conhecer na vida: generoso, cuidadoso, comprometido, sensível. Aprendi muito. Aprendi sobre pesquisa científica, sobre ética, sobre relações profissionais e humanas, sobretudo. Me sinto privilegiado demais por ter conseguido escrever esta dissertação com ele ao meu lado, me motivando, me apoiando. Foi de fundamental importância. Muito obrigado, Leandro.

Ainda pensando sobre a minha trajetória de mestrado, agradeço imensamente ao Grupo de Pesquisa LOGIN - Cultura, Política, Lógicas Identitárias e Produtivas, do qual fiz parte e foi essencial para o meu aprendizado. Todas as trocas, leituras, diálogos e *feedbacks* que pude receber em contato com todos os componentes deste grupo significaram muito para mim, enquanto pesquisador, e para minha pesquisa. Tem participação desse Grupo inteiro aqui na minha dissertação.

Não posso deixar de agradecer também à minha banca de defesa e de qualificação que aceitou o convite para ler e avaliar a minha dissertação, composta por: Simone Brito e Leandro Colling, profissionais cujo trabalho eu admiro muito e são referências para mim. É uma honra ter a contribuição de vocês nesta pesquisa. Ressalto ainda, os meus agradecimentos ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade.

Por fim, agradeço aos meus amigos que me ouviram falar, reclamar, chorar muito desabafando sobre os processos e decisões que esta pesquisa me permitiu viver. Foi difícil mas foi bom porque eu tive vocês: Bruno Zia, Rondinely Souza, Isis Lins, Blenda Cavalcante, Fabiano Nunes, Bruna Carvalho, Lucas Leônidas e Jonathan Santos.

RESUMO

Esta pesquisa aborda o tema das masculinidades, com foco nos "Grupos de Homens" como objeto de estudo. Esses grupos têm surgido em diferentes partes do Brasil, buscando criar espaços seguros para diálogos construtivos, nos quais os homens possam falar sobre si mesmos, seus medos, inseguranças, entre outros temas. Esta pesquisa, portanto, investigou essas iniciativas por meio de pesquisa participativa e fez análise do discurso de três Grupos de Homens - Brotherhood, Homens Essenciais e MEMOH - com base em seus conteúdos produzidos nas plataformas de redes sociais (*Instagram*) e de *streaming* (*podcast*), utilizando a perspectiva da sociologia da moral. A presente dissertação se divide em quatro partes, abordando desde o contexto histórico dos estudos sobre masculinidades até a discussão das moralidades presentes nesse debate. As ideias de autenticidade de Taylor (2011) e de civilidade de Elias (1994) são bastante exploradas nessa análise e essenciais para a explicitação de como o argumento moral pode estar presente nesses discursos.

Palavras-chave: Masculinidades. Grupos de Homens. Moral. Discurso.

ABSTRACT

This research addresses the topic of masculinities, focusing on "Men's Groups" as an object of study. Such groups have emerged in different parts of Brazil, seeking to create safe spaces for constructive dialogues, in which men can talk about themselves, their fears, insecurities, and other topics. Therefore, this research investigated these initiatives through participatory research and analyzed the discourse of three Men's Groups - Brotherhood, Homens Essenciais, and MEMOH - based on their content produced on social media platforms (Instagram) and streaming platforms (podcasts), using the perspective of the sociology of morality. This dissertation is divided into four parts, addressing the historical context of studies on masculinities and discussing the moralities present in this debate. The ideas of authenticity by Taylor (2011) and civility by Elias (1994) are extensively explored in this analysis and are essential for elucidating how the moral argument may be present in such discourses.

Keywords: Masculinities. Men's Groups. Morality. Discourse.

RESUMEN

Esta investigación aborda el tema de las masculinidades, con un enfoque en los "Grupos de Hombres" como objeto de estudio. Estos grupos han surgido en diferentes partes de Brasil, buscando crear espacios seguros para diálogos constructivos en los que los hombres puedan hablar sobre sí mismos, sus miedos, inseguridades y otros temas. Por lo tanto, esta investigación examinó estas iniciativas a través de la investigación participativa y realizó un análisis del discurso de tres Grupos de Hombres: Brotherhood, Homens Essenciais y MEMOH, basándose en su contenido producido en las plataformas de redes sociales (Instagram) y de streaming (podcasts), utilizando la perspectiva de la sociología de la moral. Esta disertación se divide en cuatro partes, que abordan desde el contexto histórico de los estudios sobre masculinidades hasta la discusión de las moralidades presentes en este debate. La idea de autenticidad de Taylor (2011) y la civilidad de Elias (1994) se exploran ampliamente en este análisis y son fundamentales para explicar cómo el argumento moral puede estar presente en estos discursos.

Palabras clave: Masculinidades. Grupos de hombres. Moral. Discurso.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. ESTUDOS SOBRE O HOMEM: O DESPONTAR DA DISCUSSÃO.....	16
2.1. Breve História dos Grupos de Homens.....	17
2.2. A influência dos movimentos feministas e LGBTQIA+ no campo das masculinidades	20
2.3. Sobre os grupos para homens autores de violência.....	27
2.4. A crise do masculino.....	30
3. GRUPOS DE GÊNERO MASCULINOS: O QUE DIZEM.....	36
3.1. Apresentação do Objeto de Análise.....	37
3.1.2. Brotherhood.....	37
3.1.3. MEMOH.....	42
3.1.4. Homens Essenciais.....	46
4. A PRODUÇÃO DA DIFERENÇA EM GRUPOS DE HOMENS: ANÁLISE DO DISCURSO EM PODCASTS E NA REDE SOCIAL INSTAGRAM.....	52
4.1. O Discurso sobre as Masculinidades, as Representações Identitárias e a Construção de Público.....	54
4.2. O Apelo Mercadológico x o Apelo Social.....	73
4.3. Entre a Terapia e a Reflexão: Aproximações e Divergências.....	82
5. OS ARGUMENTOS MORAIS NO DEBATE SOBRE MASCULINIDADES.....	87
6. CONSIDERAÇÕES.....	101
7. REFERÊNCIAS.....	105

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, surgiram pelo Brasil uma série de iniciativas dedicadas ao debate sobre masculinidades e suas possibilidades, protagonizadas por homens. Trata-se do que podemos chamar de "Grupos de Homens", espaços dos quais esses sujeitos voluntariamente participam para refletir sobre sua relação com o seu gênero, sua sexualidade, seus sentimentos, seu papel na sociedade etc. Essa tendência tem se moldado em sintonia com os discursos identitários, políticos e às lógicas comerciais da atualidade.

É a partir desta percepção que esta pesquisa busca fazer desses Grupos de Homens um objeto para análise. No debate acadêmico internacional e brasileiro, o tema das masculinidades tem ganhado importância e reconhecimento. Nesta investigação, pretendo recuperar alguns desses estudos, e também trazer novos recursos e elementos empíricos que propiciem uma abordagem complexa do objeto.

Proponho investigar como moralidades, que permeiam o debate de gênero de uma maneira geral, podem ser encontradas e criadas nestes grupos e entender como estes se relacionam com elas e, ao mesmo tempo, podem produzir novas óticas também moralizantes. Ao passo em que também é uma busca compreender como tais grupos podem romper com esses esquemas morais e propor caminhos alternativos, já que numa primeira imersão nesse universo dos Grupos de Homens e do debate de masculinidades nos deparamos com “homens melhores”, “curados”, “tóxicos”, “adoecidos”, “femininos”, “saudáveis”, “culpados”, “evoluídos” e isso já nos dá uma dimensão do quanto esses espaços estão estruturados por concepções morais.

O interesse pela discussão sobre as masculinidades, por sua vez, é anterior. A motivação pessoal pelos estudos sobre masculinidades, de modo geral, nasce de um desejo de entender melhor meu lugar na sociedade, meu lugar político e minha identidade. Eu já há muito tempo me reconheço como um homem cisgênero *gay*; contudo, sempre refleti muito mais sobre minha sexualidade do que sobre meu gênero, sempre problematizei mais o fato de ser *gay* e menos o fato de ser um homem, e, no fim de tudo, qualquer mínima conclusão que eu pudesse ter, nesse sentido, estaria defasada. Então, por muito tempo me inquietou essa falta de referências para pensar a mim mesmo enquanto homem na sociedade: que homem eu poderia ser sendo *gay*? Que aspectos de masculinidades eu poderia reivindicar sendo afeminado? Que expressão de gênero eu poderia performar e ainda ser reconhecido como homem socialmente? Por que eu deveria me

colocar como homem se eu não encontrava nenhuma referência positiva neste gênero? Como poderia, eu mesmo, me tornar uma referência de performance masculina possível e ética, e o que seria isso? Como me colocar diante de demandas políticas e subjetivas – considerando minhas relações afetivas e sociais?

Sempre foi um conflito identitário, que nunca me causou grandes tormentos, mas sempre estive vivo dentro de mim me mobilizando de diversas formas. Então, nesse sentido, desde o período universitário tudo que me permitia pensar o homem na sociedade passou a me interessar: inicialmente, estudando sobre homossexualidade e representações sociais; depois, o tema da transgeneridade, que me levou às transmasculinidades, em que eu pude perceber mais nitidamente o caráter “fictício” dos gêneros. Isso seguiu sendo um ponto-chave de pesquisa quando comecei a estudar de forma mais aprofundada sobre a comunidade LGBTQIA+, na qual as performances de corpos travestis, *drags*, *crossdressers* só reforçaram o aspecto não natural dos gêneros “homem” e “mulher”, dessa maneira binária como estão colocados cultural e socialmente.

Quando descobri a existência de Grupos de Homens e de iniciativas semelhantes direcionadas ao público masculino, de modo geral, com o objetivo de questionar “o que é ser homem?”, interpretei isso como algo bastante novo no curso da história e das discussões sobre gênero, pelo menos dentro daquilo que me alcançava até o momento.

Diante disso, uma das questões centrais que me instigou foi tentar descobrir se essas iniciativas que estavam sendo colocadas em prática realmente funcionavam, e que resultados podiam ser esses, além de quais os reais objetivos. Porque a premissa dos Grupos de Homens sempre me pareceu muito “simples” – reunir homens para conversar, sem especialistas, sem professor, sem conteúdo programático etc. – para “resolver” um problema que me parecia grande demais, e hoje eu sei que é mesmo. Então, minha dúvida inicial era entender se essas propostas tão “simplórias” aparentemente funcionavam mesmo e como funcionavam.

Dentro disso, me parecia relevante pensar que é uma tendência histórica minorias políticas se reunirem em prol da luta por direitos. Esses encontros acabam acontecendo quase que por uma “força natural”, que muitas vezes é a necessidade de sobreviver. Mas como conchamar a adesão de homens a um movimento que suposta e aparentemente reivindicaria a “perda” de seus privilégios – pela equidade do gênero –, a partir de um discurso marcado por ideais de liberdade e igualdade? Essa dificuldade que já era nítida me fez ficar atento aos Grupos

de Homens porque de alguma maneira eles estavam conseguindo fazer isso: convidar esse público.

Então aqui surgia o interesse de participar desses grupos para saber o que acontecia mesmo dentro deles. Mas também, e anterior a isso, um interesse de me conectar com outros homens de forma honesta e segura (eu não sabia se isso ia acontecer de fato, mas considerava a possibilidade) e uma curiosidade de saber se projetos como MEMOH, Brotherhood e Homens Essenciais¹ surtiam algum efeito nesses homens e nessa compreensão sobre o gênero na sociedade. Ademais, outro ponto que me sensibilizava era esse aspecto prático: os grupos visam a refletir sobre masculinidades já atuando sobre homens reais. Sempre foi uma prática bem direcionada (para os homens), que, embora num estágio de início, possuía muito potencial de transformação. E esse é um outro ponto-chave que despertou meu interesse por esses Grupos inicialmente.

A intenção de pesquisar sobre Grupos de Homens parte mesmo de uma vontade de aproximação em relação a essa realidade escolhida. Esses grupos me causavam/causam inquietações muito por conta de tudo que já foi exposto neste texto; mas, estando ciente de que eu poderia fazer esta aproximação de diversas outras formas, optei por realizar esse contato por meio da pesquisa. Hoje, já tendo avançado nessa aproximação, os rumos da pesquisa mudaram.

De antemão, um olhar para esses Grupos de Homens me permitia ver vários deles defendendo a mesma ideia, partindo do mesmo princípio, com discursos/textos bem parecidos, um “copia e cola” de legendas, *posts*, falas, ideias. Numa análise mais detida, isso ainda se mantém porque, dentro das redes sociais, os discursos tendem mesmo a ser superficiais, não dá para perceber nuances e diferenças com facilidade. No entanto, com mais tempo observando, foi possível perceber que os discursos sobre masculinidades não eram os mesmos. Claro, há concordâncias em torno de uma série de pontos e questões, o que inclusive, permitia que esses grupos constituíssem uma unidade bem consistente, ainda que pequena. Mas existiam também pontos de diferença que não eram tão visibilizados (talvez porque não sejam realmente tão potentes essas diferenças; talvez propositalmente na tentativa de ignorar particularidades discordantes para fortalecer o “movimento”; talvez por falta de consciência dessas diferenças por parte de quem está à frente desses grupos – o que talvez revele um certo “amadorismo” nessas práticas).

¹ São os Grupos de Homens selecionados para análise nesta dissertação.

Diante disso, o que interessa a esta pesquisa não são as diferenças temáticas (grupos sobre masculinidades negras, sobre masculinidades amarelas, sobre masculinidades *gays*, sobre masculinidade e paternidade, sobre masculinidade e espiritualidade etc.), mas as diferenças de discursos que há nesses projetos, uma vez que, mesmo dentro de uma mesma temática/eixo de discussão, ainda existem diferenças discursivas. A intenção maior é entender que diferenças são essas, elas existem mesmo? O que essas diferenças conseguem produzir? E como, em última análise, esses discursos atendem a um ideal moral e se estruturam dentro dele, se tornando também moralizantes?

A partir da observação destes grupos, como participante dos encontros virtuais e analisando suas produções de conteúdo, foi possível ver que essas diferenças discursivas se dão muitas vezes não pela identificação política/ideológica, propriamente dita, dos idealizadores desses grupos. Mas elas são pautadas a partir de demandas mercadológicas, que, em segundo plano, se conectam com preocupações sobre a construção de público, com orientações políticas e com o formato dos grupos: reflexivos e/ou terapêuticos.

Para investigar tais aspectos, foi realizada uma pesquisa sobre o conteúdo que três grupos ativos de homens no período produziam e divulgavam, seguindo o método de Análise do Discurso. Na verdade, de início foi utilizado o método de Análise de Conteúdo da autora Laurence Bardin (1977), somente para ajudar a organizar e concatenar esses conteúdos que serviriam para esta análise. A análise de conteúdo defendida por Bardin consiste em “uma técnica de investigação que, através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação dessas mesmas comunicações” (BARDIN, 1977, p. 36).

Contudo, na execução da análise propriamente dita, com os conteúdos já organizados em planilha e divididos de acordo com as categorias estabelecidas, a análise feita sobre eles foi a Análise de Discurso. Escolhida para dar seguimento a esta pesquisa principalmente por ser um método que entende o discurso como prática social, que possui um objetivo e que leva em consideração o contexto interpretativo: “[...] o discurso não ocorre em um vácuo social. Como atores sociais, nós estamos continuamente nos orientando pelo contexto interpretativo em que nos encontramos e construímos nosso discurso para nos ajustarmos a esse contexto” (GILL, 2008, p. 248).

A Análise do Discurso seguida por este trabalho vai de acordo à noção foucaultiana de discurso. Foucault pontua:

[...] o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; [...] não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam (FOUCAULT, 1986, p. 56).

Os grupos selecionados para análise foram: Brotherhood, Homens Essenciais e MEMOH. Tais iniciativas apareceram para esta investigação como uma possível fonte para a construção do objeto de estudo porque atuam com dinâmicas e propósitos muito parecidos: a realização de grupos de gênero para homens e o objetivo de gerar reflexões sobre masculinidades e promover a equidade de gênero, somando isso a um interesse mercadológico em algum nível. Para além disso, são esses projetos os que mais possuem alcance de público e produzem conteúdo: vídeos, transmissões simultâneas e *cards* informativos no *instagram*, além de *podcasts* disponíveis em diversas plataformas de *streaming*. É exatamente o fato destes grupos disponibilizarem conteúdos como esses que permitiu a análise do discurso realizada nesta pesquisa, uma vez que, mesmo eu estando presente em grupos promovidos por todos essas iniciativas escolhidas, não poderia usar estas informações como base para a análise, visto que são oriundas de encontros confidenciais em que se busca preservar a imagem e os relatos dos participantes. Insistir por esse caminho incorreria em uma postura anti-ética (revelar informações a partir de acordos que prezam por confidencialidade) ou na obtenção de informações não-espontâneas, uma vez que divulgando previamente a pesquisa e seu propósito isso poderia acarretar numa mudança no comportamento dos participantes e organizadores dos grupos. Assim, ambas as possibilidades comprometeriam minha análise em algum nível, logo, por isso, este caminho foi descartado e a ideia de analisar conteúdos públicos desses Grupos surgiu como uma opção a ser seguida. Ainda que, obviamente, novas pesquisas sobre o tema possam vir a descortinar outras dimensões do trabalho que essas iniciativas têm realizado.

Além das características já citadas, esses três projetos escolhidos têm como traço comum o fato de realizarem grupos exclusivamente para homens e já o fazerem há alguns anos. Em contraponto, suas diferenças também são significativas: (1) enquanto o MEMOH não cobra pelos serviços voltados à sociedade civil, apenas por aqueles prestados para empresas, Brotherhood estabelece uma maneira de associação à comunidade baseada no pagamento de um valor simbólico mensal e o Homens Essenciais oferece serviços gratuitos e outros onerados; (2)

mesmo sendo Grupos de Homens, Homens Essenciais produzem “grupos terapêuticos”, enquanto que MEMOH “grupos reflexivos”; já o Brotherhood parou de rotular os seus grupos, mas faz, na prática, um misto do que propõem os outros dois; (3) por último, estas iniciativas apresentam, como supracitado, diferenças discursivas que, para o foco desta pesquisa, são muito importantes de serem estudadas.

Um fato de grande importância para esta investigação foi um desdobramento de seu percurso: minha contratação pelo MEMOH para ocupar o cargo de Gestor da Comunidade, ocorrida ao longo da escrita desta dissertação. Como consequência de minha aproximação com o projeto pelo processo da pesquisa, fui contratado com a função de criar - mais especificamente, estruturar e estabelecer - a área de Comunidade do MEMOH, que abarcaria e passaria a organizar também os Grupos Reflexivos desta empresa.

Minha primeira relação direta com o MEMOH se deu quando participei do grupo reflexivo de um ciclo que se encerrou em dezembro de 2020. Avancei com a pesquisa a partir desse contato, tendo o MEMOH como uma das minhas fontes, até que, no segundo semestre de 2021, se deu a minha entrada para a empresa. Estou ciente de que essa situação impõe desafios à pesquisa, uma vez que me proponho a investigar três projetos distintos, tendo agora uma relação de maior proximidade com um deles, exigindo o meu compromisso em promover uma análise justa das iniciativas a partir do lugar que ocupo.

Dentro do MEMOH, tive acesso a uma série de informações que me fizeram estar em uma posição privilegiada de observação do tema das masculinidades no Brasil, e que enriqueceram consideravelmente minha compreensão desse debate e suas problemáticas, de modo que, atualmente, meu trabalho e minha pesquisa se retroalimentam constantemente. O lugar que ocupo hoje em relação a esta investigação - trabalhando no MEMOH - só foi possível devido a esta mesma investigação, em grande parte. É, portanto, um produto desta pesquisa.

A seguir, esta dissertação se divide em quatro partes: no primeiro capítulo, traço historicamente os principais momentos e contribuições relacionadas aos estudos sobre homens, desde quando a discussão sobre masculinidades se iniciou até os dias atuais. No segundo capítulo, apresento os grupos de gênero masculino que compõem as principais fontes desta investigação, destrinchando os conteúdos e discursos emitidos por eles tanto em *podcasts* quanto em redes sociais. A análise desses discursos é realizada no capítulo terceiro, no qual, se aprofunda sobre a produção da diferença entre esses Grupos de Homens e por último, no quarto

capítulo, entramos completamente na discussão sobre as moralidades presentes nesse debate de masculinidades promovido pelos grupos estudados.

2 ESTUDOS SOBRE O HOMEM: O DESPONTAR DA DISCUSSÃO

No Brasil, nos últimos cinco anos, a mídia tem sido responsável por levantar várias questões sobre o comportamento dos homens, veiculando desde trabalhos terapêuticos, *workshops* e seminários até reportagens que apresentam homens trocando fraldas, levando filhos à escola e indo ao salão cuidar da pele e cabelos (NOLASCO, 1993, p. 17).

Este fragmento de texto publicado por Sócrates Nolasco em 1993 poderia facilmente ser a introdução de um texto atual sobre o que se vê sendo realizado por iniciativas dentro do campo das masculinidades. Trinta anos depois, considerando as devidas mudanças, a forma de falar sobre o homem ainda parece carregada dessa dimensão introdutória, de algo que está começando e promete se estender. Quanto aos Grupos de Homens² que surgiam nesse mesmo período, as descrições já eram bem parecidas com as que vemos sendo usadas hoje:

Um pequeno número de homens brasileiros, individualmente, começa a repensar como constroem seus vínculos afetivos e de trabalho fora do crivo do estereótipo social para eles definido. Estes indivíduos buscam encontrar caminhos próprios para suas vidas, ampliando-os para além da redução a que ficaram submetidas pelo patriarcado que separa a “vida de um homem” da “vida de macho”. Neste sentido, procuram compreender as razões que os fizeram adotar um padrão de comportamento a que obedecem cegamente. Como consequência, os homens reproduzem os valores de um modelo social que os tutela e controla seus desejos (NOLASCO, 1993, p. 18).

Essas reflexões sobre os homens, na verdade, vinham ganhando forma muito antes dos anos 1990. Até mesmo iniciativas como Grupos de Homens, que ganharam maior número e maior alcance no recente período pandêmico, são experiências que aqui no Brasil começaram a ser praticadas já desde os anos 1960 (NOLASCO, 1993). Necessariamente, aqui é preciso fazer um resgate deste histórico para então apresentar o cenário brasileiro atual e apontar as problemáticas e questões que este campo traz para a sociedade hoje e aquilo que interessa a esta pesquisa investigar.

Nos tópicos seguintes que compõem este capítulo me dedicarei num primeiro momento a contar um pouco da história do surgimento dos Grupos de Homens aqui no Brasil a partir dos estudos do historiador Sócrates Nolasco. Na sequência, amplio a discussão para inserir perspectivas outras trazendo autores que defendem que os movimentos feminista, *queer* e LGBTQIA+ são condicionantes fundamentais para a criação do campo de estudo das

² Grupos que nesse momento já reuniam homens com o propósito de entender o papel/construção do homem na sociedade, com abordagens distintas.

masculinidades, academicamente, e dos Grupos de Homens. Abordo a política pública feita para Homens Autores de Violência (HAV) - que contempla a criação de grupos com estes homens - enquanto uma realidade que tem já uma história no Brasil. E, por fim, falo sobre a crise do masculino a partir de autores que explicam e acrescentam novas visões conceituais e desdobramentos para este fenômeno, que se encontra em voga na atualidade.

2.1 Breve História dos Grupos de Homens

Sócrates Nolasco foi um pesquisador que esteve atento às discussões sobre o masculino desde a década de 1980. Em sua trajetória, escreveu a dissertação “Identidade Masculina: um estudo sobre o homem de classe média” (1988), a tese “De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais” (2000) e o livro “O Mito da Masculinidade” (1993). Neste último, Nolasco já indicava que essa mudança de comportamento da qual a mídia brasileira falava na época era uma maneira de “autorizar” os homens a assumirem novos comportamentos, uma forma de validar e valorizar rupturas de papéis sociais relacionados ao gênero por parte dos homens.

Vale destacar aqui o papel moral da mídia como avaliadora das mudanças sociais, uma função que a leva a frequentemente adotar atitudes normativas em relação às transformações na experiência de gênero. Heloisa Buarque de Almeida fala sobre isso em seu texto “O drama moral de certa pedagogia feminista”, em que comenta o discurso sobre o feminismo na série de TV “Malu Mulher”. A autora sinaliza que a mídia, muitas vezes, adota atitudes normativas em relação às transformações sociais na experiência de gênero, gerando uma visão idealizada que pode entrar em conflito com as normas culturais vigentes, e pode também, inaugurar uma nova forma de representação e construção narrativa que rompa determinados padrões, criando outros.

A mudança social é sempre uma questão moral e envolve conflitos entre os valores existentes e as novas formas de pensar e agir. Esses conflitos não são apenas teóricos, mas são vividos no cotidiano das pessoas e podem gerar resistências e tensões em relação às mudanças propostas (ALMEIDA, 2000, p. 19).

Retomando Nolasco quanto à ruptura, pregada pela mídia, dos papéis sociais exercidos pelos homens, o autor reforça que isso era feito com um discurso ainda muito superficial, apegado menos a um viés crítico sobre a compreensão de gênero e mais à mudança de alguns hábitos isolados, símbolos de uma masculinidade ostensivamente tradicional.

Uma das maiores contribuições deste autor para o que proponho estudar aqui se concentra na reflexão que fez sobre os Grupos de Homens e sua aparente associação imediata com movimentos raciais e feministas. Ao mesmo tempo, Nolasco lançou luz também para o movimento de contracultura enquanto elemento capital neste processo e para o cenário pós-ditatorial do período, que, segundo o mesmo, acabou sendo um elemento impulsionador dos grupos:

[...] é interessante observar que os Grupos de Homens, com a conseqüente crítica a suas identidades, se consolidam num momento da história em que caem regimes políticos autoritários. O fortalecimento das democracias no mundo como pano de fundo para a consolidação das conquistas femininas e para os homens repensarem sua forma de inserção social (NOLASCO, 1993, p. 26).

Para entender esse momento, Nolasco traz um pouco mais da história. Com a ajuda da autora Elizabeth Badinter, aponta que, no contexto europeu, a crise das masculinidades teria tido início nos séculos XVII e XVIII, a partir da figura das “preciosas francesas”. Essas mulheres pertenciam à aristocracia ou à burguesia francesa da época, e gozavam de certa liberdade sexual e amorosa devido à independência financeira que tinham. Sobre elas, Badinter (1993) diz:

Consideradas as primeiras feministas, as “preciosas” – mulheres da aristocracia e alta burguesia, solteiras, independentes economicamente –, defendiam a igualdade entre os sexos, o direito ao amor e ao prazer sexual, o acesso à mesma educação intelectual dada aos homens. Questionando a instituição casamento e os papéis de esposa e mãe como destino da mulher, elas inverteram os valores sociais da época. Apesar de seus opositores, elas conseguiram algumas mudanças (BADINTER, 1993, p. 12).

Nolasco, então, parte daí para dizer que estas mulheres de que fala Badinter seriam as mães das “primeiras feministas” e também dos “novos homens”. O autor elabora: “segundo Badinter, este tipo de mulher problematiza pela primeira vez o papel masculino, produzindo ecos que podem ser ouvidos hoje, por nós, por meio da crise da identidade masculina” (p. 21). Tal crise será abordada logo à frente. Antes disso, é preciso ressaltar que, embora Nolasco considere válida a leitura de Badinter, e que sim, o fato das mulheres estarem cada vez mais ocupando espaços na esfera pública tenha repercutido diretamente nos papéis sociais de gênero, contribuindo para a desestabilização dos comportamentos padrões masculinos, isso não é tudo. A crise da masculinidade - que fez surgirem posteriormente os Grupos de Homens - se dá por razões muito mais amplas.

Nolasco faz questão de separar, então, o que seria o movimento das mulheres e o dos homens, assegurando que a crise masculina tenha vindo muito mais a partir de uma “crise do

mundo do trabalho e da família e não com o feminismo” (ARAÚJO, 2005, p. 50) - argumento este não unânime, se verá a seguir neste texto. Como supracitado, o movimento de contracultura - dentro do qual o movimento *hippie* teve grande força -, nos anos 1960, para Nolasco teve importância fundamental por fazer repensar os papéis de gênero e os modelos sociais de identidade e de sexo da época.

Nas questões levantadas no bojo da contracultura, encontramos elementos em torno dos quais os homens irão estruturar e encaminhar suas discussões. Entre eles podemos destacar a necessidade de libertação das amarras da repressão da sociedade e da cultura do Ocidente; a tentativa de ampliar a consciência de si; a busca de novas formas de compreensão da realidade subjetiva e social (NOLASCO, 1993, p. 23).

O autor entende que nesse momento ambas as identidades - masculinas e femininas - são mobilizadas pela crise do individualismo. Disso ele retira o fundamento propulsor dos Grupos de Homens.

Os Grupos de Homens, portanto, são herdeiros do individualismo moderno, e por esta razão produzirão fortes críticas à ideologia “machista”, pois o modelo do “machão” e o que está comprometido com a formulação de uma outra representação masculina são incompatíveis. Por esta razão, estes homens serão solidários com a crítica social feminista, e vice-versa [...] Por outro lado, se a representação do “machão” é incompatível com aquela formulada pelos Grupos de Homens, será a tomada de consciência, por parte destes homens, do quanto incorporaram os valores machistas para conduzirem suas vidas que propiciará o contato com as resistências e contradições a serem gerenciadas por eles na condução deste processo de transformação (NOLASCO, 1993, p. 31).

Ainda segundo Nolasco, o ponto de partida para a organização dos homens em grupos se deu muito em torno da discussão sobre violência e sua relação com a masculinidade - ainda pensada no singular. A preocupação em evitar ou compreender a relação entre comportamento agressivo, virilidade e o homem esteve em alta ali em meados dos anos 1970, quando homens começam a se reunir, ainda não aqui no Brasil, mas nos Estados Unidos, com o objetivo de coletivamente encontrarem saídas que dessem vazão para suas individualidades.

[...] em diferentes países, um número cada vez maior de homens procuram caminhos, terapêuticos ou comunitários, que os levem a descobrir outros modelos de subjetividade, em que as emoções não estejam classificadas segundo um referencial sexista, ou ainda adjetivadas como algo nocivo que se opõe à razão (NOLASCO, 1993, p. 27).

O esforço empregado coletivamente nestes Grupos de Homens consiste basicamente em perceber “pontos cegos” do machismo: padrões comportamentais que compõem o tradicional

homem “machão” e que eles reproduzem sem refletir sobre o quanto aquilo pode ser limitante e danoso a eles e para outras pessoas à sua volta. Os grupos oferecem, assim, uma espécie de espelho em que homens se enxergam nos discursos dos outros e conseguem ir tomando consciência sobre atos que até então estavam difusos na compreensão de cada um. Ao menos esta era a premissa.

As questões em torno das quais se organizam os Grupos de Homens emergem do cotidiano, podendo ser sistematizadas em três pontos principais: como estão construídos os vínculos e a dinâmica paterna; as formas de violência na relação com ele mesmo, mulher e filhos e, por fim, a sexualidade (NOLASCO, 1993, p. 27).

É curioso que estas bases que sustentavam os interesses dos homens nesses grupos ali nos seus primórdios, segundo o Nolasco, ainda são facilmente percebidas como pautas muito atuais dentro desses grupos que analiso aqui. O discurso e as questões com certeza tornaram-se mais complexos, mas ainda são pertinentes e estão longe de ser superados.

Até aqui foi feito uso dos estudos de Sócrates Nolasco, pois foi quem melhor documentou e refletiu sobre os Grupos de Homens desse período no Brasil, trazendo também muito do aspecto da crise identitária masculina, que foi um estímulo para o surgimento dos Grupos. Mas sobre isso outros autores também fizeram contribuições significativas e que divergem substancialmente no que se refere ao que demandou o surgimento dos estudos de masculinidades e, conseqüentemente, dos Grupos de Homens; é necessário, portanto, trazê-las para aqui.

2.2 A influência dos movimentos feministas e LGBTQIA+ no campo das masculinidades

No Brasil, durante o início da década de 90, houve um aumento significativo de estudos acadêmicos sobre o masculino em vários centros de pesquisa. Fazendo uma retrospectiva em busca dos primeiros trabalhos sobre masculinidades e a formação desse campo vamos perceber que essas discussões surgiram a partir dos estudos feministas que, desde os anos 1980, vinham se concentrando na condição da mulher durante a ditadura e no período pós-ditadura no Brasil.

Com a incorporação da noção relacional de gênero, os estudos feministas começaram a analisar as desigualdades entre homens e mulheres a partir de uma perspectiva de poder nas relações. Foi após essa inclusão que surgiram os primeiros trabalhos na temática de "estudos sobre masculinidades", como chamado por muitas pessoas que pesquisavam nessa época. Esses

estudos que surgem, na verdade, na década de 1960, ganham corpo nos anos 1980 e 1990, se alinhando aos estudos de gênero vigentes.

Nos anos 1960, o que gerou essa discussão também foi o movimento feminista, em sua segunda onda. A “crise do masculino” era a tônica da discussão nesse período e, com o seu desenvolvimento até os anos 1990, uma criticidade maior vai se preocupando em evitar a vitimização dos homens: a intenção dos argumentos vai se transformando e passa a mirar as especificidades da construção das masculinidades, a partir do gênero como categoria de análise.

A antropóloga Adriana Piscitelli (2002) argumenta que o feminismo desafiou e alterou as concepções tradicionais de masculinidades, especialmente em relação à sua associação com o poder e a dominação. Segundo a autora, os estudos de masculinidades surgiram como uma resposta a essas mudanças e têm sido influenciados pelos debates e perspectivas do feminismo, embora, em certa medida, componham um campo independente. Piscitelli, por sua vez, apontava desde já sobre o perigo de presumir masculinidade como uma categoria uniforme e universal, destacando a necessidade de levar em conta as diferenças sociais, culturais e históricas, e todos os seus possíveis atravessamentos que influenciam as experiências masculinas (PISCITELLI, 2002).

Homens também são objetos de reflexão do feminismo e se eles podem dialogar sobre o machismo não é somente porque sofrem com os efeitos de uma sociedade machista - visto que, em grande medida essa mesma sociedade também lhe dá privilégios - mas sim, e principalmente, porque podem e devem ocupar esse lugar de agentes transformadores, não apenas como um parceiro ou apoiando as mulheres a resolver um problema delas, mas encarando como um problema de gênero e, portanto, um problema deles também; assumindo a responsabilidade de combater até mesmo os seus privilégios, uma vez que se entende que estes estão pautados por uma lógica de completa injustiça social.

Voltando ao Brasil, o movimento feminista deu vazão também à criação de algumas entidades que até hoje são importantes por trazer esse debate e relacionar ações por equidade de gênero ao trabalho com homens. O Instituto PAPAI, uma organização não governamental localizada em Recife-PE, sempre se dedicou a pesquisas, intervenção social e formação voltadas para homens. Utilizando estudos de gênero, a organização tem promovido um diálogo com diversos setores da sociedade para incentivar os homens a refletirem sobre questões de reprodução e vida privada, questionando comportamentos machistas que contribuem para a desigualdade de gênero desde 1997.

[...] o Instituto PAPAÍ é um projeto social que tem como missão promover cidadania com justiça social, contribuindo para a garantia dos direitos humanos, em prol da eliminação de desigualdades e da afirmação e valorização da diversidade, a partir da perspectiva feminista de gênero, atuando contra qualquer expressão de machismo e patriarcado. [...] Consideramos que é necessária uma leitura crítica, à luz do feminismo, sobre os processos de institucionalização de masculinidades e feminilidades, que são construídos a partir da desigualdade de gênero (PAPAÍ, 2023)³.

Outras organizações, como o Instituto Promundo, no Rio de Janeiro, têm trabalhado de maneira semelhante na problematização dessa área e buscando formas de atuar junto aos homens a partir das relações de gênero. Visualiza-se como uma questão ético-política a participação ativa de homens na negociação cotidiana da vida sexual e reprodutiva, bem como nas agências responsáveis pela produção e socialização do conhecimento e pelas políticas públicas nesta área.

Fundado em 1997, Promundo é uma organização não governamental brasileira, sem vínculos institucionais com organizações estrangeiras, que atua em diversas regiões do Brasil e outros países do mundo buscando promover a igualdade de gênero e a prevenção da violência com foco no envolvimento de homens e mulheres na transformação de masculinidades. [...] Acreditamos que trabalhar com homens e meninos para transformar normas e dinâmicas de poder desiguais é um fator estratégico para alcançar a equidade de gênero (PROMUNDO, 2023).⁴

Nesse sentido, a atuação dessas organizações tem sido fundamental para sensibilizar e engajar os homens em questões de gênero. O Instituto PAPAÍ, por exemplo, tem realizado projetos em escolas, universidades e empresas para conscientizar os homens sobre a importância da igualdade de gênero e da valorização das mulheres. A organização também desenvolve campanhas de conscientização sobre paternidade responsável e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Benedito Medrado e Jorge Lyra, fundadores do Instituto e também grandes referências no cenário nacional dentro do debate de gênero, masculinidades e saúde, no livro “Produzindo Memórias para Alimentar Utopias: Narrativas sobre uma organização feminista brasileira que, desde 1997, ousa trabalhar com homens e sobre masculinidades” trazem a maneira como entendem a influência do feminismo no trabalho desenvolvido por eles:

³ Disponível em: <<http://institutopapai.blogspot.com/>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

⁴ Disponível em: <<https://promundo.org.br/sobre-o-promundo/>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

[...] pensar o feminismo como “família” não é pensá-la romanticamente como um agrupamento monolítico, sem tensões. Ao contrário, pensar o feminismo como família é justamente uma estratégia para explicitar que, sob o mesmo “sobrenome”, há muitas diferenças na forma de pensar e na forma de atuar (MEDRADO & LYRA, 2015, p. 72).

A necessidade de incluir os homens como sujeitos de estudo se justifica pela importância de se entender as relações de gênero e as formas como os homens se relacionam com as mulheres e com outros homens. Nesse sentido, as organizações que trabalham com homens têm desempenhado um papel fundamental na produção de conhecimento sobre as questões de gênero e na elaboração de políticas públicas voltadas para a promoção da igualdade de gênero. No artigo “Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades” de 2008, também escrita por esses dois autores, eles se dedicam na elaboração dessa matriz e estabelecem quatro eixos que compõem o marco conceitual dessa matriz.

[...] destacamos [...] pelo menos quatro componentes do marco conceitual que, em nossa perspectiva, auxiliam na formulação de uma matriz feminista para estudos sobre homens e as masculinidades. Esse marco conceitual estrutura-se em quatro eixos: 1) o sistema sexo/gênero; 2) a dimensão relacional; 3) as relações de poder; e 4) a ruptura da tradução do modelo binário de gênero nas esferas da política, das instituições e das organizações sociais (MEDRADO & LYRA, 2008, p. 815).

Num primeiro momento, trata-se de desnaturalizar as concepções de homem e mulher demarcadas pelo sexo - sistema sexo/gênero - que são construídas culturalmente, e uma série de desigualdades pautadas a partir disso. A dimensão relacional, como supracitado, na leitura desses autores significa que “o gênero não pode ser pensado como entidade em si, mas como construções interdependentes” (MEDRADO & LYRA, 2008, p. 819). E esse aspecto é muito importante para entendermos como o feminismo contribuiu na construção desse campo de estudos sobre masculinidades:

[...] reconhecer a dimensão relacional do gênero possibilita desconstruir principalmente os argumentos culpabilizantes sobre os homens que demarcam o discurso de parte do movimento feminista e que ainda se faz presente, direta ou indiretamente, nas produções acadêmicas contemporâneas. [...] ao invés de procurar os culpados, é necessário identificar como se institucionalizam e como se atualizam as relações de gênero, possibilitando efetivamente transformações no âmbito das relações sociais “generificadas”, ou seja, orientadas pelas desigualdades de gênero (MEDRADO & LYRA, 2008, p. 820).

É interessante aqui chamar a atenção para alguns aspectos que Medrado e Lyra trazem na sua obra, que demonstram como o debate de gênero é permeado por questões morais. De acordo

com os autores em questão, uma determinada parcela do movimento feminista direciona seus esforços para "culpabilizar" os homens em relação aos seus comportamentos. Também é possível perceber o descrédito a tais críticas feministas por considerá-las "moralizantes". A crítica que eles tentam apresentar, por sua vez, é supostamente isenta dessa problemática moral, já que possui o objetivo de identificar um elemento mais concreto denominado por eles de "institucionalização das relações de gênero". Portanto, nesta própria citação podemos enxergar as disputas existentes, especificamente as morais.

O terceiro eixo trata das relações de poder. Fortemente baseado em Foucault, os autores explicam que para se compreender o poder nesta perspectiva é preciso se desvincular da ideia de que onde há poder não há liberdade, afinal, ocorre justamente o contrário: “[...] a resistência é um elemento constitutivo da relação de poder. [...] na medida em que, se não existe possibilidade de resistência - fuga, reação violenta, subterfúgios, estratégias para inverter a situação -, não existem relações de poder” (2008, p. 822). Já para falar sobre o quarto e último eixo - a tradução do modelo binário e fixo do homem e da mulher no nível da política, das instituições e das organizações sociais - eles acionam a historiadora estadunidense Joan Scott (1995):

[...] o gênero constrói-se não de forma binária, mas na multiplicidade de instituições, que envolve não apenas a família ou as relações de parentesco: “ele é construído igualmente na economia e na organização política, que, pelo menos em nossa sociedade, operam atualmente de maneira amplamente independente do parentesco”. Assim, a reflexão que queremos propor aqui tem o desafio de romper com tais modelos binários [...] (SCOTT, 1995, p. 87 apud. MEDRADO & LYRA, 2008, p. 823-824).

A influência do movimento LGBTQIA+ nos estudos de masculinidades tem sido amplamente discutida na academia. Autores como R. W. Connell e Michael Kimmel destacam a importância desse movimento para a desconstrução da masculinidade hegemônica e para a compreensão da diversidade de vivências masculinas. Com a crescente visibilidade do movimento LGBTQIA+ e do movimento gay, os estudiosos de masculinidades passaram a considerar as múltiplas formas de masculinidades que existem e complexificar essa relação entre masculinidades e sexualidades, além de outras possibilidades de gênero, expandindo a lógica binária.

Segundo Connell (2013), a masculinidade hegemônica é caracterizada por uma posição privilegiada de poder e controle na sociedade, que é sustentada por meio da opressão de outros grupos, como mulheres e sujeitos identificados como LGBTQIA+. No entanto, o movimento

LGBTQIA+ tem questionado essa noção de masculinidade, ao propor uma compreensão mais abrangente e fluida das identidades de gênero e das experiências masculinas.

Além disso, autores como Judith Butler (2003) têm destacado a importância desses movimentos para a problematização das categorias binárias de gênero, como a divisão entre masculino e feminino. Segundo Butler, o movimento LGBTQIA+ tem questionado a ideia de que a identidade de gênero é determinada pelo sexo biológico e tem aberto espaço para a compreensão de que a identidade de gênero é construída socialmente.

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003, p. 188).

A autora defende a importância da política *queer* para fomentar e gerar fissuras na compreensão sobre masculinidades e suas desconstruções, estimulando que esses estudos sobre o campo se movimentem. É importante enfatizar que, quando se fala sobre a desconstrução da masculinidade, não se está falando sobre uma negação ou rejeição da masculinidade, mas sim sobre a possibilidade de expressar a masculinidade de maneiras que não sejam prescritas ou limitadas pelas normas de gênero. A política *queer* e o movimento LGBTQIA+ podem criar novas possibilidades para a expressão de gênero que desafiam as normas dominantes (BUTLER, 2003).

Eve Sedgwick (1993), na mesma linha de Butler, argumenta que a construção social da masculinidade e da feminilidade está profundamente ligada à heterossexualidade compulsória, e reforça que a política LGBTQIA+ pode desafiar essas normas e abrir espaço para novas formas de expressão de gênero e sexualidade. Ela fala, portanto, de uma política sexual com grande potencial desestabilizador de identidades, extremamente produtivas quanto ao estímulo de masculinidades outras e ao embaraçamento do que hoje se convencionou chamar de homem.

A sexualidade pode ser vista como um lugar em que o “eu” se torna objeto para si mesmo, um lugar em que o eu é construído como objeto de desejo. Nesse sentido, a sexualidade é uma zona em que as identidades se formam, mas também em que as identidades podem ser desestabilizadas e transformadas. (SEDGWICK, 1993). Indo mais direto ao ponto, ela defende que uma política de expansão do campo sexual é fundamentalmente uma política de ampliação e reformulação da identidade, não só para as pessoas cujos desejos são colocados em questão pela

política, mas para aqueles cuja posição e privilégios são construídos na presunção do universalismo heterossexual e heteronormativo (SEDGWICK, 1993).

Um paralelo possível aqui é entre essa ideia de política sexual da Sedgwick com o conceito de “política do desejo” de Paul B. Preciado. Ambos os conceitos se referem às relações de poder que se estabelecem em função da sexualidade e do gênero, e apontam para a possibilidade de subversão dessas normas sociais, produzindo novas formas de subjetividade e também de prática política, que ganha uma centralidade muito importante. Paul Preciado, em seu livro "Un Apartamento en Urano", aborda a questão das masculinidades como um dispositivo completamente relacionado à política do desejo. Em suas palavras,

Este régimen no es natural: se trata de una estética de la dominación históricamente construida y codificada que erotiza la diferencia de poder y la perpetúa. Esca política del deseo es la que mantiene vivo el antiguo régimen sexo-género pese a los procesos legales de democratización y empoderamiento de las mujeres (PRECIADO, 2019, p. 307).

Portanto, a masculinidade não é algo fixo ou imutável, mas sim uma construção social que pode ser subvertida e questionada. Isso significa que é possível pensar em novas formas de masculinidades que não sejam baseadas em estereótipos de gênero ou em assimetrias de poder. Em vez disso, podemos buscar construir masculinidades que sejam complexas quanto à pluralidade das experiências humanas.

No caso de Sedgwick, a "política sexual" é uma abordagem que enfatiza a importância da sexualidade como um campo de batalha político, no qual, a sexualidade é uma forma de linguagem que é usada para estabelecer relações de poder entre diferentes grupos sociais. Preciado, por sua vez, entende a "política do desejo" como uma abordagem que, de maneira semelhante, enfatiza a importância do desejo também como esse campo de batalha. Ao trazerem tais conceitos, ambos sugerem, de algum modo, que é possível desafiar essas normas sociais e construir novas formas de sexualidade e gênero que não sejam baseadas em hierarquias de poder, e de práticas políticas que sejam mais inclusivas, justas e equitativas.

Kimmel (2012) também destaca que o movimento LGBTQIA+ tem sido fundamental para a desconstrução da homofobia e para a valorização da diversidade de expressões de gênero e sexualidade. Segundo o autor, essa valorização da diversidade impactou de modo positivo os estudos de masculinidades, uma vez que permitiu a ampliação do campo de pesquisa para além da masculinidade hegemônica. Segundo o mesmo, "os estudos de masculinidades têm muito a

ganhar com a valorização da diversidade de expressões de gênero e sexualidade, que só é possível graças ao trabalho e à luta dos movimentos LGBTQIA+" (2005, p. 15).

Kimmel, teórico do campo das masculinidades, fala também do feminismo. Como temos abordado neste tópico, segundo o autor, o feminismo tornou possível que os homens pensassem criticamente sobre sua própria masculinidade, e que "o feminismo nos ensinou a questionar a 'natureza' da masculinidade, a desnaturalizar os homens e suas ações. Ela nos mostrou que a masculinidade é uma ideia e que, portanto, pode ser mudada" (KIMMEL, 2010, p. 16). Além disso, ele argumenta que enquanto estrutura de poder, "[...] as hierarquias de gênero e as desigualdades entre homens e mulheres não são simplesmente o resultado de diferenças biológicas, mas de um sistema de poder que beneficia os homens em detrimento das mulheres" (2010, p. 16).

Kimmel destaca a importância de se compreender que os homens também são afetados pela desigualdade de gênero e que a mudança só pode ocorrer se eles se envolverem ativamente na luta pela igualdade. "Os estudos de masculinidades são uma resposta ao feminismo. Eles surgiram para explorar as questões levantadas pelo feminismo e para investigar a masculinidade como uma construção social, uma estrutura de poder e um processo em constante mudança" (KIMMEL, 2005, p. 7). Não é e nem pode ser simplesmente uma questão de solidariedade, suporte ou ajuda, mas de reconhecer que homens estão diretamente afetados pelas questões de gênero, e o combate à desigualdade de gênero também se torna uma responsabilidade deles.

Como se vê, o debate em torno do tema de gênero engloba a questão da responsabilização, a qual, embora pareça se desvencilhar, não deixa de ser uma categoria moral. Em outras palavras, esse processo envolve uma mudança de consciência que não está intrinsecamente relacionada à legislação vigente (não se limita necessariamente à criminalização de todos os comportamentos atualmente considerados "tóxicos", por exemplo). Ao contrário, a responsabilização, nesse caso, trata-se de um processo que requer a transformação de amplos entendimentos sociais e valores historicamente estabelecidos, sendo necessário o emprego de diferentes pedagogias para promover novas condutas morais.

2.3 Sobre os grupos para homens autores de violência

Nessa trajetória histórica sobre os estudos de masculinidades e o surgimento dos Grupos de Homens, abriremos aqui um espaço para falar dos grupos reflexivos para homens autores de

violência, experiência significativa para a institucionalização desse formato de terapêutica e processos de grupalização de homens no Brasil. Também chamados pela sigla HAV (Homens Autores de Violência), esses grupos fazem parte de uma política pública que tem o objetivo de diminuir a reincidência de casos de violência doméstica. Trata-se de uma modalidade de intervenção psicossocial que reúne, com determinada frequência, cerca de 10 homens agressores, que cometeram violência e foram autuados pela Lei Maria da Penha, em encontros facilitados por profissionais como assistentes sociais, psicólogos, entre outros. Nesses encontros, esses homens são estimulados a falarem e refletirem sobre os seus atos, e de alguma maneira, a partir de dinâmicas de grupalização são levados a desenvolverem habilidades para lidar melhor com seus impulsos e emoções sem fazer uso de violência.

Esses programas têm assumido diversas nomenclaturas: “de reabilitação”, “educativos”, “psicoeducativos”, “reflexivos”, “terapêuticos” e “de reeducação”. Essa variedade de compreensões está atrelada aos diferentes métodos, perspectivas teórico-epistemológicas e objetivos adotados por tais iniciativas (BEIRAS, NASCIMENTO & INCROCCI, 2019, p. 264).

Dentro desses grupos, as conversas e as dinâmicas são, de modo geral, temáticas. Então, abordam-se assuntos como gênero, masculinidades e seus recortes, relacionamentos abusivos, violência doméstica, etc. Em 2019, Adriano Beiras, Marcos Nascimento e Caio Incrocci publicaram o artigo “Programas de atenção a homens autores de violência contra as mulheres: um panorama das intervenções no Brasil”, que apresenta um mapeamento dos projetos voltados para HAV no Brasil entre os anos de 2015 e 2016. Eis os dados mais gerais:

No que diz respeito aos programas com HAV, foram identificados 41 em todo o país. Reunindo os dados obtidos no mapeamento anterior com os da fase de ampliação, obtivemos dados sobre 26 programas em funcionamento ou que já funcionaram em algum momento, de 15 diferentes estados brasileiros e nas cinco regiões do país: Norte (AC e PA), Nordeste (BA), Centro-Oeste (DF, GO e MT), Sudeste (ES, MG, RJ e SP) e Sul (PR, SC e RS) (BEIRAS, NASCIMENTO & INCROCCI, 2019, p. 265).

Essa política pública tem sido adotada em vários países, como o “Programa para Homens Responsáveis pela Violência Doméstica” da Colômbia (2017), o “Hombres por La Igualdad” da Espanha (2003), e no Canadá, o programa “Partner Assault Response”, dentre outros programas de outros países. No Brasil, a Lei Maria da Penha prevê a criação desses grupos desde que foi promulgada em 2006, no artigo 35, enquanto medida que pode atenuar a pena do HAV e complementar no sentido de fomentar a mudança de comportamento e prevenir a reincidência de

casos de violência. Contudo, ela ainda não é obrigatória em todos os estados do País e sua aplicação depende da disponibilidade de recursos e da política de cada estado.

[...] vale destacar que, mesmo antes da promulgação da lei, já existiam algumas experiências com HAV, conforme apontado por Nascimento (2001) e Acosta, Andrade Filho e Bronz (2004). Assim, partimos da premissa de que as intervenções com HAV constituem estratégia importante e necessária para o enfrentamento da violência doméstica e de gênero, consistindo em preocupação importante tanto da saúde como da segurança pública (BEIRAS, NASCIMENTO & INCROCCI, 2019, p. 264).

De acordo com o Instituto Noos - organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em 1994, no Rio de Janeiro -, se faz preciso incluir os homens agressores dentro desse debate e dessa política porque como parte da problemática eles devem ser também parte resolutiva da mesma. “Se eles são parte do problema, precisam ser considerados parte da solução” (p. 7). Na publicação “Metodologia de grupos reflexivos de gênero”, escrita por Alan Bronz e Adriano Beiras (2016), esses autores falam sobre o que entendem como violência de gênero:

Em diversos contextos, a violência de gênero é entendida como sinônimo de violência contra mulheres. No entanto, podemos nos referir a ela quando exercida contra alguém devido às hierarquias associadas ao gênero. Em outras palavras, quando a justificativa da violência tem a ver com valores, práticas e situações nas quais uma pessoa, mulher ou um homem, pelo simples fato de sê-lo, termina sendo agredida, desconhecida, maltratada ou até assassinada. A violência de gênero pode ocorrer também no ambiente doméstico e na conjugalidade, mas não se restringe a estes contextos. Podemos estender o conceito de violência de gênero, portanto, a “ser homem”, quando entendido como gênero masculino ou quando não se cumpre com o ideal normativo de masculinidade, embora isso seja muito mais frequente e aplicável à violência contra as mulheres (BEIRAS, BRONZ, 2016, p. 20).

Numa pesquisa de 2014 sobre grupos reflexivos de homens no contexto dos HAV no Brasil, Beiras aponta que as Instituições que mapeou são na maioria “governamentais, ligadas a: justiça, segurança pública ou políticas públicas municipais/estaduais” (p. 20). O pesquisador se preocupou em descobrir os objetivos de cada um dos programas de cada Instituição.

Em resumo, os objetivos da intervenção dos programas pesquisados, em sua maioria, centram-se em grupos reflexivos, que buscam cessar a violência, produzir formas pacíficas de resolução de conflitos e, principalmente, promover a responsabilização dos atos violentos e reflexões relacionadas à identidade masculina e à construção de masculinidades. Buscam promover a desconstrução de um estereótipo masculino ou de uma masculinidade tradicional e hegemônica, em que a violência é legitimada e parte constituinte do ser homem (BEIRAS, 2014, p. 22).

Entretanto, dez programas que foram mapeados nesta pesquisa de 2014 já haviam encerrado suas atividades na pesquisa mais recente de 2019. Como razão para isso acontecer, “[...] destaca-se o fim de convênios com órgãos públicos e as mudanças no cenário político” (BEIRAS, NASCIMENTO & INCROCCI, 2019, p. 271). Além disso, os autores também entendem o elemento cultural como um grande problema a ser enfrentado por essa política pública:

Outro fator que influencia negativamente a criação e o desenvolvimento desses programas são as concepções culturais vigentes sobre masculinidades e relações de gênero. O debate sobre gênero, masculinidades e violência doméstica e de gênero, apesar da visibilidade nos últimos anos, ainda é recente no Brasil, e não está isento de tensões e contradições por parte de setores sociais, como aqueles vinculados ao movimento social organizado, ou mesmo entre acadêmicos e acadêmicas de diferentes filiações teóricas. De igual maneira, o lugar do homem na dinâmica conjugal e nas relações de gênero também aponta para um debate permeado por polêmicas, sobretudo no que se refere a perspectivas mais punitivistas ou outras que advogam pela importância da ressignificação das masculinidades como aporte fundamental para relações mais equitativas e, conseqüentemente, com menos violências (BEIRAS, NASCIMENTO & INCROCCI, 2019, p. 271).

Ficam aqui, mais uma vez, visíveis aspectos morais interferindo na aplicação de medidas de combate à violência porque esta se configura enquanto violência de gênero, e tudo que o envolve não raramente se transforma em polêmica que conclama opiniões públicas e uma repercussão midiática repleta de ideais conservadoristas, apelo mercadológico, além de vieses políticos e religiosos.

2.4 A crise do masculino

Como já mencionado anteriormente, a “crise do masculino” é um primeiro conceito que demarca o início dos estudos sobre masculinidades e o torna, de fato, uma preocupação. Atualmente, essa suposta crise das masculinidades ou do homem ainda é mencionada com recorrência e frequentemente está associada aos discursos dos Grupos de Homens mais contemporâneos. A criação/representação de um novo modelo de masculinidade é uma premissa que também aparece em diversas iniciativas sociais sobre o campo, bem como em pesquisas científicas e em conteúdos midiáticos: trata-se da figura do “novo homem” que surge como um efeito desta crise. Pedro Ambra condensa um pouco dessa complexidade e questiona a busca por um novo modelo no seguinte fragmento:

A chamada masculinidade frágil ou tóxica é, portanto, aquela que não suporta se olhar no espelho e ver-se diferente de seus ideais. E, para combatê-la, é preciso não apenas denunciá-la do ponto de vista de suas consequências, mas, igualmente, compreender como homens representam-se a si mesmos, quais fantasmas permeiam seus atos e, principalmente, quais contradições e alternativas podem florescer de uma análise detida sobre a masculinidade. Mais ainda, cabe perguntar se a discussão que orbita ao redor dessa representação hegemônica de masculinidade, no singular, pode abarcar e libertar as mais distintas experiências de homens de diferentes vivências eróticas, corporais, de classe e raça. Afinal, como desconstruir uma masculinidade aprisionada entre o mito e o fracasso, sem tornar a desconstrução um novo ideal inalcançável? (AMBRA, 2019, p. 19).

De acordo com Cunha (2019), a representação do homem é complexa justamente por ser a identidade masculina uma das mais sólidas, a ponto de nem ao menos ser percebida como uma identidade. Este caráter universal, especialmente do homem branco, foi abordado por Pedro Paulo de Oliveira; em 1998 ele já dizia:

[...] os homens brancos de classe média quando se olham no espelho se veem como um ser humano universalmente generalizável. Eles não estão capacitados a enxergar como o gênero, a raça e a classe afetam suas experiências. Não é o que ocorre com os negros, pobres, mulheres, *gays* e todos os que de uma forma ou de outra veem-se como “diferentes” (OLIVEIRA, 1998, p. 1).

Tudo isso dificulta pensar as diferenças entre os homens e como nesse caso o gênero se relaciona com raça, sexualidade, classe social etc. Para discutir mais deste aspecto, Cunha (2019) exemplifica com a figura do homossexual o processo pelo qual a identidade heterossexual masculina é desvelada:

Com a normalização do homossexual, ao perder seu Outro, ao ver borradas suas fronteiras, a identidade masculina perde a integridade que lhe garantia a ilusão de natureza, e revela-se mais uma ficção, uma construção histórica. Mas talvez isso não se refira exclusivamente aos homens, e o que tenhamos em vista agora seja na verdade não a decadência do homem, mas o colapso das identidades (CUNHA, 2019, p. 27).

Suzana Muzkat (2019) dentro desta mesma discussão sobre masculinidades, chama esse fenômeno de “desamparo identitário” - que basicamente, explicaria a busca incessante por parte dos homens pelo exercício do poder sobre o outro, não como uma busca pura por poder, mas motivada, isto sim, por uma completa falta de referência identitária, que a emergência destas “outras” identidades os faria perceber. Seria este colapso ou desamparo identitário que faria os

homens buscarem ferramentas de resgate de uma representação masculina mais voltada para um possível homem universal, aderindo a uma linguagem de virilidade quase primitiva ou tentando fugir disso, procurando por espaços como os dos Grupos de Homens.

Retorna-se a Pedro Ambra que, mais uma vez, consegue ser bastante elucidativo em torno do que essa questão representa:

Muito se fala atualmente em políticas identitárias. Grosso modo, trata-se de demandas, discursos e propostas que teriam seu foco na afirmação das identidades de grupos que sofrem processos de subalternização, como negros, LGBTs e mulheres. Tais políticas são frequentemente acusadas de deixarem de lado pautas mais universais e amplas, que defenderiam a todos e não apenas a grupos específicos. Haveria aí, portanto, uma oposição entre um universal humano genérico e um conjunto de identidades marcadas por traços particulares. Tal compreensão ignora, no entanto, um pequeno-grande detalhe: o homem (presumivelmente branco, heterossexual e urbano) é, ao mesmo tempo, o horizonte dessa universalidade supostamente impessoal e uma identidade em si, como as outras. [...] O homem é, assim, a medida fixa do humano e qualquer coisa que escape a essa régua torna-se uma identidade, um caso especial que diverge da regra e até mesmo uma costela, para os mais beatos. (AMBRA, 2019, p. 17)

É neste sentido, que a figura do “novo homem”, que nasce a partir dessa crise das masculinidades, se revela nitidamente como uma identidade; porém, não escapa das críticas de que mais uma vez possa se caminhar para a universalização de um novo modelo. Desde 1998, Oliveira já apontava e criticava autores - que ele chama de “vitimários”, inclusive dirigindo sua crítica para Sócrates Nolasco - por trazerem junto a essa concepção de nova masculinidade a mesma estrutura que criticava na suposta masculinidade tradicional a ser superada.

Muitos são os que consagram suas análises com uma descrição do novo homem que estaria emergindo. Para estes autores, “o modelo ‘antigo’ continua como pano de fundo sobre o qual se projeta o ‘novo’, com mudança no papel dos atores” [...]. Isto faz com que se pense em dois tipos básicos de comportamentos: um emergente, que é considerado próprio do “novo homem” e baseia-se na capacidade de expressividade emocional, e o do homem tradicional, inexpressivo e hipermasculino (OLIVEIRA, 1998, p. 18).

Cria-se um binarismo, com isso, que ignora o fato das masculinidades serem plurais (KIMMEL, 1998) e seguirem caminhos muito diversos que não somente o de oposição a um modelo anterior, visto que até mesmo esse padrão anterior não é um só. Kimmel (1998), a respeito do que ele chama de “masculinidades hegemônicas” e “masculinidades subalternas”, já explicava que todas elas são plurais, não só o lugar de subalternidade é diverso, como o lugar hegemônico também, porque não é fixo. Não há sequer um homem real que cumpra todos os

requisitos de uma dada masculinidade hegemônica e se o faz é em um específico lugar e momento da história, não sendo possível sê-lo constantemente (CONNEL & MESSERSCHIMIDT, 2013).

O enfoque em uma suposta nova masculinidade, como dito, não dá espaço para que entendamos as masculinidades como plurais. Oliveira (1998), salienta ainda que esse suposto “novo homem” só pode ser circunstancialmente um homem privilegiado - socialmente - que dispõe de poder aquisitivo que lhe dá acesso a recursos vários que permite a ele se aproximar deste discurso de nova masculinidade, alterando alguns de seus comportamentos, mas sem se envolver com um projeto político maior de desestabilização das estruturas sociais, quando não apenas uma figura idealizada sem existência real.

Sem pesquisas sobre a masculinidade dos segmentos mais desfavorecidos, não se pode falar em algo como o “novo homem” ou o “novo pai”, a não ser que se explicitem os limites deste tipo de postulação e se restrinja seu alcance, sem nunca generalizá-lo como novo tipo emergente. Enquanto isto não ocorre, é bastante provável que o “novo homem” não passe de uma auto-imagem idealizada dos autores que o aclamam (OLIVEIRA, 1998, p. 20).

Afinal, quem é esse homem que pode ser o “novo homem”? Sem uma visão interseccional que compreenda que entre homens os privilégios usufruídos não são os mesmos, esse novo modelo de homem, além de uma busca equivocada, seria irreal. Se quando falamos sobre a norma hegemônica de masculinidade estamos falando de um ideal que poucos podem performar, um modelo em oposição a esse pode ser igualmente exclusivo, ainda que com uma aparência mais saudável e menos violenta.

De acordo com Daniel Welzer-Lang, “o masculino é, ao mesmo tempo, submissão ao modelo e obtenção de privilégios do modelo” (2001, p. 464). Porém, como vemos, não são todos que se submetem, e a submissão em si não garante todos os privilégios do modelo. Abrem-se aqui os motivos pelos quais a relação de um homem com sua masculinidade na sociedade é uma disputa.

Dentro de um sistema assim configurado, percebemos que a masculinidade hegemônica favorece poucos mas influencia a muitos pela busca de ser ou não um verdadeiro homem. Bell Hooks (2004) relaciona esse aspecto à violência, que acaba se tornando, por isso, um elemento constitutivo da masculinidade hegemônica. Segundo a mesma, a maioria dos homens que se identificam ou buscam ser “homens de verdade” são ensinados a acreditar que a masculinidade é algo a ser conquistada, e que, sendo assim, pode ser perdida ou tirada deles a qualquer momento.

Só há uma emoção expressa pelos homens que o patriarcado valoriza; essa emoção é a raiva. Homens de verdade sentem raiva. E sua raiva, não importa quão violenta ou violadora, é tida como natural – uma expressão positiva da masculinidade patriarcal. Raiva é o melhor esconderijo para qualquer um que procura dissimular dor ou angústia espiritual (HOOKS, 2004, p. 4).

Welzer-lang (2001) dá nome a algumas dessas violências que homens cometem em prol da defesa e validação da sua masculinidade: ele apresenta a misoginia e a homofobia como constitutivas dessa norma que faria de um indivíduo um homem. Segundo o autor, as relações entre os gêneros homem e mulher na nossa sociedade estão atravessadas e dão significados um ao outro de modo concomitante. Essas relações também estão hierarquizadas. Assim, e por essa hierarquia que privilegia homens, estes precisam de alguma maneira estabelecer sua diferença com o outro - mulher.

O paradigma naturalista da dominação masculina divide homens e mulheres em grupos hierárquicos, dá privilégios aos homens à custa das mulheres. E em relação aos homens tentados, por diferentes razões, de não reproduzir esta divisão (ou, o que é pior, de recusá-la para si próprios), a dominação masculina produz homofobia para que, com ameaças, os homens se calquem sobre os esquemas ditos normais da virilidade (WELZER-LANG, 2001, p. 465).

Essa produção de diferenças entre homens balizada pelo alcance ou não da norma é o que produz as masculinidades subordinadas. Welzer-lang fala disso quando explica que

Mesmo sendo um homem, um dominante, todo homem está também submetido às hierarquias masculinas. Nem todos os homens têm o mesmo poder ou os mesmos privilégios. Alguns, que eu qualifico de “Grandes-homens”, têm privilégios que se exercem à custa das mulheres (como todos os homens) mas também à custa dos homens (WELZER-LANG, 2001, p. 466).

Em última instância, essas relações são pautadas dentro de uma lógica de disputa constante, em que muitas violências são utilizadas. E essa disputa, como se vê, é identitária. “O uso da violência é expressão dessa incapacidade que um homem tem para identificar-se e manter-se em seu próprio lugar” (NOLASCO, 2003, p. 30).

Para encerrar este capítulo, é interessante perceber como toda esta discussão sobre a crise da masculinidade, a figura do “novo homem”, o surgimento de expressões que adjetivam as masculinidades como “saudável”, “tóxica”, “frágil”, “agradável” assim como as iniciativas dos Grupos de Homens surgiram nas últimas décadas de maneira interconectada. Ainda hoje, essas relações continuam firmes e as questões do debate de vinte anos atrás permanecem em voga.

Evidentemente, transformações sociais ocorreram desde então e permitiram, por exemplo, que Grupos de Homens se tornassem políticas públicas (como os grupos reflexivos para homens autores de violência) da mesma maneira que também um mote de mercado em expansão. Muitos projetos que realizam Grupos de Homens para a sociedade civil também oferecem serviços para empresas, seja construindo grupos reflexivos no ambiente corporativo, ou realizando consultorias, palestras e *workshops*; além do que é crescente o campo da produção de conteúdo nas plataformas de redes sociais sobre o tema das masculinidades como um todo. Sobre estas últimas iniciativas, seguiremos falando e nos aprofundando nos próximos capítulos.

3 GRUPOS DE GÊNERO MASCULINOS: O QUE DIZEM

Neste capítulo se apresenta a aplicação do método de Análise do Discurso sobre os conteúdos produzidos por três grupos de gênero masculino: Brotherhood, MEMOH e Homens Essenciais. A análise foi feita a partir de *podcasts* que eles produzem e de material disponível na plataforma de rede social *instagram* de cada um. A respeito dos *podcasts*, foi averiguada a temporada única de nove episódios do Brotherhood do ano de 2019, a primeira temporada do MEMOH também lançada em 2019 e também com nove episódios ao todo, e uma temporada não finalizada de *podcasts* do Homens Essenciais, que possui apenas dois episódios lançados no início do ano de 2021.

Exatamente por essa discrepância quantitativa em relação aos *podcasts* de cada grupo disponível, o que dificultaria uma análise comparativa justa entre os três grupos, acrescentou-se a este estudo a análise também das redes sociais – e como os três usam também a plataforma *instagram*, ela foi a escolhida para complementar esta pesquisa.

No *instagram* se optou por usar apenas os *posts* do ano de 2021 de cada grupo, contudo, nesta plataforma a lógica se inverteu: Homens Essenciais possuíam até o momento da realização da análise 62 *posts* – considerando o período de 06 de janeiro até 06 de maio de 2021; Brotherhood possuía apenas 02 *posts* realizados no ano de 2021, então foram considerados também todos os *posts* de 2020, somando um total de 36 postagens para análise no total entre o período de 30 de janeiro de 2020 e 03 de março de 2021; o MEMOH, do mesmo modo, possuía 04 publicações no ano de 2021 e, então, usando o conteúdo publicado no ano de 2020 somou um total de 40 *posts* entre 27 de fevereiro de 2020 e 28 de janeiro de 2021. Como esses perfis seguem ritmos diferentes de publicações fez-se necessário alongar o período de análise dos conteúdos do MEMOH e Brotherhood ao longo do ano de 2020 para chegar a um número de *posts* mínimo comparável com o Homens Essenciais que seguia uma demanda de publicações maior.

A escolha destes três grupos, como supracitado, se dá em razão de três componentes básicos: (1) eles fornecem conteúdo para análise, (2) o alcance que possuem e (3) a aparente diferença de abordagens/discursos que adotam em seus trabalhos. Ambos os grupos são atuantes na contemporaneidade, realizando encontros inclusive no período pandêmico – estendendo o seu alcance para o campo virtual – e produzem conteúdo passível de análise. Eu pude também participar enquanto membro de encontros, ciclos e jornadas de todos estes grupos, mas o que de

fato me fornece material para empregar a pesquisa aqui intencionada é a produção de conteúdo de cada um desses grupos.

Quanto ao alcance, o critério principal de observação foi o número de seguidores no *instagram* que é a plataforma de difusão principal de todos os três grupos⁵. O MEMOH se destaca como o que possui maior número de seguidores no Brasil – dentro do alcance da pesquisa –, atingindo, no mês de junho de 2023, 21,2 mil seguidores. Em segundo lugar, o Brotherhood com 12,2 mil e em terceiro o Homens Essenciais com 5,5 mil seguidores. E por último, a justificativa se pauta na diferença de abordagens que esses grupos empregam ao realizarem os seus encontros, desde uma perspectiva assumidamente reflexiva do MEMOH até a abordagem terapêutica do Homens Essenciais; no meio termo, o Brotherhood se coloca enquanto grupo reflexivo mas assume na prática um formato que mistura um pouco das duas “fórmulas”.

Este capítulo se dedica em um primeiro momento à apresentação destes grupos e seu modo de funcionamento, alinhando um pouco de sua história com seus conceitos. Na sequência se passa diretamente para a análise do corpo empírico, que será explicitada a partir de três subtópicos que correspondem a três chaves de leitura desta pesquisa, a saber: 1. a construção do público e a tentativa de contemplar a pluralidade de identidades e perspectivas políticas, 2. o apelo mercadológico *versus* o apelo social e 3. as dimensões terapêuticas e reflexivas que cada grupo assume. A intenção é verificar como em cada uma dessas questões se encontra a produção da diferença nestes Grupos de Homens, mas que não se resume ao limite desses grupos, pelo contrário, se expande para fora deles.

3.1 Apresentação do Objeto de Análise

3.1.1 Brotherhood

O Brotherhood surgiu da iniciativa do escritor, empreendedor e palestrante Gustavo Tanaka. Em uma entrevista concedida em 2018, Tanaka afirma que em meio a uma crise pessoal, identitária e espiritual que estava gerando nele muita angústia, buscou descobrir quem era e foi inevitável não se fazer a pergunta “que homem eu sou?”, associada a perguntas um pouco mais

⁵ Há que se destacar que essas iniciativas escolhidas não constituem apenas Grupos de Homens - MEMOH, Brotherhood e Homens Essenciais. Tratam-se, na verdade, de projetos e instituições que oferecem outras ações e serviços para além dos Grupos de Homens, em que o escopo de atuação de cada um se pauta muito a partir da discussão sobre masculinidades. Contudo, foi o fato de trabalharem todos com Grupos de Homens que os fizeram ser escolhidos para esta pesquisa.

gerais como “o que é ser um homem de verdade?” (BROTHERHOOD & ANCESTRALIDADE, 2018).

Suas próprias descobertas nesse período muito têm a ver com o resgate de uma “ancestralidade”, de sabedorias ancestrais – como ele mesmo diz na entrevista citada – assim como uma percepção de que suas referências de homens de sucesso não serem tão virtuosos assim. Isso o fez entender que era preciso também buscar novas referências de masculinidades saudáveis e que talvez a melhor forma de fazer isso seria coletivamente.

Segundo Tanaka, o Brotherhood nasce a partir daí. Apesar de também já ter se auto-intitulado como um grupo de gênero, ele também se apresenta como uma comunidade, como um movimento baseado na fraternidade/irmandade entre homens, característica que dá nome ao grupo.

Um grupo de homens que marca um encontro para bater-papo, mas o assunto foge do conhecido menu futebol, mulheres, política e os clássicos conhecidos como “papo de homem”. Mas afinal de contas, sobre o que eles falam? O Brotherhood (irmandade) é um grupo de homens que se organiza em conversas virtuais e presenciais nas cidades de São Paulo e Florianópolis (SC). Criado há um ano e meio, a fim de reconstruir e acolher o homem do século XXI basicamente educado com os princípios da sociedade machista [...] Eles discutem temas como Virtude da Humildade, Respeito e o que chamam Masculinidade Saudável, em contraponto a expressão mais usual do momento, “masculinidade tóxica” (GARMENDIA, 2019).

O primeiro encontro de homens realizado por Gustavo Tanaka se deu em abril de 2017 e já em julho do mesmo ano o Brotherhood foi fundado em São Paulo. Em novembro de 2018 tem-se o surgimento do Brotherhood em Florianópolis, em julho de 2019 em Campinas e em maio de 2020 o Brotherhood reúne todos esses grupos inaugurando a modalidade *online* de encontros. Ao longo de todos esses anos, não houve apenas um formato específico de reuniões, tendo já sido realizados, por exemplo, rodas de partilha, encontros temáticos, encontros com convidados para abordar um assunto específico, encontros mais focados em práticas de meditação etc.

Para conhecer melhor o trabalho desse grupo, participei, no primeiro semestre de 2021, de uma iniciativa chamada “Jornada Brotherhood”, baseada em cinco encontros semanais *online* de duas horas de duração, de 19h30 às 21h30. Essa Jornada Brotherhood, da qual pude participar, segue uma dinâmica bem própria. Nos primeiros minutos, enquanto os homens entravam (há que se reforçar que são encontros exclusivos para homens) se exibia na tela um vídeo de uma fogueira com alguma música para criar um clima de aproximação, um

aquecimento e para acessar a simbologia do fogo e do sagrado que é bastante caro às tradições xamânicas - como justificado no próprio encontro.

Antes de 20h, Gustavo Tanaka introduzia o tema da noite e abordava um pouco sobre como o Brotherhood interpretava e lidava com aquela temática. Às 20h todo o grupo era dividido em salas com 10 pessoas cada, geralmente ao todo se tinha um número de 80 participantes, então eram criadas 8 salas cada uma com um ‘guardião’⁶ específico que iria facilitar aquela sala – realizada sempre na plataforma de reunião virtual *zoom*. Esse processo de divisão em salas se dava pela necessidade de viabilizar a fala de todos os homens no curto espaço de tempo.

Dentro dessas salas, no período de 1h, de 20h às 21h, cada homem tinha em média de 3 a 5 minutos para falar sobre a forma com a qual ele se conectava com aquele tema da noite. Sempre se valorizando muito a fala subjetiva, não teorizada, não terceirizada e a escuta ativa, tratado como um dos elementos centrais desses encontros. Ao fim de 1 hora, todas as salas se juntavam novamente, era dado o espaço para dois ou três homens falarem sobre o que acharam das trocas daquela noite e, finalizava-se com uma prática meditativa guiada por Gustavo Tanaka.

O primeiro encontro dessa Jornada foi realizado no dia 06 de abril de 2021, foi um encontro de apresentação. Na semana seguinte, mais homens que estavam na lista de espera das inscrições foram chamados e então os encontros temáticos se iniciaram, os temas propostos foram: homens e a energia feminina (13/04), paternidade e a relação com o pai (20/04), relacionamentos (27/04) e sexualidade (04/05). No dia 11 de maio, houve um encontro final de encerramento da Jornada no qual Gustavo Tanaka e demais ‘guardiões’ puderam explicar melhor o que era e o que pretendia ser a Comunidade Brotherhood. Na divulgação da Jornada no Instagram, escreveram:

Com muita alegria abrimos a convocação para a Primeira edição da Jornada Brotherhood. Desenhamos uma jornada com quatro encontros online para explorarmos a temática de Masculinidades pela perspectiva do autoconhecimento, que é a essência do Brotherhood.

- ✓Essa jornada é gratuita e faz parte a nossa forma de servir o coletivo.
- ✓Aberto a todos que se identificam com o gênero masculino.
- ✓Compromisso de participar dos 4 encontros
- ✓Para quem nunca participou do Brotherhood e para quem já faz parte da nossa comunidade (BROTHERHOODBRASIL, 2021a).

⁶ Guardião é o termo utilizado pelo Grupo para designar a figura dos mediadores/líderes dos encontros, já que pelo número de participantes as reuniões sempre são divididas em salas menores, e para cada sala é necessário ter um guardião para cuidar da sua organização. Para ser guardião não é preciso nenhuma habilidade específica, mas é necessário já estar acompanhando e fazendo parte da comunidade Brotherhood há um tempo considerável.

Além destes encontros, o grupo também realiza palestras em eventos e organizações, e produz conteúdos como *podcasts* e a livro-caixa “Vamos falar de masculinidade”, que consiste basicamente em uma caixa física com cartas que contêm questões sobre masculinidades. A ideia é que essa caixinha possa ser comprada e que as pessoas possam usá-la individualmente, tirando uma carta por dia e refletindo, ou em dinâmicas coletivas de lazer ou reflexivas.

Outra forma que eles usam para se autodefinirem é como uma organização, ou Associação Brotherhood, sem fins lucrativos. Em 2021, no momento de realização da pesquisa junto aos grupos, já havia uma pretensão de aderir a um modelo de negócios com a finalidade única de crescer, alcançar outros homens e se tornar autossustentável – se preocupando, por exemplo, com a remuneração de profissionais envolvidos nas ações. Para isso, havia também o objetivo de inaugurar uma maneira da comunidade (a fraternidade composta pelos homens que participam dos encontros) financiar as próprias ações do Brotherhood a partir do pagamento de mensalidades.

O apelo a essa contribuição mensal foi feito pela primeira vez no ano de 2021, ao fim da Jornada Brotherhood, realizada no supracitado encontro do dia 11 de maio. Os argumentos utilizados para justificar a necessidade dessa contribuição se pautaram em um discurso sobre generosidade e reciprocidade, reforçando que isso não viria a ser uma cobrança rigorosa, visto que muitos membros poderiam em algum momento ou outro não contribuir financeiramente e ainda assim permanecer no grupo; entendendo também a possibilidade das contribuições virem de outras formas, na execução de funções pertinentes ao trabalho desenvolvido pelo Brotherhood.

Com isso, os membros que aceitam continuar com o grupo contribuiriam economicamente com o valor mínimo de 20 reais mensais, e em contrapartida teriam acesso permanente ao grupo no aplicativo *telegram*, bem como acesso a todos os encontros das Jornadas Brotherhood posteriores e a encontros exclusivos. Essa guinada na organização do Brotherhood, que sempre foi um projeto guiado mais de forma intuitiva, segundo o próprio Tanaka disse no último encontro da Jornada, veio da vontade dele mesmo de, a partir de então, adotar o grupo como seu principal projeto e de pensá-lo dentro de uma lógica profissional e mercadológica, considerando que só assim ele poderia expandir e alcançar outros homens.

Em sua organização interna, além dos ‘guardiões’, a comunidade conta ainda com voluntários (participantes que não contribuem financeiramente nas atividades do Projeto, mas que contribuem com serviços diversos – *design*, produção de texto, divulgação, organização de

eventos etc.), membros (aqueles que financiam o projeto de forma mensal com qualquer valor acima de R\$ 20,00) e os seguidores das redes sociais. De acordo com Tanaka, ao longo da existência do grupo, ele adotou várias formas de conceituá-lo, e que suas próprias definições nunca tiveram a intenção de serem fixas, mas circunstanciais. Na atualidade, ele enxerga o grupo como um movimento de transformação, educação e empreendedorismo coletivo.

Em uma entrevista do ano de 2019, um dos coordenadores do Brotherhood São Paulo da época, Rafael Rios, fala sobre o que é o movimento e como ele entende seu impacto social:

É um grupo de homens feito para homens, que estão buscando o autodesenvolvimento, com foco em desenvolvimento de *virtudes* e *masculinidade saudável*. Muito se fala em *masculinidade tóxica*, óbvio que o machismo e o patriarcado promovem muita violência principalmente contra a mulher, muitos homens e individualmente contra o próprio homem. Sociedade onde o feminicídio atinge altos índices e violências de todas as instâncias, as mulheres são as mais atingidas, mas também atinge o próprio homem. Pelas estatísticas, os homens são 95% da população carcerária, ou seja, cometem mais crimes, são os principais causadores e vítimas de acidentes de trânsito, são os que mais morrem em situações de Segurança Pública, maiores consumidores de drogas lícitas e ilícitas. E isso não se explica biologicamente, é um conjuntura social. E tudo isso por quê? Porque o homem não pode mostrar vulnerabilidade (RIOS, 2019).

Nesta fala há uma menção à dicotomia masculinidade saudável – uma das bandeiras do Brotherhood – e a masculinidade tóxica, que têm sido expressões bastante utilizadas, tanto por leigos ou produtores de conteúdo. Veremos mais à frente, nesta pesquisa, o quanto essas adjetivações das masculinidades criam conceitos populares, porque quase auto-explicativos, mas pouco aprofundados ou questionados dentro do próprio debate no que se refere aos seus aspectos morais fundantes.

Também se depreende, do que fala Rafa Rios, um discurso pautado em estatísticas, uma rejeição parcial ao discurso biológico sobre gênero e uma adesão a um argumento social. Como supracitado, a definição do Brotherhood veio sendo moldada ao longo de seu desenvolvimento e é curioso perceber aqui como o discurso Brotherhood operou e tem operado essas aproximações e afastamentos – de forma estratégica ou não – de determinados correntes de pensamentos e agendas sociais.

Além disso, o termo virtude usado em seu discurso é muito significativo porque evoca um sentido normativo. Apontando para uma moral – que o Brotherhood demonstra ter como base – que parece sustentar essa divisão binária entre o tóxico e o saudável dos homens apresentado aqui enquanto categorias estanques.

3.1.2 MEMOH

O MEMOH foi fundado no Rio de Janeiro, em julho de 2017, pelo publicitário Pedro de Figueiredo quando o mesmo se especializou em Desenvolvimento de Negócios Sociais e Inclusivos na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) do Rio de Janeiro. Sendo uma inversão literal da palavra HOMEM, o MEMOH nasce com essa intenção de rever e de questionar o que pode ser um homem na sociedade, partindo muito da inquietação pessoal do próprio Figueiredo, que já identificava uma série de comportamentos e angústias as quais ele percebia que não eram só dele, mas não sabia ainda o que fazer para mudá-las e/ou solucioná-las (FIGUEIREDO, 2021)⁷.

O propósito principal do MEMOH é a “promoção da equidade de gênero” buscando alcançar especialmente o público masculino, estimulando o debate entre homens, no intuito de fazê-los refletir sobre seus comportamentos, sobre sua presença e atuação na sociedade, sobre seus modos de agir consigo e com o outro. Trata-se, portanto, de uma empresa, um negócio social⁸ que, desde então, tem operado em três segmentos: os grupos reflexivos, a produção de conteúdo e os serviços de consultoria para o ambiente corporativo (MEMOH, 2021a)⁹.

Estes três segmentos constituem uma cadeia em que um alimenta e impulsiona o outro e juntos consolidam o nome MEMOH, o qual em pouco mais de três anos de existência já é uma das principais referências no debate sobre masculinidades no Brasil. Fato este que revela por um lado a escassez de iniciativas sobre este campo e a incipiência dos debates relativos ao que é ser homem na sociedade, e por outro lado, revela também que o MEMOH não alcança esse posto acidentalmente ou intuitivamente, mas sim que houve uma intenção, um preparo, um pensamento e/ou uma prática estratégica que o conduziu até este lugar de referência.

Os Grupos de Homens do MEMOH, chamados de grupos reflexivos de gênero, são um espaço de trocas entre homens que visa reunir homens incomodados com os seus papéis na sociedade, homens que, muitas vezes, se percebem “equivocados” em seus comportamentos e sendo apontados por eles. E não ter mais este estímulo total da sociedade para seguir praticando

⁷ Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip-fm/pedro-de-figueiredo-o-esforco-e-para-deixar-de-ser-idiota>>. Acesso em: 25 out. 2021.

⁸ “Para quem não está familiarizado com o termo, negócio social é uma empresa cuja atividade, além de gerar lucro, também funciona como uma solução para algum problema social. Como se o core do negócio fosse a responsabilidade social. Pode-se dizer que Muhammad Yunus foi um dos grandes responsáveis por apresentar ao mundo e propagar o conceito”. Disponível em: <<https://endeavor.org.br/desenvolvimento-pessoal/muhammad-yunus/>>. Acesso em: 19 jun. 2023.

⁹ Disponível em: <<https://memoh.com.br/>>. Acesso em: 25 out. 2021.

uma masculinidade clássica gera um desconforto para esses homens, um incômodo (MEMOH, 2021a).

O MEMOH justifica que seus grupos reflexivos são realizados apenas com homens a partir de três argumentos, a saber: (1) a facilidade com que os homens têm de compreender os relatos, vivências, problemáticas de outros homens, por um aspecto de construção social de gênero mesmo; (2) a necessidade de não responsabilizar as mulheres por mais essa tarefa de “educar” os homens, embora elas possam contribuir - como já contribuem - , homens têm a capacidade de sozinhos tomarem iniciativas e em conjunto se organizar, refletir e propor soluções para problemas que são também deles mesmos; (3) porque falar sobre si, sobre seus medos, suas angústias, criando esse espaço de exposição de vulnerabilidades com outros homens já é “revolucionário por si só”, considerando que historicamente oportunidades como essas quase nunca ou nunca existiram (MEMOH, 2021a).

Nesse momento, cabe ressaltar que o MEMOH recebe em seus grupos reflexivos qualquer pessoa, maior de idade, que se identifique como pertencente ao gênero masculino, que se reconheça como homem. Então os grupos podem ser formados por homens cis, homens trans, negros, brancos, heterossexuais, homossexuais, bissexuais, pansexuais, de qualquer faixa etária ou classe social. A respeito desta visão plural sobre as masculinidades, Pedro de Figueiredo já falou em uma entrevista rememorando o momento de início da realização dos grupos reflexivos:

Quando falamos que é um grupo de homens, queremos falar com todo mundo que se identifica como tal. Vimos, logo de cara, que, quanto mais diverso, mais rica torna-se a troca. Os participantes ainda são, em sua maioria, homens brancos, heterossexuais, cisgêneros, entre 25 e 35 anos. Ainda como reflexo do meu círculo social particular, que foi o que originou o projeto. Mas isso tem mudado aos poucos. Há, atualmente, diversos homens pretos, inclusive de regiões periféricas. Para que isso aconteça, contamos com a disposição dos próprios participantes de chamar outros homens – essa é a principal forma de captação do MEMOH. A partir do momento que existem homens negros dentro do espaço, fica mais fácil que mais homens negros apareçam. O mesmo serve para homens gays e homens trans. Também há uma preocupação das rodas acontecerem em lugares de fácil acesso. Hoje, os dois grupos fixos que temos, acontecem bem próximos a estações de metrô, sendo um deles no Centro da cidade (FIGUEIREDO, 2018).¹⁰

Com o passar do tempo os grupos reflexivos passaram a ser realizados também em São Paulo. Atualmente os encontros não se restringem mais ao eixo RJ/SP porque no ano de 2020, a

¹⁰ Fragmento da entrevista “Falar sobre emoções em uma roda de homens é um ato revolucionário”. 2018. Disponível em: <<<https://www.hypeness.com.br/2018/07/falar-sobre-emocoes-em-uma-roda-de-homens-e-um-ato-revolucionario/>>>. Acesso em: 22 out. 2020.

partir da adoção da quarentena enquanto medida de prevenção à pandemia de COVID-19, as reuniões dos grupos reflexivos começaram a ser virtuais contemplando homens de todas as regiões do Brasil, que até o momento ainda não tinham tido a oportunidade de participar dos grupos por conta das barreiras geográficas.

De acordo com informações divulgadas pelo próprio MEMOH no *instagram*¹¹, os grupos reflexivos formados no ciclo de 2021.2 contemplavam 38% de homens da região sudeste, 32% do nordeste, 13% do sul, 07% do norte e 08% do centro-oeste. No que se refere à orientação sexual, 71% dos homens eram heterossexuais, sendo que homossexuais, bissexuais e pansexuais representavam 29% ao todo. Em relação à raça, 53% foram homens negros/pardos, 37% brancos e 10% amarelos e indígenas, sobre a identidade de gênero 93% foram compostos por homens cisgêneros enquanto que apenas 07% por transgêneros.

Virtual ou presencialmente, esses grupos adotam uma metodologia bastante inspirada no livro “Metodologia – Grupos Reflexivos de Gênero” do Instituto Noos, escrito por Adriano Beiras e Alan Bronz. Sinteticamente, as dinâmicas dos grupos reflexivos do MEMOH se baseiam em encontros quinzenais que ocorrem ao longo de um semestre com os mesmos homens, os quais são previamente selecionados a partir de processo de inscrição virtual. Cada grupo é composto por no máximo 25 homens, e dois “caseiros” (que são colaboradores do MEMOH, e contribuem facilitando os encontros, organizando a ordem das falas de cada membro de acordo com a ordem em que a solicitaram, estando atentos aos horários de início e encerramentos dos encontros etc.) que também participam das conversas.

Os encontros duram três horas e além da figura dos caseiros cada encontro conta com um líder, este sim é um cargo rotativo que pode ser assumido por qualquer membro do grupo, com exceção dos caseiros, e sua função basicamente consiste em trazer um tema de discussão para o encontro que tenha a ver com um problema, dificuldade, questão pessoal, que ele tenha vivido ou vive e esteja disposto a compartilhar com o grupo. Então fica a cargo do líder iniciar o encontro apresentando a si e ao seu tema – sempre colocado em forma de pergunta – e posteriormente os outros homens seguem comentando sobre ou partilhando experiências parecidas e reflexões que se relacionem com o tema do dia. Ao fim, o líder retoma as falas mais importantes daquele encontro, diz um pouco sobre como se sentiu e conclui ao seu modo as reflexões do dia. E então, alguma atividade é sugerida a partir de um consenso geral - essa atividade chama-se “prática” -

¹¹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CFSCtYkJJ3I/>>. Acesso em: 25 out. 2021.

para ser colocada em ação pelos participantes no cotidiano deles mesmos, após o encontro, com o intuito de manter a reflexão no cotidiano.

Algo que é bastante reforçado em cada encontro é a necessidade dos homens ali entenderem que fazer parte daquele grupo não os dará um “selo de qualidade” que os diferencie dos outros homens da sociedade, numa lógica de “homem melhor x homem pior” ou “homem desconstruído x homem não desconstruído”. Isso porque o MEMOH não propõe um curso, não há a presença de professor e nem conteúdo programático ou atividades avaliativas que aprovelem ou reprovem; de uma maneira geral, não é esse o propósito do grupo.

Em suma, esses grupos operam de forma bastante simples no sentido de que o foco principal consiste em estar ali naquele ambiente podendo falar sobre si, ouvindo outros homens falando sobre eles, se identificando ou não com isso.

A nossa proposta com os grupos reflexivos busca criar uma relação horizontal entre todos os participantes, sem hierarquia de saber. Já nos “bastidores” e para o desenvolvimento de outras atividades, buscamos sempre dialogar com psicólogos e profissionais referências em questões de masculinidades e gênero. Queremos, em breve, ter uma parceria institucional com um grupo de psicólogos para nos apoiar de forma mais estruturada. Nós, do MEMOH, não nos colocamos como um grupo de terapia e acreditamos que a busca por ajuda profissional é fundamental nesse processo de se conhecer melhor e buscar novas formas de se colocar no mundo enquanto homem (MEMOH, 2021a).¹²

A ausência de profissionais da psicologia e afins não indica, contudo, que esses grupos não possuam uma metodologia. Muito pelo contrário, os grupos do MEMOH seguem uma metodologia proprietária.

Dando continuidade, além dos Grupos Reflexivos, outro eixo muito importante do MEMOH é o corporativo:

Para estender o debate às empresas, o MEMOH desenvolveu o Workshop Despertar, que visa envolver as lideranças das organizações para iniciar o trabalho de reflexão com os colaboradores e testar a aceitação do tema nas empresas. Outra proposta é a implementação de rodas de diálogo customizadas para as organizações, reunindo colaboradores que queiram ajudar a mudar a cultura da empresa em que trabalham (FIGUEIREDO, 2018).¹³

O *Workshop* Despertar foi uma das primeiras ações do MEMOH visando adentrar os espaços empresariais. Atualmente já se conta com uma gama de serviços outros que o MEMOH

¹² Disponível em: <<<https://memoh.com.br/>>> Acesso em: 25 out. 2021.

¹³ Fragmento da entrevista “Falar sobre emoções em uma roda de homens é um ato revolucionário” disponível em: <<<https://www.hypeness.com.br/2018/07/falar-sobre-emocoes-em-uma-roda-de-homens-e-um-ato-revolucionario/>>>. Acesso em: 22 out. 2020.

fornece dentro deste segmento corporativo. De acordo com informações do seu site¹⁴, eles já trabalharam com empresas como AngloAmerican, Ambev, Facebook, Grendene, Vale, Bosch, Coca-cola, Sebrae, entre outras.

Portanto, o que fica latente nesta apresentação é que esses três segmentos que compõem o MEMOH estão todos articulados entre si e são reforçadores um do outro. Sobre este aspecto, Pedro de Figueiredo comenta

O MEMOH é um negócio social. A intenção é a de gerar impacto positivo – por isso a nossa preocupação crescente em mensurar o trabalho de formas diferentes. Contudo, não queremos depender de doações para existir e continuar o trabalho, portanto buscamos ser autossustentáveis financeiramente. Para isso, temos um modelo de negócios baseado no subsídio cruzado. Ou seja, promovemos gratuitamente esses espaços de troca entre homens e, por outro lado, oferecemos serviços para empresas, instituições e organizações de uma maneira geral para envolver os homens em questões de gênero no ambiente corporativo do qual fazem parte. Assim, visamos ter recursos para sustentar e expandir o alcance do projeto como um todo (FIGUEIREDO, 2018).¹⁵

3.1.3 Homens Essenciais

O grupo terapêutico Homens Essenciais (HE) se define em sua biografia no *instagram* como uma “comunidade de homens do século XXI que busca viver e se posicionar em favor do que é essencial”, trazendo ainda a informação de que se trata de um grupo exclusivo para homens. Tendo surgido ao final de 2019, o Homens Essenciais veio realizando uma série de encontros e imersões com o objetivo de oportunizar momentos de fala e escuta entre homens, sendo esta uma das principais razões da sua existência.

O Homens Essenciais não foi uma idealização de um homem só, mas de três: Pedro Maia, Felipe Bonny e Lucas Amaral. Eles juntos constituem a base do Homens Essenciais desde a sua origem, além disso, compõem também a equipe de facilitadores dos encontros e atividades que promovem. Cada um possui uma formação específica que se soma ao trabalho desenvolvido no grupo, trazendo abordagens terapêuticas diversas valorizando sempre essa construção das masculinidades saudáveis. Ambos também se colocam como homens em desconstrução e em estado de aprendizagem sobre o tema, estando, portanto, abertos à transformação também.

¹⁴ Localizado em: <https://memoh.com.br/>.

¹⁵ Fragmento da entrevista “Falar sobre emoções em uma roda de homens é um ato revolucionário” disponível em: <<<https://www.hypeness.com.br/2018/07/falar-sobre-emocoes-em-uma-roda-de-homens-e-um-ato-revolucionario/>>>. Acesso em: 22 out. 2020.

Em sua página no *instagram*¹⁶, os três idealizadores do grupo foram apresentados um a um em *posts* específicos. Sobre Pedro Maia:

Pedro Maia é fisioterapeuta e atua no tratamento dos problemas sexuais masculino, tais como ejaculação precoce e disfunção erétil, em consultório e na realização de workshops e vivências com enfoque sobre educação sexual corporal desde 2016. O trabalho dele, além de contribuir no tratamento das disfunções sexuais, tem como objetivo desenvolver consciência corporal voltada para a vida sexual, atuando no aumento da potência erétil, prolongando o tempo do intercuro e melhorando o controle ejaculatório, promovendo uma vida sexual mais saudável, prazerosa e consciente, baseada na não violência e no cuidado consigo e com a(o) parceira(o). Seu trabalho une fisioterapia, exercícios de meditação e da cultura do movimento e xamanismo (HOMENS ESSENCIAIS, 2019a).

Nas dinâmicas dentro dos encontros que o grupo promove muito corriqueiramente, Pedro Maia é quem lidera quando o tema da discussão se relaciona com sexualidade, sempre para trazer alguma prática ou conselho de como os homens poderiam lidar melhor com certas questões, dificuldades, bloqueios ou traumas sexuais. A respeito de como enxerga o Homens Essenciais ele diz em um vídeo, postado no *stories* do *instagram*, que o HE além de ser um grupo de vivências terapêuticas, é um espaço de cura, de desenvolvimento pessoal e de acolhimento. Com suas próprias palavras, acrescenta: “Eu também levo um pouco da minha experiência de consultório, de tratamento e saúde, educação e sexualidade lá pro trabalho, além também das minhas vivências de autoconhecimento” (MAIA, 2019).

Estas informações que Pedro Maia traz apontam para o aspecto mais terapêutico do grupo, as práticas realizadas por eles carregam uma abordagem mais fechada e direcionada do que a abordagem, por exemplo, mais reflexiva de outros grupos. No Homens Essenciais, por exemplo, a hierarquia entre os três líderes e os participantes dos ciclos fica mais marcada exatamente porque eles se colocam nesta posição de instrutores mesmo, de especialistas não no assunto específico das masculinidades mas das práticas que conduzem.

Felipe Bonny, outro membro do HE também é apresentado em uma publicação no *Instagram*, da seguinte maneira:

¹⁶ É preciso enfatizar que enquanto o Brotherhood e o MEMOH estabeleceram os *podcasts* como uma das principais maneiras de se comunicar com seu público, usando o *instagram* como suporte de comunicação, os Homens Essenciais optaram por um outro caminho de produção de conteúdo: não investiram tanto em *podcasts*, visto que só lançaram dois episódios até o momento. Contudo, em sua página no *instagram*, o grupo demonstra uma frequência de publicação bastante alta e repleta de materiais diversos, desde fotos, vídeos, *lives* com convidado no formato de bate-papos, palestras, meditação guiada, entre outros.

Felipe Bonny é faixa preta de JIU-JITSU 1º grau e trabalha com a promoção dos valores clássicos da Arte Marcial, a formação do caráter e o empoderamento pessoal. Bonny realiza palestras, eventos, cursos e workshops demonstrando, de modo acessível, como aplicar, de maneira prática, esses dois princípios basilares das Artes Marciais na vida. Além disso, o Sensei Felipe Bonny é ator profissional. Utiliza-se de técnicas de atuação e de autoconhecimento para deixar uma mensagem clara em seu trabalho: "o ser humano é um canal de manifestação de diversas fases!" Para Bonny, instintos, emoções, sentimentos e pensamentos podem ser identificados, trabalhados e moldados de acordo com cada situação da vida. Como um dos facilitadores do Homens Essenciais, Bonny compartilha com o grupo diferentes vivências e experiências com intenção contribuir com a construção de uma cultura de saúde no universo masculino (HOMENS ESSENCIAIS, 2019b).

Como se percebe, diferentemente de Pedro, Felipe traz em sua trajetória uma vivência esportiva muito ligada às artes marciais e toda a sua filosofia, assim como também sua relação com as artes cênicas e é muito desse repertório que ele traz em suas práticas para os encontros do grupo. Como ele mesmo diz sobre os encontros, “lá nós fazemos várias atividades com o intuito de abrir os canais de compartilhamento com as pessoas, pra que as pessoas se sintam seguras, acolhidas e mais à vontade para poder estar trocando experiências entre homens” (BONNY, 2019).

Lucas Amaral, por sua vez, ao falar sobre como entende o Homens Essenciais fala muito mais das mudanças pelas quais ele passou e da importância do grupo para ele mesmo, partindo então de uma perspectiva mais subjetiva. Ele diz que o grupo tem o ajudado a lidar melhor com suas vulnerabilidades, medos e vergonhas. E acrescenta “Sou um homem que sofreu um pouco com a ausência de referências masculinas [...], então os homens essenciais me permite resgatar essas relações, construir camaradagens construtivas, amizades, [...]” (AMARAL, 2019)

Ele toca nesse ponto muito presente nos discursos atuais sobre masculinidades, especialmente nos grupos de gêneros, que é o da necessidade de se ter novas referências de masculino na sociedade, que na verdade se percebe que essas referências precisam ainda ser construídas, argumento que serve de justificativa para a criação de muitos desses grupos. Lucas Amaral é apresentado no *instagram* assim:

Lucas Amaral é doutor em Ciência Política e mestre em Antropologia Social. Atua como professor universitário desde 2015, aonde discute e pesquisa questões relacionadas a gênero, violência, masculinidades e direitos humanos nas interfaces entre a psicologia e as ciências sociais. Lucas é psicoterapeuta corporal Core Energetics (em formação), facilitador da "Arte de Viver em Paz" (com formação pela Unipaz - DF), facilitador de Comunicação Não Violenta (com formação pelo Instituto Tiê), membro da equipe de facilitadores da Formação Holística de Base para Jovens no âmbito da Unipaz-DF e um dos

coordenadores do Cânticos de Amor, projeto que dissemina cultura de paz através da música desde 2013 em Brasília. Atualmente, Lucas também atua como colaborador da Ser Essência Terapias, por meio do desenvolvimento de vivências terapêuticas, apresentações musicais e cursos junto com sua companheira, Fernanda Deva Gita. O Amit - como Lucas também é chamado - participa de grupos e encontros de homens desde 2012 (HOMENS ESSENCIAIS, 2019c).

Mais uma vez se percebe que a formação profissional destes três líderes do Homens Essenciais definitivamente não vem da mesma escola de saber, área de conhecimento. Eles conseguem reunir três homens com saberes e formações diversas, mas que se alinham em certo sentido e que conseguem juntos alcançar o tema das masculinidades. A experiência com Grupos de Homens torna o projeto HE muito autêntico, porque embora declaradamente terapêutico, a terapia que se faz uso nesses grupos não está definida, há muito de experimentação nesse processo.

Sobre Lucas Amaral também é colocado em seu *post* a maneira como ele entende o tema das masculinidades, ele diz:

[...] a transformação da masculinidade hegemônica e a construção de masculinidades mais saudáveis passa por resgatarmos o autocuidado masculino como dimensão humana e nos unirmos em prol da construção de uma sociedade mais equânime e ancorada na cultura de paz (HOMENS ESSENCIAIS, 2019b).

Aqui se evidencia um momento em que os conceitos de masculinidade hegemônica e de masculinidade saudável são acionados e se mesclam com outros conceitos como o de equidade [de gênero] e cultura de paz. Dentro desse emaranhado de chaves conceituais, o que um discurso como esse pode revelar? Pensando somente a formação do Homens Essenciais é latente a pluralidade conceitual que o constitui e o quanto isso é por eles mesmos publicizados enquanto aspecto positivo de se ter uma gama de ferramentas teóricas e recursos terapêuticos diversos para servirem ao seu público.

Em seu *site*, esse mesmo discurso é presente: “É essencial... ressignificarmos o modelo de masculinidade hegemônica que tem gerado tantos malefícios individuais e sociais” e ainda “O "HOMENS ESSENCIAIS" (HE) tem como missão promover reflexões e ações práticas para construção de masculinidades saudáveis, equidade de gênero e cultura de paz” (HOMENS ESSENCIAIS, 2020)¹⁷, o que demonstra um alinhamento de falas entre as mídias.

¹⁷ Disponível em: <<<https://homens essenciais.mailchimpsites.com/>>>. Acesso em: 14 mai. 2021.

No desenvolvimento de seu trabalho, o HE geralmente aborda assuntos como corpo, saúde, sexualidade, finanças, trabalho, família, amizade, sexo, espiritualidade, entre outros. Como supracitado, eles realizam rodas de conversas e vivências, mas também oferecem serviços corporativos de atendimento a empresas privadas, instituições educativas, já tendo realizado palestras, por exemplo, em penitenciárias.

Eu participei de apenas dois encontros antes de iniciar a Jornada Homens Essenciais, os quais foram ofertados gratuitamente como forma comercial de cativar o público a ingressar na Jornada que se sucederia, esta sim, com número limitado de participantes e com um valor financeiro estabelecido. O formato dos encontros segue um modelo muito parecido com o do Brotherhood. Inicia-se com uma música de recepção, depois uma atividade de aquecimento corporal, seguido de uma apresentação da temática da noite, uma introdução. Logo após há a divisão em salas, considerando que assim como o Brotherhood demandava um facilitador em cada sala e os únicos que cumpriam esses requisitos eram eles mesmos, os três integrantes do grupo – no caso do Brotherhood eles contavam com os chamados guardiões, que são membros que estão há mais tempo na comunidade e são convidados a facilitarem as salas/encontros.

Dentro das salas, não havia tempo para todos falarem, primeiramente porque não havia um tempo preciso estipulado para cada participante, apenas se solicitava bom senso no uso do tempo e o respeito à coletividade. E também porque entre a fala de cada participante havia a interferência do facilitador que comentava, sugeria uma prática, trazia algum conhecimento específico e essa é talvez a característica que mais consegue separar, na prática dos encontros, o HE do Brotherhood e do MEMOH. A presença dessa fala prescritiva ao final de cada partilha é o que de fato faz o grupo assumir esse posto de terapêutico e não reflexivo.

Ao final do tempo das salas separadas, volta-se para a sala principal com todo mundo e finaliza-se. Geralmente algum participante de cada sala era convidado a falar um pouco do que tinha sentido/percebido durante as partilhas. E ao fim, realizava-se alguma prática meditativa ou de conexão entre os membros.

Alguns depoimentos de participantes de ciclos passados foram selecionados e disponibilizados no *instagram* e no *site*, um deles assim coloca: “O Homens Essenciais é um espaço para o masculino saudável, no qual as trocas geram crescimento e iniciam um movimento de transformação que nasce de dentro para fora” (ZAMBELLI, 2020). Outro diz o seguinte: “O Homens Essenciais me possibilitou entrar em contato mais profundo com os meus desejos

sexuais de forma mais apropriada e, além disso estar num campo de igualdade com outros homens, independente da natureza de cada um” (RODRIGUES, 2020)¹⁸.

A partir desses depoimentos, que foram destacados pelo próprio HE, fica bem latente o levantamento dessa bandeira de cura das masculinidades, de um lugar saudável e apropriado que possa ser alcançado a partir de determinados caminhos, estabelecendo os procedimentos terapêuticos desenvolvidos no HE como um desses caminhos possíveis.

¹⁸ Disponível em: <<<https://homensessenciais.mailchimpsites.com/>>>. Acesso em: 14 mai. 2021.

4 A PRODUÇÃO DA DIFERENÇA EM GRUPOS DE HOMENS: ANÁLISE DO DISCURSO EM *PODCASTS* E NA REDE SOCIAL *INSTAGRAM*

A análise que se realiza aqui neste capítulo sobre os *podcasts* e os perfis de *instagram* de cada um desses grupos tem o objetivo principal de perceber e discutir sobre as diferenças discursivas que compõem esses mesmos grupos, entendendo também os pontos de convergência, os alinhamentos, para ao fim chegar a um cenário moral sobre o qual esses grupos se constroem e ao mesmo tempo acaba sendo construído também pela movimentação deles mesmos.

Os primeiros materiais analisados foram os *podcasts*. Na primeira observação o foco se direcionou para os discursos que cada grupo acionava para falar sobre suas compreensões de masculinidades e de gênero. Por isso, de antemão o principal indicador utilizado foram os usos das expressões “masculinidade/s”, “gênero”, “masculino”, “homem”, “feminino”, “mulher”, entre outras variantes. No decorrer da escuta, foi percebido que em alguns *podcasts* a discussão sobre gênero também estava atrelada ao uso de outros termos muito mais pertinentes à abordagem que aquele grupo usava. Assim, termos como “*ying*”, “*yang*”, “energia”, “machismo”, “patriarcado”, “sagrado”, entre outros, também passaram a ser observados e analisados.

Da mesma maneira, as expressões “masculinidades saudáveis” e “masculinidades tóxicas”, entre outras como “masculinidades frágeis”, “masculinidades agradáveis”, “masculinidades positivas” para os interesses desta pesquisa representam índices preciosos sobre os conceitos que têm sido discutidos no âmbito contemporâneo a respeito do tema masculinidades. Esses indicadores fizeram parte não só da análise do *podcast* como do *instagram* – a ser visto posteriormente.

Sobre o material de análise, do MEMOH foi observada a primeira temporada de seu *podcast*, com nove episódios que possuem em média 50 minutos, lançada em 2019. O formato do material é muito parecido com o *podcast* observado do Brotherhood, que também possui nove episódios, em média de 40 minutos, também lançado em 2019. Diferentemente dos dois, o Homens Essenciais só começou a produzir *podcasts* no ano de 2021, possuindo dois episódios de 15 minutos cada. Todos estes EPs estão disponíveis e foram ouvidos por meio da plataforma de *streaming Spotify*.

Os temas (títulos) abordados ao longo dos episódios do MEMOH foram nesta ordem: assédio em espaços públicos; machismo no trabalho; ausência paterna; homem de verdade; pedir

ajuda; medo do feminismo; amigo de mulher; passar pano e machismo no universo LGBTQIA+. Todos os episódios foram apresentados por Pedro de Figueiredo, com exceção do último, no qual a apresentação foi de Théo Costa, que, ao longo da temporada, participou bastante junto a outros nomes como Caio César, Fernando Cespe, Samuka, Lucas Gusmão, Ken Fujioka, Cris Dias, Wallace Terra, entre outros.

O formato de *podcast* adotado pelo MEMOH é o de roda de conversa intercalada por inserções de falas de ativistas e pesquisadores do tema. O discurso mais teórico e embasado fica por conta dessas falas, porque entre os convidados que repercutem essas falas geralmente a perspectiva é mais subjetiva. Pedro e seus convidados falam muito de seus pontos de vista, narram histórias suas, e se colocam enquanto pessoas que estão aprendendo sobre – recusando, assim, o discurso de autoridade.

As temáticas que o Brotherhood discute ao longo da temporada são: relacionamentos afetivos e o amor; o masculino e o feminino no homem; amizade entre homens; roda de partilha; sexualidade (parte 1); sexualidade (parte 2); sexualidade (parte 3); roda de consentimento e o silêncio dos homens. O Gustavo Tanaka apresenta todos os episódios e entre os seus convidados estão os membros da própria comunidade Brotherhood: Thiago Arruda, Vinícius Silva, Rafa Rios, Bernardo Quintão, Fábio Riraiema, Roberto Moltemor e Marcela Torino – esta última não integra a comunidade Brotherhood, inclusive é a única mulher que participa do *podcast*, nos episódios 1 e 2, e o faz porque ela foi responsável por uma prática dentro da comunidade e por isso foi convidada para falar um pouco sobre seu trabalho no *podcast*. Ela participa então na posição de especialista do assunto, em sua *bio*¹⁹ no *instagram* se define como *coaching* ontológico/terapia transpessoal.

No que se refere ao formato, assim como o MEMOH, eles estabelecem o roteiro como uma conversa, mas sem o uso do recurso de inserção de falas de pessoas externas adotado no MEMOH. A voz do discurso presente nesses *podcasts* transita bastante entre uma voz coletiva “nós, o Brotherhood...” e a voz mais individualista “eu, na minha experiência de vida”. E de fato, as falas partem dessa experiência do pessoal e do coletivo “Brotherhood” – há aqui uma intenção bem marcada de definir essa identidade da comunidade – mas é um discurso endereçado para o homem em geral.

O grupo Homens Essenciais, como supracitado, possui apenas dois episódios, a saber: “artes marciais e as emoções dos homens”, com duração de 15min29seg, apresentado pelo Felipe

¹⁹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/marcelatorino/>>. Acesso em: 03 abr. 2022.

Bonny, e “masculinidades saudáveis e sexualidade”, apresentado pelo Pedro Maia de 15min39seg, lançados respectivamente em 29 de janeiro e 05 de fevereiro de 2021. O formato de apresentação difere-se bastante dos outros dois *podcasts*, já que nesse caso não há convidados e não há conversa/debate, trata-se somente do apresentador falando sobre o assunto, apenas ele do início ao fim – exatamente por isso, o produto acaba tendo uma duração menor que os outros analisados.

No *instagram*, a análise foi orientada por outros indicadores. Após uma leitura flutuante (BARDIN, 1977) que consistiu em olhar de forma geral para todas as publicações selecionadas, pôde-se ir classificando e agrupando estes conteúdos em categorias específicas, estabelecidas de acordo com os interesses da pesquisa somado ao material que se apresentou nesta amostra de material que estruturam as seções deste texto, a saber: (1) masculinidades, que tinha a ver com a menção/discussão de algum conceito referente ao tema; (2) público, no qual se inseriu tudo que fazia referência à delimitação do público presente no próprio texto da legenda ou imagem – tanto a categoria 1 quanto a 2 se fazem presentes na seção 4.1; (3) mercado/social, levantado sempre que a publicação trazia este aspecto comercial mais latente ou o contraponto de uma publicação que trazia o aspecto mais social, discutida na seção 4.2; (4) terapia/reflexão, categoria criada para inserir os conteúdos que indicava uma postura mais terapêutica na abordagem desses perfis, presente na seção 4.3; e por último (5) não-significativo, em que se colocou todos os *posts* que serviam para divulgar eventos, ações, conteúdos de outros perfis, e que de modo geral não informava nada aos interesses desta pesquisa.

4.1 O Discurso sobre as Masculinidades, as Representações Identitárias e a Construção de Público

Todos estes grupos de gênero estão situados conscientemente dentro do campo das masculinidades, esta é a base de todos os seus discursos. Por conseguinte, tudo o que dizem e produzem alimenta esse tema, ao mesmo tempo em que os discursos adotados por eles sobre o tema os compõem, marcando sua identidade. Neste sentido, um aspecto que se torna importante é o das identidades, mesmo com foco no sujeito masculino, sabe-se que esse indivíduo não é único, mas como esses grupos conseguem dar conta da pluralidade de homens? Representar essa pluralidade é mesmo uma preocupação legítima ou uma estratégia de construção/seleção de público? Quais desses grupos estão ou não interessados em atender demandas de um grupo

heterogêneo de homens? Que interesses e que maneiras são essas de se conduzir tais objetivos e preocupações?

A forma como cada um destes grupos se apresenta em seus *podcasts* quanto aos seus objetivos já revela alguns indícios. O MEMOH diz que seu propósito é “[...] promover a equidade de gênero fazendo o homem refletir sobre seu próprio comportamento com ele, com os outros e com a sociedade. O MEMOH existe porque problemas de gênero são também problemas nossos” (FIGUEIREDO, 2019). Já o Brotherhood informa o seguinte: “A ideia do podcast do Brotherhood é a gente explorar diferentes aspectos das masculinidades, ou das novas masculinidades, criar uma nova visão do que é a masculinidade e de como o homem pode se comportar” (TANAKA, 2019a). O Homens Essenciais, por sua vez, se apresenta enquanto uma “Comunidade de homens do século XXI que busca viver e se posicionar em favor do que é ESSENCIAL” (MAIA, 2021) e afirma ser um *podcast* exclusivo para homens.

Enquanto o MEMOH aponta para o argumento da “equidade de gênero”, o Brotherhood avança para o pensamento das “novas referências de masculinidades” e o Homens Essenciais lança luz sobre o ideal de “comunidade de homens” e de “essencial”. Aqui se tem um ponto de partida. Estes pontos em que se ancoram as definições de cada grupo não revelam por si só diferenças e nem polaridades discursivas ainda, mas demonstram posicionamentos distintos entre esses grupos.

O Brotherhood aborda o tema do masculino sob vieses complexos. Ao mesmo tempo em que indicam o objetivo de construir novas referências de masculinidades, eles buscam na espiritualidade e na ancestralidade respostas para se entenderem como homens e entenderem o que é ser homem. Da mesma forma que admitem a pertinência do social e da cultura na construção e manutenção de diversos padrões e códigos de gênero, a base de seu discurso se apoia num pensamento que afirma que o masculino e o feminino já habitam em todas as pessoas, compreendendo esse masculino e feminino como energias pré-existentes com as quais todo ser humano tem que lidar ao longo da vida.

Buscando a referência na medicina chinesa, essas energias são relacionadas ao *ying* (feminino) e *yang* (masculino), no episódio 01 do *podcast* é explicado:

Ying e *yang* são qualidades energéticas que existem no universo. A energia *ying* é a *energia* magnética [...] a *energia yang* é elétrica. Tudo que vive no universo vive pelo movimento dessas duas *energias*, elas se alimentam. Todos temos todas essas *energias* em nós. As mulheres por terem uma anatomia diferente, *feminina*, elas tem uma energia fria, a energia *ying* e os homens uma *energia* quente, a *yang* (TORINO, 2019).

Essa interpretação não somente é explicitada no *podcast* mas também nos encontros. Há uma preocupação em deixar claro que o fato do indivíduo homem ter majoritariamente a energia *yang*, a energia masculina, isso não quer dizer que ele só a tenha ou que ele não possa explorar também a sua energia feminina (*ying*). Sendo, portanto, muito possível e muito recomendável, segundo a forma como o Brotherhood defende, que todos os homens busquem de fato estabelecer esse diálogo entre as energias, equilibrando-as. Um dos propósitos do grupo é exatamente ser um facilitador, uma guia nesse processo de balanceamento de energias, que deve ser também, nesse sentido, o propósito de todos os homens da comunidade.

Da mesma maneira que existe a preocupação em garantir a fluidez de energias – e garantir que isso nada tenha a ver com a sexualidade daqueles homens – preocupa-se também em evidenciar que a energia masculina não é por si só negativa, e nem a feminina somente positiva. Ambas são energias que possuem traços bons e ruins – e a pessoa pode controlar essas características, usando somente as que forem benéficas para sua vida, explorando o que há de bom em cada uma das duas.

Algumas falas presentes no episódio 2 do *podcast* demonstram isso: “[...] aspectos da *masculinidade* ruim, que é o egoísmo, o centramento, o pensar, a ideia do macho-alfa dominante. Isso começou a quebrar quando eu voltei a trilhar o caminho da espiritualidade” (TANAKA, 2019b). E ainda “minha criação foi direcionada para essa separação: coisa de homem e coisa de mulher. [Depois eu entendi] que eu poderia desenvolver meu lado *feminino* e isso não me tornava menos homem, mas um ser humano mais completo” (TANAKA, 2019b).

Como se pode perceber, ao se falar em aspectos de uma masculinidade ruim e trazer alguns adjetivos para qualificá-la fica evidente que há uma masculinidade dotada de características próprias e que não dependem de um contexto social para assim ser, pois é inata. Embora se afirme que a masculinidade não é por si só ruim, e que também possua traços positivos – todos estes traços são fixos desta masculinidade –; da mesma maneira que as características ruins e boas da feminilidade também estão dadas, existem independentemente de uma produção histórica/cultural. Sendo assim, o que é oferecido por esse grupo como alternativa

a esses fatos energéticos é a possibilidade de gerir essas energias, se permitir fluir entre elas e assim, tornar-se um “ser humano completo”.

Entretanto, mesmo com esse discurso essencialista que recorre ao argumento das energias inatas e em outros momentos à justificativas biológicas para abordar as diferenças anatômicas e hormonais entre o corpo feminino e masculino e o quanto isso interfere nas formas de sentir e interpretar o mundo, não há um abandono dos argumentos que podem ser considerados mais de ordem sociológicas. Por exemplo, ao falar sobre a energia *ying* e *yang*, Marcela Torino explica “a sociedade é que bloqueia nossas *energias*, o equilíbrio entre elas, a natureza não [...] Tem a questão da natureza e a cultural” (TORINO, 2019b). Aqui é interessante notar o esforço de alinhar discursos e produzir a especificidade do seu pensamento.

Entende-se a natureza enquanto ponto de partida e a cultura como aquilo que afasta as pessoas desta condição natural prévia. Nesse sentido, para restabelecer uma conexão consigo mesmo e buscar desenvolver uma masculinidade dita saudável, seria necessário este retorno ao autêntico, natural, puro e equilibrar estas energias no dia a dia em sociedade, mas para operar tal tarefa antes de mais nada se faz preciso romper com a cultura que limita, que impõe modelos arbitrários que nada têm a ver com a essência de cada um.

Não há uma crítica ou um julgamento moral sobre aquele indivíduo homem que possa viver em harmonia usando mais sua energia feminina, do que a masculina. O discurso é até certo ponto libertador no sentido de “encontre seu verdadeiro eu”. Mas ao falar e tratar dessas energias há irrefutavelmente uma qualificação delas mesmas que as colocam em polos opostos e numa leitura binária do mundo também evidentemente limitante – tal qual a crítica que fazem sobre a cultura.

Por exemplo, embora não se considere a delicadeza uma característica ruim, se considera sim a delicadeza uma característica feminina. Ao passo em que aspectos como força, hiperatividade, assertividade são atribuídos ao homem – ainda que não numa intenção de dizer qual energia é melhor, elas são sim estabelecidas como fundantes e fixas.

O MEMOH, diferentemente do Brotherhood, não apresenta em seu discurso nenhuma menção à espiritualidade, energias masculinas, *ying* e *yang*, entre outros. O discurso sobre masculinidades no MEMOH dentro dos episódios é sempre trazido por algum especialista ou ativista do assunto e a discussão acontece entre os convidados que se posicionam sempre de forma subjetiva. Para falar sobre feminismo, por exemplo, eles utilizam uma fala da Djamilia Ribeiro, e antes de expor seu áudio, Pedro de Figueiredo anuncia: “não dá para falar sobre

feminismo sem falar de Djamila Ribeiro, é uma grande referência, talvez a maior referência que temos nesse debate. [...] Djamila é uma mulher incrível, é uma das maiores inspirações para a criação do MEMOH, inclusive” (FIGUEIREDO, 2019a). Nesse mesmo episódio, com o título de “medo do feminismo”, diversas falas de outras mulheres feministas são trazidas para a discussão, ao passo em que na discussão entre os convidados geralmente eles apenas concordam com elas e falam o quanto desconheciam tais questões e como tem sido esse processo de desconstrução.

Em outro episódio, a psicanalista Regina Navarro Lins também contribui com o *podcast* falando sobre o patriarcado e a construção histórica do homem:

O sistema *patriarcal* dividiu a humanidade em duas partes: homem pra um lado, mulher pro outro. E determinou com muita clareza o que é masculino, o que é feminino, criou um ideal masculino. O ideal *masculino* é o homem ter força, sucesso, coragem, nunca falhar no sexo, não recusar nenhuma mulher, fazer sexo com o máximo delas (LINS, 2019).

Em outro episódio, intitulado “machismo no universo LGBTQIA+”, um convidado é o professor Dr. Adriano Beiras que traz o conceito de heteronormatividade e outras questões pertinentes à discussão do episódio. Ele diz:

Ser um homem não heterossexual não é uma garantia de grandes rompimentos com grandes diversas normas sociais que ainda estão estagnadas e presentes na nossa sociedade impedindo a diversidade de modos de vida possíveis e de existências. É apenas um aspecto. Que tipo de homem não heterossexual você é? Que normas ainda estão na sua vida? O que se ganha em romper com a heteronormatividade? (BEIRAS, 2019).

Dessa maneira, o MEMOH se isenta de ser a voz que enuncia o discurso mas se posiciona, de algum modo, em concordância com essas vozes que ele dá espaço em seu *podcast*, como uma maneira mais indireta de se colocar. O Brotherhood, quando trata do assunto sobre energias *ying* e *yang*, também recorre à figura de uma especialista, a “*coach* ontológica” Marcela Torino, para falar sobre. E nos dois casos, ainda que os integrantes do programa nunca falem de forma generalizante ou teorizante, é fácil identificar o quanto um grupo se afina com um pensamento mais essencialista e outro com um pensamento mais sociológico no trato das masculinidades.

Diferentemente, o grupo Homens Essenciais em apenas dois episódios já deixa marcadas suas peculiaridades. O formato é uma espécie de monólogo, apenas quem fala a cada episódio é uma pessoa – Pedro Maia e Felipe Bonny, respectivamente – ou seja, não há uma terceirização do discurso, eles mesmos se colocam em nome do grupo e como especialistas. Isso, talvez, tenha muito a ver com a abordagem terapêutica que esse grupo sempre assumiu e essa característica

fica perceptível não somente nos encontros promovidos por eles, nas jornadas, etc., como também no *podcast*.

No episódio chamado “Masculinidade Saudável e Sexualidade” o fisioterapeuta Pedro Maia fala sobre a percepção do orgasmo por parte dos homens e das expectativas de *performance* sexual, muito pautadas em um senso comum, e o quanto isso é prejudicial à sexualidade masculina. Pedro Maia traz sua visão pessoal bastante carregada da sua vivência profissional:

De que lugar eu to falando aqui com vocês? A partir de um lugar de quem já viveu isso na prática e que acolhe homens que vêm conversar sobre isso comigo no consultório e que muitas encontram no consultório um refúgio para falar de certas coisas que normalmente a gente não falaria por ai [...] (MAIA, 2021a).

O discurso aqui é então emitido por Pedro Maia numa perspectiva individual/pessoal, profissional e ao mesmo tempo representando o grupo Homens Essenciais. Outro elemento interessante a ser observado não é só sobre o que fala o discurso ou quem o fala, mas para quem se fala. Nesse mesmo episódio, Pedro Maia traz alguns mitos que permeiam e modelam o imaginário social sobre sexualidade masculina e inicia falando sobre o assunto ereção:

A gente tem duas formas de avaliar a função erétil no homem. A primeira é a capacidade do homem de iniciar um padrão de ereção que seja satisfatório, entendam satisfatório como... quando a gente tá falando de uma relação heterossexual, satisfatório geralmente tá relacionado a um padrão de ereção que permita o intercurso com penetração. E no segundo ponto, o quanto você consegue manter esse padrão de ereção satisfatório do início até o final da relação sexual (MAIA, 2021a).

Em outro momento, ele continua:

Quando a gente fala de ereção, a gente fala ai de um mito, primeiro que você tem de ir de 0 a 100 em 6 segundos, como uma BMW, e mantendo essa performance de um hiper atleta sexual do primeiro momento da troca sexual até os últimos momentos. Então, isso por si só, na minha opinião, a gente já pode procurar desconstruir um pouco, procurar problematizar um pouquinho essa questão (MAIA, 2021a).

É pertinente notar que há uma especificação de que ele se refere ao sexo heterossexual, pensando a ereção e a penetração dentro de uma relação sexual entre um homem e uma mulher. Há um recuo ao falar sobre o que seria uma “ereção satisfatória” e evita-se estender esta explicação para todas as sexualidades; a partir desse recuo ele evita incorrer em equívocos ao fazer tal afirmação, se resguarda e fala apenas sobre o que ele tem propriedade, portanto, da sexualidade heterossexual.

O que não seria estranho se de fato o público deles fosse declaradamente o heterossexual, mas o Homens Essenciais em tese se dirige a todos os homens. Então, nesse sentido, acaba sendo uma decisão excludente pois não contempla as diferenças dos homens a quem eles se dirigem. Neste mesmo episódio, em outro momento há um retorno a uma situação em que Pedro Maia precisa explicitar que está falando sobre uma relação heterossexual – isso por si só não é problematizável, visto que é mesmo sensato ponderar suas falas em relação àquilo que é pertinente a cada sexualidade/grupo para não criar a ideia de que os homens a quem eles se dirigem são todos iguais. Não são. Eles reconhecem. Mas em nenhum momento nesse episódio houve uma fala que abordasse uma ou outra sexualidade distinta. Nesse sentido, há um reconhecimento das diferenças de seu público, mas não há uma contemplação dessas diferenças, visto que dentro desses dois episódios, eles só conseguiram falar de um único homem, o heterossexual.

O Brotherhood segue este mesmo padrão: eles afirmam estar abertos a todos os homens, qualquer indivíduo que se identifique como homem, todavia o conteúdo que se apresenta no *podcast*, aborda muito mais a masculinidade heterossexual. Homossexuais até são citados em contextos parecidos com os do Homens Essenciais: “[...] falando de relações heterossexuais, porque é mais fácil de identificar as *energias*, mas em casais homossexuais também, sempre vai ter um mais *ying* e um mais *yang*” (TORINO, 2019b). Mas sempre dessa forma simplificada, e as outras sexualidades sequer são lembradas.

O MEMOH neste aspecto é um caso que se diferencia. Primeiro por ter em todos os episódios no mínimo um integrante homossexual que se coloca e traz suas percepções muito a partir de suas vivências enquanto homem *gay*, além de ter tido ao longo da temporada também homens bissexuais. A presença dessas pessoas LGBTQIA+ no programa já é um passo maior no sentido de ser representativo. Não houve a necessidade de haver um programa sobre masculinidades homossexuais, por exemplo, para ter um homem *gay* falando. Pelo contrário, teve um homem *gay* falando em todos os episódios e sobre todos os assuntos pertinentes às masculinidades. E ao fim da temporada, o último EP tratou do “machismo no universo LGBTQIA+” e foi um programa que conseguiu colocar em diálogo vozes que geralmente não são ouvidas nesses debates – a partir de falas de pessoas pertencentes à comunidade LGBTQIA+.

A intenção aqui não é discutir que grupo ou que *podcast* representa melhor um público plural ou algo parecido. Esses grupos não são simples iniciativas sociais com intenção de

transformar o meio, são negócios, são serviços e estão inseridos numa lógica de mercado; portanto, nada mais óbvio que eles determinem um público alvo alinhado também com um discurso publicitário que apele de forma convincente a uma questão social que produza uma imagem positiva do grupo/comunidade/movimento para toda a sociedade, de uma maneira geral. Mas, sobretudo, nem sempre a escolha desse público alvo está atrelada a esse discurso.

A análise dos perfis de *Instagram* de cada um destes Projetos selecionados permitiu avançar nestas questões referentes à forma do discurso sobre gênero e masculinidades e o modo que com isso eles conseguem direcionar/definir um público. Os *posts* analisados por esta pesquisa e classificados na categoria “público” do Brotherhood nos revelam pistas sobre quais chaves de leitura usam para pensar as masculinidades e conduzir os encontros e partilhas. Em um *post* de novembro de 2020, ao divulgar um encontro mensal que seria realizado virtualmente no mês de dezembro, a legenda foi a seguinte:

[...] Entramos no mês de Dezembro, onde a temática de violência vêm à tona com os diversos acontecimentos das últimas semanas, principalmente em nosso país. Assim, vamos explorar e aprofundar mais nessa temática na nossa roda de partilhas. Vamos falar sobre as diferentes formas de violência que existem e aprendermos juntos porque *a violência está sempre relacionada com o universo masculino* [...] (BROTHERHOOD, 2020a, *grifo nosso*).

Eis aqui um convite para discutir o tema da violência que parte da premissa de que ela está sempre relacionada com o masculino. Trata-se de uma qualificação dessa masculinidade que eles abordam. Em outra publicação, ao falar sobre um novo encontro com a proposta de discutir a missão do homem, num sentido de entender as responsabilidades do homem no mundo, é dito:

[...] *Nós homens somos guiados por um senso de missão*. Sentimos a necessidade de *realizar*, de *fazer* coisas e *atuar* no mundo. Quando a compreensão sobre sua missão no mundo não está clara, o homem se perde nos *desejos egoístas* e deixa de *servir o mundo*. Mas quando está sintonizado com seu papel no mundo, pode direcionar sua *energia* de realização para uma missão com propósito. É essa *compreensão da missão* para agir em *benefício do mundo* e de todos os seres que queremos acessar juntos neste encontro [...] (BROTHERHOOD, 2020b, *grifo nosso*).

Neste momento, o Brotherhood adota um texto em boa medida abstrato por conter um bom número de frases generalizantes e pouco práticas; mas também em razão das generalizações feitas a partir de enunciados absolutamente afirmativos se consegue ter acesso à compreensão desta Instituição. Fica evidente a existência de um senso de missão pertinente a todos os homens e que esse senso mobiliza ações – expressas nos verbos “realizar”, “fazer”, “atuar” – que reforçam o caráter “ativo” do homem e que são aqui positivadas. A ausência e o desligamento

desse senso – pode-se deduzir, universal – é o que aproxima o homem do egoísmo (qualidade negativa) e assim ele deixa de servir o mundo.

A expressão “servir o mundo” torna-se emblemática porque evidencia o que, na leitura do Grupo, seria o propósito do homem – talvez não o principal, mas um deles. Na sequência, se afirma que essa compreensão da missão é condição para que o homem possa agir em benefício do mundo. A abstração do texto não explicita o sentido de “servir o mundo” e nem o de “agir em benefício” do mesmo, mas indica que estes sentidos já estão estabelecidos. Logo, o convite para o encontro se torna um convite para conhecer essas verdades.

Um questionamento que ficou foi: em que conhecimentos se sustentam tais sentidos, já que o texto do *post* não faz referência a nenhuma fonte? Numa outra publicação, ao menos uma área do saber é acionada quando eles divulgam um novo evento, uma imersão na prática chamada “o despertar do guerreiro interno”:

Nessa semana começamos a oferecer vivências online para apoiar os homens neste momento de isolamento. Teremos a honra de formar essa aliança com o [@o_dgi](#) com uma prática conduzida pelo Sensei [@fernandobelatto.odgi](#). Para quem não conhece, O-DGI, O *Despertar do Guerreiro Interno* é uma arte marcial desenvolvida pelo Fernando e trabalha o *equilíbrio do masculino com o feminino* por meio de posturas de poder, movimentos e práticas meditativas (BROTHERHOOD, 2020c, *grifo nosso*).

O método O-DGI vem das artes marciais e trata-se de uma prática física que estimula o auto-conhecimento e a saúde mental e emocional, criado pelo brasileiro Fernando Belatto em questão, o profissional anunciado na postagem. É interessante notar que, novamente, o discurso sobre o equilíbrio do masculino e do feminino aparece no Brotherhood e a forma como eles se identificam com práticas imersivas, orientadas por essa divisão dicotômica. Em outro *post* sobre o mesmo evento, afirma-se “no Brotherhood, além dos espaços de conversa sobre masculinidade, buscamos desenhar experiências que nos conectem com sabedorias ancestrais e práticas que nos fazem evoluir como homens” (BROTHERHOOD, 2020d).

Se se entende essa proposta de evolução dos homens numa perspectiva de busca por melhoria pessoal, podemos associá-la às ideias de autodesenvolvimento, autorrealização e crescimento individual. Processos esses que envolvem uma série de aprimoramentos, de virtudes, de autopercepção, de autoconhecimento enquanto prática-chave e demais habilidades e tarefas que estejam a favor do bem-estar emocional.

Aqui a leitura da obra de Charles Taylor (2011) sobre autenticidade, *self* e individualismo pode trazer contribuições significativas. Taylor argumenta que ser autêntico implica em estar em

contato com nossos valores e objetivos mais profundos, numa lógica na qual buscar autenticidade significa trilhar um caminho para o autodesenvolvimento partindo do olhar para si, o que, em sua obra, está completamente relacionado a uma ideia de evolução moral. Do mesmo modo, se vê presente essa ideia na formulação “evoluir como homens” do Brotherhood e sua proposta de compreensão das masculinidades, muito atrelada também a conhecimentos ancestrais.

Apesar disso, eles também demonstram estar alinhados, ou minimamente atualizados, com conceitos e discussões acadêmicas, por exemplo, como se percebe na publicação a seguir:

“Eu queria ser uma mosca para poder estar num dos encontros do Brotherhood”. Essa é uma frase que a gente escuta com muita frequência por parte das mulheres. Existe uma grande curiosidade em saber o que surge nas conversas dos nossos encontros. Ao mesmo tempo, sabemos que tem muitos homens que têm curiosidade, mas não se sentem preparados de se inscrever numa das nossas rodas. Pensando nisso e diante de uma vontade nossa de compartilhar mais, vamos iniciar uma sequência de lives do Brotherhood. A cada semana teremos participantes do nosso grupo conversando e compartilhando aprendizados de desconstrução daquilo que chamamos de *masculinidade hegemônica* de forma vulnerável e leve (BROTHERHOOD, 2020e, *grifo nosso*).

Dentro da análise do Instagram, uma das ações mais fortes de engajamento na plataforma foi essa série de transmissões ao vivo que o Brotherhood promoveu, na impossibilidade dos encontros pessoais, e ainda antes de aderir aos encontros fechados e exclusivos para homens virtualmente. Então, essas *lives* foram uma forma do Brotherhood se comunicar também com mulheres e outros públicos que nunca haviam participado de uma jornada com eles, uma maneira também de chamar atenção para esses encontros fechados e para a comunidade Brotherhood como um todo. As temáticas abordadas nas *lives* foram diversas, sempre relacionando com o universo das masculinidades foi possível falar sobre: racismo, homofobia, branquitude, capoeira, causa indígena, paternidade, entre outras.

Nesse sentido, da mesma forma que esses assuntos todos foram trazidos com intenções nítidas de expandir o campo de fala do projeto e atrair mais público, o uso de termos e expressões atuais sobre masculinidades também foram usadas como maneira de ampliar o leque de pessoas que vão ser alcançadas por aquele discurso. Contudo, algo também pertinente neste uso da expressão “masculinidade hegemônica” é o vício de linguagem. Atualmente, quando se fala em masculinidade tóxica, hegemônica, saudável, frágil se percebe pouca preocupação com o que de fato significa e com a bagagem conceitual que estes termos carregam, mas muitas vezes

dentro de um senso comum que compreende “masculinidade hegemônica” como o modelo estabelecido e ruim, ao qual todos devem se opor.

De qualquer modo, o que se tem como dado é que em nenhuma das aparições dos termos “hegemônico” e “tóxico” no material observado houve uma tentativa de explicar o sentido deles. As poucas vezes em que aparecem, aparecem como se seu significado já estivesse estabelecido, como expressões comuns, geralmente como sinônimos, sem citar fontes ou maiores explicações. Isso abre espaço para o senso comum preencher esses conceitos com as informações que lhe sobram.

O conteúdo do *Instagram* do Homens Essenciais fornece materiais ricos para análise, mas segue uma linha de raciocínio parecida com a do Brotherhood. Dentro da categoria “masculinidades”, estabelecida por esta pesquisa para organizar o material de análise, uma das publicações mais emblemáticas é a que distingue o homem essencial, dotado de uma masculinidade saudável, do homem tradicional, que seria o homem representante da masculinidade hegemônica. O *post* conta com quatro imagens em carrossel (formato de publicação múltipla de imagens) nas quais se apresentam as características básicas de cada um desses modelos de homens.

De acordo com os *cards*, o homem tradicional (1) assume o controle; (2) ignora conselho de especialistas; (3) recusa ajuda de amigos/familiares; (4) reprime as emoções/sentimentos e não demonstra vulnerabilidade; (5) dorme menos para produzir mais trabalho. Além disso, acrescenta-se que esse homem “faz uso constante de substâncias químicas para dar conta ou se recompensar. Culpa os outros pelos problemas e desafios da vida. Não sabe pedir desculpas. Tem dificuldades de falar ‘eu te amo’” (HOMENS ESSENCIAIS, 2021a).

Já o homem essencial, que representa a masculinidade saudável, (1) compartilha liderança e decisões; (2) ouve especialistas e segue recomendações; (3) pede e aceita ajuda; (4) compartilha suas emoções/sentimentos/vulnerabilidades; (5) descansa antes de colapsar. É um homem que “está em busca de aprimoramento pessoal constante. Assume a responsabilidade por seus próprios atos. Pede desculpas e faz autocríticas. Fala ‘eu te amo’” (HOMENS ESSENCIAIS, 2021a).

Este conteúdo determina uma série de ações que se entende como ideais para o comportamento do homem, baseada numa ideia de masculinidade saudável. Estabelece-se, praticamente, um *check-list* para que cada homem possa seguir em prol de benefícios para si

mesmo - ainda que esse melhoramento de si possa reverberar nas pessoas ao redor a partir das relações interpessoais, o que se propõe é um foco específico no eu, em aprimoramento pessoal.

Ao analisar esta publicação à luz das ideias da socióloga Eva Illouz (2010), surgem algumas pontuações pertinentes. Primeiramente, a abordagem proposta pela publicação reflete uma visão unidimensional da masculinidade saudável, que se concentra excessivamente no aprimoramento pessoal e na busca individual por sucesso e autorrealização. A autora argumenta também que essas noções de auto-ajuda, frequentemente, perpetuam uma cultura narcisista, na qual a valorização do indivíduo se sobrepõe à coletividade e à preocupação com os outros, o que ela atribui também à nossa cultura terapêutica e sua relação com o individualismo.

Ao fazermos um chamamento para nos retirar de dentro de nós mesmos, a doutrina terapêutica nos fez abandonar os grandes mundos da cidadania e da política, e não pode nos proporcionar um modo inteligível de conectar o “eu” privado com a esfera pública, porque esvaziou o “eu” de seu conteúdo comunitário e político, substituindo-o por sua preocupação narcisista por si mesmo (ILLOUZ, 2010, p. 13).

Além disso, a ênfase na busca por aprimoramento pessoal, sem uma reflexão crítica sobre as normas e expectativas de gênero subjacentes, pode perpetuar estereótipos prejudiciais. Illouz (2010) argumenta que as noções de masculinidade e feminilidade são construídas socialmente e que é fundamental questionar e desafiar essas construções a fim de promover relações igualitárias e saudáveis.

Em outro material, vê-se que uma comparação semelhante a essa é novamente realizada. Dessa vez, esboça-se uma analogia entre as categorias de homem arcaico *versus* homem essencial, para fazer uma abordagem sobre o tema “luto”.

Os homens podem vivenciar uma sensação de LUTO quando iniciam sua jornada de autoconhecimento. Isso pode ocorrer quando o homem começa a refletir sobre seus privilégios, mas principalmente quando ele se torna disposto a se desconstruir e a abrir mão de tais privilégios. Este é um processo lento e gradual. O luto a que me refiro é aquela sensação de vazio e perda de poder que estamos todos sujeitos ao passar por situações traumáticas. Para a maioria dos homens, as experiências de luto são mais desafiadoras pois muitas vezes, lhes carecem recursos emocionais básicos, como deixar os sentimentos virem a tona e fazer um simples pedido de ajuda (HOMENS ESSENCIAIS, 2021b).

Na sequência da legenda, narra-se a história de João, um homem (arcaico) que após uma perda significativa em sua vida (demissão do emprego, desilusão amorosa, perda de ente querido etc.) não sabe lidar emocionalmente com ela em razão da falta de uma referência de masculinidade (saudável/essencial) em sua vida. Não é difícil perceber que dentro das estratégias

de comunicação do grupo HE eles objetivam, de fato, criar e estabelecer esse conceito de homens essenciais, associado e sendo também uma alternativa ao conceito de masculinidade saudável. Eles “criam” a expressão e se esforçam para transformá-la, no discurso deles mesmos, em sinônimo de outra expressão já amplamente utilizada que é a de masculinidade saudável que eles mesmos definem como “[...] um termo criado para se opor ao termo masculinidade tóxica ou hegemônica” (HOMENS ESSENCIAIS, 2021c).

Diferentemente do Brotherhood, o HE destrincha melhor os termos e conceitos que apresenta em seus textos. Um bom exemplo disso é a série de *posts* intitulada “Dicionário dos Homens Essenciais” em que eles explicam para o público algumas palavras-chave que o projeto deles abrange. Dois desses *posts* são importantes de serem destacados aqui. Em um primeiro a palavra é “sororidade” e é feita uma abordagem do feminismo para explicar esse conceito.

Sororidade diz respeito a um comportamento de não julgar outras mulheres e, ainda, ouvir com respeito suas reivindicações. Trata-se de um movimento de apoio ético e emocional entre as mulheres. O termo surgiu na década de 1970 na obra da escritora Kate Millett ao propor uma luta conjunta entre as mulheres. Hoje o termo também envolve incentivo, não competição e acolhimento entre mulheres. Por que não usar sororidade entre homens? A sororidade se origina nos feminismos diante de muitas violências e injustiças vividas pelas mulheres fruto de uma cultura patriarcal. Portanto, considerando-se que homens são os grandes autores das violências e beneficiários dos privilégios patriarcais, estaríamos deturpando a ideia de sororidade ao usá-la para os homens. Seria um típico “bropriating” (apropriação de idéias de mulheres por homens) (HOMENS ESSENCIAIS, 2021d).

Em seguida, no mesmo texto, é refletido sobre a pertinência da apropriação do conceito para o campo das masculinidades.

Qual equivalente à palavra sororidade para os homens? Acharmos essencial usarmos - e, principalmente, praticarmos - os termos “fraternidade” e “camaradagem saudável”. Embora não façamos parte de um movimento organizado, tal como os feminismos, existem cada vez mais projetos de homens voltados à resignificação dos imperativos da *masculinidade hegemônica* e a revisão de modos de ser, agir e pensar masculinos rumo a uma *masculinidade mais saudável* (HOMENS ESSENCIAIS, 2021d, *grifo nosso*).

Esses conceitos propostos de “fraternidade masculina” e “camaradagem saudável” são também caracterizados na continuidade da legenda. Considera-se que uma relação de cuidado entre homens, que tenha abertura para exposição de vulnerabilidades, para conversas francas e críticas sobre comportamentos nocivos e/ou preconceituosos seja essa uma relação de camaradagem saudável, definida como um paralelo entre a expressão sororidade. E mais uma vez, é latente o esforço do Homens Essenciais em explicitar e apresentar o campo de atuação

deles para o seu público, mas também de propor uma leitura direcionada sobre esse campo com grande foco mesmo em particularizar essa leitura e assim, demarcar uma identidade do projeto.

Outra palavra-chave apresentada pela série “Dicionário dos Homens Essenciais” é justamente a palavra masculinidade:

A maioria dos homens crescem escutando frases como: “homem não chora”; “homem que é homem é forte”; “homem é quem manda”; “falar de sentimentos é frescura”; etc... Além disso, espera-se que todo o homem seja “o homem dos 3 Ps”: o Provedor, o Produtor e o Protetor. [...] A *masculinidade hegemônica* gera uma pressão incessante de termos que provar que somos homens com H maiúsculo! Para nós é essencial ressignificar esse processo e entendermos as *múltiplas masculinidades* como viáveis e legítimas estabelecendo, no entanto, um acordo ético em busca de romper com padrões de ser e agir como homens que geram violência, desleixo com a saúde e descuido e tanta competitividade. É essencial construirmos caminhos para vivermos *masculinidades plurais, saudáveis*, que estimulem *equidade de gênero, camaradagens saudáveis e cultura de paz!* (HOMENS ESSENCIAIS, 2021e, *grifo nosso*).

Aqui mais uma vez tem-se expressões que acompanham os discursos do Homens Essenciais, em outros *posts*, nos *podcasts*, no *site*, como “equidade de gênero”, “camaradagens saudáveis”, “cultura de paz”. É interessante notar que o texto não traz objetivamente um significado para masculinidade, opera falando sobre o que a masculinidade hegemônica produz e apontando a alternativa correta de seguir por outras masculinidades, deixando esse caminho em aberto. É uma fuga da resposta porque não se conceitua masculinidade, ao passo que se coloca a masculinidade hegemônica (no singular) como o polo negativo e as masculinidades plurais como o polo positivo, sem aprofundar esse conceito, mas desassociando-o de comportamentos competitivos, violentos e de descuido com a saúde.

Embora seja adotado um léxico contemporâneo de conceitos, o discurso não sai da abstração. E na contramão deste discurso que faz uso, simploriamente, de um viés sociológico, conhecimentos de ordem mais essencialistas também integram o Homens Essenciais. Numa publicação intitulada “machismo e sombra feminina”, eles dizem:

Vamos falar sobre o medo do feminino? Primeiro é importante dizer que geralmente tememos aquilo que desconhecemos. Então se estou diante de uma situação nova, posso ficar inseguro quanto ao que vai acontecer, pois provavelmente será algo novo. Dito isso, vamos para a questão do feminino e vou abordá-la de duas formas, o *feminino inteiro*, ou seja dentre de cada um de nós e o *feminino exterior*, no mundo à nossa frente. No oriente é muito comum essa interpretação de que tudo que existe é dual, expresso por opostos complementares. [...] Os taoista falam do princípio *Yin (feminino)* e *Yang (masculino)*. A soma ou união entre eles forma o todo ou Tao. Sendo assim qualquer ser humano tem características femininas Yin e também masculinas Yang (HOMENS ESSENCIAIS, 2021f, *grifo nosso*).

Se percebe que o Homens Essenciais também é adepto desse mesmo pensamento de base oriental que é um dos fundamentos do Brotherhood. O *post* busca falar sobre o medo do feminino e o faz de forma isolada, falando primeiro do “medo” e depois do “feminino”. Sobre o medo se diz que é comum senti-lo diante de algo novo apenas. Sobre o feminino é dito que ele se divide em interior e exterior, mas não se avança nessa discussão. Em seguida, se apresenta o feminino e o masculino enquanto características que todos os seres humanos possuem. Ainda assim, a legenda não dá conta de explicar que feminino é esse, do mesmo modo, o masculino também fica vago, já que, nesse caso, são noções duais.

O conteúdo desta publicação em nada dialoga com a categoria de gênero que está presente em outros *posts*, aqui o feminino sequer é visto como gênero. Talvez a intenção de fato seja misturar referências diversas e somar aquilo que cada uma traz de mais útil para o movimento das masculinidades que o Homens Essenciais está “propondo”, porém em todo o material analisado, em nenhum lugar essas perspectivas são contrapostas e colocadas em debate. Argumentos de viés mais essencialista e outros mais sociológicos coabitam no *feed* do Homens Essenciais, todavia, não entram em contato, não se friccionam, não indicam caminhos.

O MEMOH, por sua vez, não cria conteúdo específico para a plataforma *Instagram*, mas a utiliza como uma forma de divulgar e assessorar as ações que ele já realiza. Nesse sentido, grande parte dos seus *posts* são referentes à divulgação de episódios de *podcasts*, inscrições para os grupos reflexivos, entre outros – o que para esta pesquisa foi classificado como conteúdo “não-significativo”. Ainda assim, alguns *posts* relativos a datas comemorativas e em algumas situações polêmicas de repercussão nacional, o MEMOH se posicionou e se expôs um pouco mais.

Em uma publicação com a seguinte indagação descrita na imagem “Um novo estilo de homem? Lifestyle? Check List?”, eles respondem:

A gente acredita que não dá pra “virar a chave” de uma estrutura e uma cultura tão facilmente. Esse processo é muito mais profundo do que rever um hábito ou outro. Queremos fazer parte de uma proposta de *transformação ética*, comprometida com o *movimento de mulheres* e dos *direitos humanos*. Ainda há um longo caminho a percorrer e o nosso papel, enquanto homem, é puxar essa responsabilidade pra gente (MEMOH, 2020a, *grifo nosso*).

Os termos utilizados pelo MEMOH para descrever a sua concepção de si mesmo e a forma como pensa esse movimento diferem-se dos usados pelo Brotherhood e Homens Essenciais: “transformação ética”, “movimento de mulheres” e “direitos humanos” dão um tom

mais formal e social ao discurso. Eles recusam a ideia de que a proposta seja criar um novo estilo de homem e jogam o foco para essa transformação ética que, segundo eles, é também responsabilidade dos homens. Entretanto, o que pode ser essa transformação fica vago no texto, mas indica uma perspectiva.

Em uma publicação referente ao dia da luta e resistência da pessoa transmasculina, eles convidaram o ativista e homem trans Ariel Nobre para escrever:

Homem TRANSGÊNERO é aquele que ao nascer foi designado mulher e se identifica como homem. Homem CISGÊNERO é aquele que se identifica como homem desde o seu nascimento. [...] Ser homem trans hoje é desafiar o modus operandi de ser homem. Ainda é uma luta ser transvivo aqui, o Brasil é pelo 12º ano consecutivo o país que mais mata a população trans e travesti no mundo, segundo a ANTRA. Entretanto, eu, Ariel Nobre, transvivo, e, aqui junto com o [@projeto.memoh](#), insisto: *mais do que “ser homem”, é preciso *transformar* o que é ser homem* (NOBRE, 2021, grifo nosso).

A ideia de transformação do masculino segue aqui. O MEMOH, tanto no *podcast* quanto no perfil do *instagram* utiliza bastante desse discurso terceirizado, ele quase nunca é a voz que enuncia, geralmente se coloca como a voz que media e endossa o que foi dito. É uma maneira de não se expor opinando sobre assuntos delicados, mas também é uma forma de deixar que os sujeitos falem por si, com a propriedade que suas identidades lhes concedem. É possível supor que a representatividade seja uma das estratégias de comunicação adotadas pelo MEMOH. Essa tentativa de representar diversas identidades em seus produtos e no *instagram* potencializa os seus feitos e demonstra o quão são representativos. Esse esforço contribui, decerto, para melhorar a imagem social da marca, mas também para alcançar mais públicos.

Ainda sobre transmasculinidades, outro *post* relativo a isso é o que contém o depoimento de John Maia sobre sua participação em um dos ciclos do grupo reflexivo do MEMOH. Ele diz: “é muito difícil ser um homem trans. Mas agora aprendi que posso falar sobre minhas questões com 20 homens que me aceitam e me completam” (MAIA, 2020). Essa declaração está contida na própria imagem da publicação, na legenda o MEMOH escreve:

Esse aí da foto é o John, que participa de um dos nossos Grupos Reflexivos que está rolando desde agosto. John dividiu com a gente que aprendeu a falar sobre seus sentimentos e as suas questões não só no Grupo, mas dentro de casa, com seus amigos, e passou a pedir ajuda. Como muitos homens que chegam aos debates, John não tinha ideia de todas as questões que envolvem masculinidades e, por isso, reproduzia comportamentos que ele mesmo questionava se eram certos ou errados. E agora ele tá aprendendo a reavaliar todos eles. [...] Seu relato reforça muito o que a gente pretende ser com os Grupos Reflexivos: um espaço de acolhimento para dialogar com homens diversos (MEMOH, 2020b).

Aqui o MEMOH tenta mostrar o quanto os seus grupos reflexivos são importantes e conseguem se comunicar com múltiplos tipos de homens. Exatamente por isso, conteúdos como este foram classificados por esta pesquisa como referentes à categoria “público”. Em outra publicação da mesma série de depoimentos de participantes dos grupos reflexivos, quem fala é o Luis Carlos de Alencar:

“Ao mesmo tempo em que você tem desejos, você tem preocupações com questões de agressões relacionadas a *bifobia*. E, logo no primeiro encontro do Grupo Reflexivo, me deparei com um *homem homossexual* falando sobre a sua dor de se assumir como tal para a sua família *nordestina*, como a minha. Me senti acolhido e acolhendo”. Luis contou que ao ver que a sua questão não era exclusiva, resolveu escrever uma carta ao pai reconhecendo que apesar das diferenças, existia amor na relação. “*Essa foi uma ação direta provocada pelos encontros do MEMOH*” (ALENCAR, 2020, *grifo nosso*)

O depoimento de Alencar aciona diversas bandeiras identitárias e ainda finaliza atribuindo aos grupos reflexivos do MEMOH total influência sobre a sua decisão de se reaproximar do seu pai. É a partir de declarações como esta que o MEMOH apoia o seu discurso a favor das masculinidades plurais e isso está presente também nos *posts* referentes à abertura de inscrições dos grupos:

E, para termos de fato grupos diversos, queremos pedir uma ajuda a você que está nos lendo: mande esse post ou marque os seus amigos *homens acima dos 50 anos, homens com deficiência e homens trans* [os três públicos que menos participaram dos nossos Grupos Reflexivos no último semestre]. O debate de *masculinidadeS* acontece dessa forma, no *plural*, quando, de fato, há homens de tudo quanto é tipo inseridos na conversa (MEMOH, 2021a, *grifo nosso*).

E também em publicações relativas aos dados sobre os participantes já selecionados:

Uma preocupação que sempre tivemos no MEMOH é tratar o tema *masculinidades de forma plural*, dialogando com *homens diversos*. E com a transição dos nossos Grupos Reflexivos presenciais para o formato on-line, iniciado em março, conseguimos nos conectar com homens incomodados de todo esse Brasilão. Esse é o perfil dos 60 participantes selecionados de acordo com o Censo IBGE 2010 para o nosso primeiro espaço de diálogo virtual, trazendo mais *diversidade e inclusão* para os nossos debates. Ainda tem muito a ser feito, mas estamos muito felizes com a *representatividade* que estamos construindo e em alcançar homens que até então não podiam participar dos nossos Grupos Reflexivos (MEMOH, 2020c, *grifo nosso*).

É interessante observar o quanto o MEMOH é bastante eficiente nessa estratégia de produzir um conteúdo abordando masculinidades plurais e representatividade, ao mesmo tempo falando de si – é sempre um discurso autorreferencial – e selecionando seu público, que não necessariamente é um público diverso, mas com certeza é um público afeito ao discurso da

diversidade. Há uma aparente ambiguidade no MEMOH quando ele adota uma postura dupla de não emitir opiniões e não se colocar no debate – somente por meio da fala de outras pessoas – e ser ao mesmo tempo autorreferencial, usando seus feitos como respostas alternativas à essa “necessidade” de posicionamento virtual.

Outro ponto importante é que essa pluralidade de homens que os grupos do MEMOH vêm conseguindo alcançar não tem sido de todo orgânico, há um esforço (declarado publicamente) de preencher numericamente esses locais identitários que possam validar posteriormente esse discurso de representatividade que o MEMOH profere e fazer alcançar o objetivo - dos Grupos Reflexivos - de reunir homens diferentes. Há ainda o público feminino que constitui uma identidade que o MEMOH não consegue incorporar em seus grupos reflexivos, pois exclusivos para homens, mas que faz questão de falar para esse público e de buscar alternativas que incluam as mulheres em seus outros produtos – assim como o Brotherhood fez ao criar as *lives* no *instagram*.

Um exemplo disso foi o episódio 17, intitulado “Palavra das mulheres”, em que eles convidaram apenas mulheres, pela primeira vez, para falar sobre o tema das masculinidades. No episódio em questão houve a estreia da “Coluna Ombudsman”²⁰, um quadro para que rotativamente pessoas possam fazer uma crítica ao trabalho do MEMOH, no *post* sobre isso se diz “O MEMOH terá [...] uma pessoa pra basicamente criticar o nosso trabalho. Publicamente. [...] Ainda que a proposta do MEMOH seja ter homens falando com outros homens, queremos nos aproximar ainda mais das mulheres” (FIGUEIREDO, 2020a). Ser essa *ombudsman* uma mulher é altamente representativo dessa intenção de não só ter a atenção desse público, mas de ter também a validação desse público. Se colocar à disposição dessa crítica pública é também uma estratégia de imagem.

Em outro *post* sobre este mesmo episódio “palavra das mulheres”, Pedro de Figueiredo assina, de forma inédita dentro do material analisado, o texto da legenda e apresenta um pouco das possíveis contradições e dos desafios que o MEMOH encontrou nesse campo político-social desde a sua criação.

²⁰ Trata-se de uma espécie de ouvidoria. O profissional ombudsman é responsável por receber críticas, sugestões e reclamações a respeito da empresa para a qual trabalha e mediá-las com a intenção de resolver os conflitos da melhor forma possível entre as partes envolvidas.

Sempre me perguntam: "mas por que não tem mulher no MEMOH?". Eu explico que a proposta do MEMOH é ter homens falando com outros homens sobre as nossas questões - de masculinidades. Dessa forma, a gente consegue trazer mais homens pro debate sem roubar o *protagonismo das mulheres*. E dentro do nosso *lugar de fala*. Mas mesmo com esse foco de falar com homens, o MEMOH tem um *público feminino* muito maior do que a gente esperava lá atrás. *Metade da nossa audiência* aqui no Instagram e no podcast, por exemplo, é de mulheres. Elas são as *principais divulgadoras* do MEMOH [...] (FIGUEIREDO, 2020a, *grifo nosso*).

A introdução do texto é uma sequência de duas justificativas. Primeiro, justifica-se porque os grupos do MEMOH não têm mulheres e depois o porquê desse público ser tão precioso a ponto de ganhar um episódio ineditamente com elas – trata-se de uma justificativa não só para as mulheres, mas também para os homens que acompanham o Projeto. Em seguida, Pedro de Figueiredo retoma a origem do MEMOH para elaborar outras reflexões:

Antes de a gente se lançar no mundo, em 2017, o MEMOH fez um encontro só com *mulheres* e pessoas da *comunidade LGBTQ+* pra trocar, pegar impressões e alinhar a nossa proposta de atuação ao debate de gênero - feito pelas mulheres há muito tempo. E esse encontro foi maravilhoso - é pedra fundamental do MEMOH. Levei muito na cara, mas foi ótimo! De lá pra cá, a gente se aproximou de mulheres ativistas e de vários grupos feministas. Nada disso foi suficiente pra que aquela perguntinha deixasse de existir: "mas por que não tem mulher envolvida diretamente no MEMOH?". Outra pergunta boa: "como a gente vai ter certeza de que os Grupos e as atividades do MEMOH não são um espaço pra macho se vitimizar?". A gente entende que o debate de masculinidades é uma "costela de Eva", como diz o sociólogo Rodrigo Parrini, uma derivação dos movimentos feministas. Precisamos ouvir o que as mulheres têm a dizer. Sempre. Por isso, a intenção é que o MEMOH se aproxime ainda mais de mulheres, em todas as nossas instâncias de atuação - no podcast, nos Grupos Reflexivos, em serviços corporativos, em tudo o que a gente faz (FIGUEIREDO, 2020a, *grifo nosso*).

O que o Pedro traz em seu discurso nada mais é do que o reconhecimento de que essa discussão das masculinidades só foi possível devido à luta feminista e também da comunidade LGBTQIA+. Ao apontar que o MEMOH desde que surgiu se preocupou em olhar para as agendas desses grupos e pautar a partir delas o seu percurso, ele, no esforço de colocar intencionalmente esse discurso num tom com ares de humildade, apresenta o MEMOH como um "aliado" nesta luta.

É curioso perceber que, enquanto Brotherhood e Homens Essenciais apostam em discursos mais generalistas, adotando algumas visões sobre masculinidades com bases distintas, eles tentam ampliar o público pela abordagem do tema. Até porque mesmo com um discurso "para todos os homens", não há um trabalho de identificar esses homens e se dirigir a cada um

deles. Ainda que haja um reconhecimento das diferenças que compõem as masculinidades, o endereçamento do discurso é feito para um homem universal, que é marcado principalmente pela característica heterossexual. O MEMOH se difere não por especificar seu público, já que ele também adota a máxima “para todos os homens”, no entanto, trabalha no sentido de reconhecer as diferenças e discuti-las em algum nível; ao fazer isso, o MEMOH dá visibilidade às suas ações e com isso recorta seu público, a partir de um discurso de base fortemente identitária.

4.2 O Apelo Mercadológico x o Apelo Social

A chave de leitura que opõe a lógica de mercado ao apelo social já é passível de verificação nas passagens anteriores. Como se pode ver, as estratégias de representatividade que ativam um apelo social também podem funcionar como mecanismos de endereçamento para públicos específicos, nos quais se nota basicamente um interesse de cunho mercadológico. Contudo, dentro da análise de conteúdo que esta pesquisa se propôs a fazer, outros elementos que apontam para essa dualidade de apelos/estratégias também puderam ser notados. Dessa maneira, os *posts* que faziam referência a estas questões foram classificados dentro do marcador “mercado/social” e serão discutidos aqui neste tópico.

Uma das principais maneiras que esses grupos possuem de se manterem financeiramente é oferecendo serviços de palestras, oficinas, seminários em empresas e instituições - trata-se do setor corporativo. Além disso, é comum também a participação destes grupos em eventos como congressos e fóruns mais abertos ao público. O Brotherhood em uma publicação do começo do ano de 2020 fala sobre a experiência que teve em uma roda de conversa dentro do Comitê da Diversidade promovido pelas empresas WeWork e AgendorCRM:

O ano começou pra gente com a abertura de uma roda de conversa sobre masculinidade tóxica no [@wework](#) e [@agendorcrm](#). Lá eles criaram um Comitê de Diversidade que se reúne periodicamente para pensar formas de mudar o ambiente de trabalho. Este tem sido um dos grandes chamados que temos atendido com o Brotherhood. Há alguns anos nós temos estudado essa temática e aprendido muito com cada partilha de cada pessoa que participa dos nossos eventos. Fazemos rodas só com homens das empresas e atividades para todos os gêneros também. A metodologia que desenvolvemos abre um espaço de vulnerabilidade muito raro de se encontrar em empresas, que tradicionalmente promovem uma cultura baseada em padrões antigos de força e sucesso. O resultado costuma ser sempre o desequilíbrio. Como é a cultura da sua empresa? Existe equilíbrio do masculino com o feminino? Existe espaço de acolhimento e conversas verdadeiras? (BROTHERHOOD, 2020f).

Essa legenda traz o *feedback* de uma ação desenvolvida por eles anteriormente, mas prioriza enfatizar as ações que ainda podem acontecer e por isso mesmo elabora um texto direcionado para a divulgação desse serviço que o Brotherhood oferece com esse argumento de transformação do ambiente empresarial, rompendo padrões antigos e contribuindo para o equilíbrio do feminino e do masculino, como dizem.

Nesse sentido mais comercial, outro produto que o Brotherhood também oferece é o livro-caixinha “Vamos falar de masculinidade”, que foi criado por eles mesmos com o intuito de gerar reflexões sobre a temática a partir de 100 perguntas que se encontram em pequenos cartões dentro da caixinha, visando problematizar atitudes, pensamentos e comportamentos masculinos tidos como clássicos, passando por questões referentes à paternidade, sexualidade, negócios, relacionamentos, família, entre outros.

O livro-caixinha foi produzido pelo Brotherhood em parceria com o jornalista Maurício Oliveira e publicado pela Matrix Editora. Na publicação de lançamento do produto, em fevereiro de 2020, afirmam:

A caixinha já está a venda no site da editora (link no perfil) e nos próximos dias, em todas as principais livrarias do Brasil. Acreditamos que será uma ferramenta para expansão da consciência e para abrirmos mais espaços de conversa sobre masculinidades, sobre o papel do homem na equidade de gênero, masculinidade tóxica e tudo o mais que envolve esse tema (BROTHERHOOD, 2020g).

Em outro material publicado, é explicado que o livro-caixinha, também considerado um jogo de cartas, pode servir tanto para profissionais facilitadores de Grupos de Homens, ou semelhantes, em alguma dinâmica, quanto para encontros mais informais em que qualquer homem ou mulher possa usar para jogar e assim estabelecer diálogo com amigos, colegas de trabalho etc., de uma maneira mais lúdica. Dentre as perguntas, algumas delas: “você conhece algum homem que interrompeu ou abandonou a carreira para cuidar de um filho ou filha? Você seria capaz de fazer isso?”, “quando você percebeu que havia deixado de ser menino?”, “o que você pensa de um homem que não gosta de futebol e não bebe cerveja?”.

Além destes *posts* mais comerciais, o *feed* do Brotherhood também abre espaço para conteúdos sobre assuntos factuais numa perspectiva mais social e humana, como é o caso do vídeo elaborado diante das campanhas “não existe estupro culposo” e “justiça por Mari Ferrer” relacionadas ao caso de estupro da *influencer* digital Mari Ferrer, que estava sendo julgado no momento e nesse período vídeos na *internet* demonstravam que a decisão judicial final seria por

considerar o réu inocente. Diante disso, Gustavo Tanaka gravou um vídeo de quase sete minutos para demonstrar o posicionamento do Brotherhood.

Em alguma passagem do vídeo, Tanaka diz: “o nosso papel é assumir a responsabilidade sobre isso que acontece, pra gente olhar com honestidade para dentro da gente e perceber que a gente faz parte de uma cultura, que a gente segue reproduzindo esses comportamentos” (2020a). Na sequência ele traz a sua trajetória de trabalho com Grupos de Homens para o vídeo:

Em 2017 eu comecei a organizar encontros entre homens para gente falar sobre esses assuntos, sobre masculinidade tóxica, sobre sentimentos, sobre o que significa ser homem e todas as outras coisas que envolvem o universo masculino, foi assim que surgiu o movimento Brotherhood. E de lá pra cá, eu venho participando de dezenas de encontros, mais de cem encontros que eu participei entre homens, escutando mais de mil homens que já passaram pelos encontros do Brotherhood. E durante todos esses momentos eu consegui perceber que eu ainda sigo replicando alguns comportamentos machistas, ainda sigo sustentando algumas crenças do patriarcado e mesmo tendo participado de tanta coisa eu sei que ainda tenho muito trabalho a fazer e que a mudança acontece dentro de mim (TANAKA, 2020a).

Ele usa a sua história, portanto, para justificar e introduzir o seu posicionamento posterior, no qual ele defende que não é suficiente apenas se mostrar contra as atitudes do agressor em questão, é preciso se mover e começar a fazer algo que possa mudar essa cultura da qual todos os homens fazem parte, e que o Brotherhood supostamente tem contribuído para desconstruir.

Então não adianta a gente fazer uma postagem dizer que eu repudio isso, dizer “que absurdo” e que “isso não tem nada a ver comigo” quando na verdade isso tem tudo a ver com a gente. E eu não to aqui para apontar o dedo na cara de ninguém [...] na cara de nenhum homem, porque se eu apontar o dedo na cara desse homem eu sei que tem três dedos apontados para mim também, e eu sei que eu faço parte disso também. Eu to fazendo esse vídeo para gente trazer mais consciência sobre isso e fazer um chamado para que nós homens possamos olhar para isso juntos, que a gente possa conversar mais sobre isso, que a gente possa realmente assumir a nossa responsabilidade sobre aquilo que acontece com as mulheres, sobre tudo que envolve o que significa um estupro. Não basta a gente acreditar que não é com a gente, porque é com a gente sim (TANAKA, 2020a).

Para além disso, outro fragmento importante desse vídeo é o momento em que ele muda o rumo do seu discurso e volta a falar mais de si, deixando claro que ele está se abrindo e se vulnerabilizando ainda mais, ao revelar que gravar aquele vídeo lhe causa desconforto e que ele sente medo das reações que as pessoas vão ter sobre ele.

Eu faço esse vídeo extremamente desconfortável, faz alguns dias que eu tô remoendo essas informações, tentando entender como que eu faço para colocar em palavras aquilo que eu to sentindo. Fico desconfortável pelo medo que eu sinto de ser mal-interpretado, pelo medo de mulheres me apontarem o dedo, de me acusarem de alguma coisa que eu não sei o que, porque esses comportamentos são tão enraizados que muitas vezes eu mesmo não percebo, eu sinto medo dos meus amigos, de homens apontando o dedo para mim, mas eu sinto que é o que tem que ser feito (TANAKA, 2020a).

Por fim, após já ter introduzido o problema que o levou a gravar o vídeo, contando um pouco de sua história pessoal atrelada à sua relação com os Grupos de Homens e demais ações voltadas a pensar as masculinidades e após trazer a questão da cultura do estupro como uma questão coletiva estrutural, social e não apenas um problema individualizante, ele se reconhece como parte disso, assume suas limitações enquanto ser humano, e joga o foco da discussão para o que pode ser feito coletivamente, mesmo que partindo de responsabilizações e iniciativas individuais. Então ele apresenta os grupos reflexivos como uma dessas alternativas possíveis de mudanças:

[...] eu preciso escutar outras pessoas, eu preciso me identificar a partir de histórias de outras pessoas, por isso que é tão importante a gente estar em círculos de homens. Eu faço esse chamado para que todos os homens participem de um encontro, pelo menos uma vez na vida participe de um encontro de um círculo de homens para você criar uma nova referência de uma forma de conversa entre homens, para que você consiga compreender verdadeiramente estando numa experiência o que é que significa a gente ter uma conversa franca, verdadeira e vulnerável. Eu peço que vocês participem e não tem que ser o encontro do Brotherhood, existem vários grupos se encontrando de forma online, toda semana, basta querer, ir atrás. A única forma da gente mudar isso é a gente se envolver, não existe uma forma de transformar essa situação sem que a gente participe disso (TANAKA, 2020a).

Essa publicação trata de um problema social que tem total relação com o que os grupos reflexivos de masculinidades geralmente discutem, e que no momento tinha ainda uma grande relevância pelo fato de se ter o caso Mari Ferrer gerando grande repercussão nacional e mobilizando debates. O vídeo não é apenas uma forma do Brotherhood se posicionar sobre o caso, mas uma maneira de, ao falar sobre o caso, conseguir trazer visibilidade para as ações dos Grupos de Homens como um todo, e deixar evidente o Brotherhood como essa alternativa para as pessoas se engajarem na luta contra o machismo e a cultura de estupro de uma forma prática.

O MEMOH nesse mesmo período também se manifestou sobre o caso Mari Ferrer, de modo que foram elaboradas três publicações diferentes para abordar o assunto. Em um deles, muito simples, tem-se apenas uma imagem de fundo preto com o texto em branco “estupro

culpose não existe” e a legenda “#justiçapormariferer”. Em um anterior, eles não citam o caso Mari Ferrer, porém falam sobre estupro e relembram casos polêmicos recentes como o do jogador de futebol Robinho e do ator Marcius Melhem.

A cada 8 minutos, um estupro é cometido no país. Esse dado é da edição 2020 do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, que acabou de ser divulgado. Mas a gente não é informado sobre todos eles. A violência contra a mulher toma de fato grandes proporções quando ela é cometida por figuras públicas. E a notícia costuma chegar até a gente acompanhada de uma série de opiniões desconcertantes e machistas de pessoas que tentam passar pano: “um homem tão bacana jamais faria uma coisa dessas. Veja como ele é alegre” ou “a mulher se insinuou, o consentimento tá dado”. Como disse para o [@universa_uol](#), a Isabela Del Monde [@isadelmonde](#), coordenadora do MeToo Brasil, e nossa parceira no podcast: “Forçar a beijar não é erro, é crime. Muitos homens não compreendem o que é consentimento, porque não compreendem a mulher como sujeito, mas objeto. Eles precisam entender que estão sendo responsabilizados pelas suas condutas”. O casos recentes de assédio sexual que envolveram Robinho e Marcius Melhem, infelizmente, representam a repetição do que a gente já viu acontecer com outros jogadores de futebol e outros figurões (MEMOH, 2020d).

Em outra publicação, específica sobre o caso da influencer digital, o MEMOH reposta o conteúdo do perfil [@DeFEMde](#) (Rede Feminista de Juristas) no qual se apresenta uma carta aberta repudiando a postura do advogado de defesa do acusado de estupro André Camargo, Cláudio Gastão da Rosa Filho; tece críticas à condução do processo pelo Ministério Público e oferece apoio à Mariana Ferrer. O MEMOH, então, assina a carta, reposta o conteúdo e acrescenta em sua legenda o seguinte: “O MEMOH apoia e assina a carta pública de autoria da DeFEMde - Rede Feminista de Juristas, cujo a co-fundadora é a Isabela Del Monde, que também atua como coordenadora do Movimento Me Too Brasil e como nossa Ombudsman no podcast” (MEMOH, 2020e).

Como se percebe, o MEMOH segue não se colocando de modo ostensivo sobre questões como estas, mas também não se omite. O Projeto se posiciona favorável a um pensamento, a um argumento – neste caso, de perspectiva feminista – mas ele mesmo não argumenta em prol desse lado. Usam ferramentas de *reposts*, usa como citações falas de mulheres, e neste caso, temos a figura da Isabela Del Monde por exemplo que é sempre presente e nitidamente um suporte para o MEMOH. Desse modo, o MEMOH mais uma vez se isenta da função de produzir o discurso e assume a responsabilidade de apenas mediar esse diálogo, como se fizesse uma ponte entre o discurso feminista e o público masculino que o acessa. É uma maneira de tentar demarcar seu

posicionamento político para o público, solidificar também a identidade da Empresa e uma tentativa de ser reconhecido pelo movimento das mulheres como alinhado a essa luta.

Como já foi citado, na percepção desta pesquisa, o MEMOH fala muito de si mesmo e dos seus feitos (ao passo em que nunca é o responsável pelos discursos que visibiliza), o *instagram* é muito utilizado nessa intenção de visibilizar, por sua vez, as suas próprias ações. E muitas vezes em que eles podem ou tem que dizer algo, eles não o fazem no *instagram*, antes eles recorrem a materiais que eles mesmos já produziram e disponibilizaram, como *podcasts* ou entrevistas concedidas, e levam para o perfil no *instagram*. Desse modo, eles direcionam a atenção para seus produtos, assim como também evitam se arriscar produzindo materiais novos, sendo que eles já possuem materiais bem roteirizados e editados que preenchem essas necessidades, eliminando assim o risco de se posicionar de forma pouco consistente ou equivocada.

Um dos quadros que compõem o *feed* do perfil do MEMOH se chama “MEMOH na Mídia” no qual eles divulgam momentos em que o projeto esteve em mídias tradicionais e alternativas, que não produzidas por eles mesmos. Dessa maneira, eles já usaram esse espaço para falarem da entrevista cedida ao CBN Noite Total, apresentado pela Tania Morales na Rádio CBN, que ficou disponível na íntegra no *Youtube*, assim como da participação deles em uma matéria do O Globo que discutiu sobre o comportamento de grandes líderes políticos. Em outra ocasião, eles falam da participação que fizeram no Festival Path Digital:

PARA ELAS, ELES e ILES Além do discurso: quais ações (de todes) vão nos levar à equidade de gênero? Fomos convidados de novo para participar do Festival Path (@festivalpath). Neste debate, traremos a visão de como nós, enquanto homens, podemos nos mobilizar para fazer a diferença na luta pela equidade de gênero. Um prazer poder debater ao lado de Sabrina Ginga (@sabinaginga), Ona Silva (@euonasilva), com a mediação da Estela Rocha (@estelatdrocha) (MEMOH, 2020f).

Esses conteúdos de caráter “*release*” compõem bem o *feed* do perfil do MEMOH. Em duas publicações em que eles trazem a discussão sobre homens no poder, o fazem com a intenção de divulgar um episódio do *podcast* recém-lançado com esse mesmo tema; logo, trata-se de um material de assessoria de comunicação do *podcast* que encontra no *instagram* um meio de disseminação. Em um *post* eles trazem na imagem a seguinte reflexão: “existem múltiplas diferenças na nossa sociedade e nós temos que nos implicar nessas experiências. Essa é uma questão política, social, cultural e ética” (CUSTÓDIO, 2020). Em outro *post* eles detalham mais na legenda da publicação a composição do programa:

Pegamos carona com as eleições municipais e produzimos pro nosso querido podcast um episódio sobre um assunto bem importante: a perpetuação de homens em espaços de poder. Como a gente, enquanto homem, permite que isso aconteça? O que podemos fazer? Por que, em geral, ainda vemos mulheres como adversárias, não como aliadas? Sabemos que existe um medo evidente de perda de espaço, liderança, dinheiro, poder. E na política especificamente – como isso se dá? Quão ruim é pra nossa democracia a presença de tantos homens (brancos, em sua maioria) na política tradicional? Pra essa conversa importante, tivemos a honra de receber convidados de peso. Dois políticos - o deputado federal Marcelo Freixo ([@marcelofreixo](#)) e o senador Fabiano Contarato ([@fabianocontarato](#)) – e o sociólogo Tulio Custódio ([@custodta](#)). O episódio teve ainda a participação do deputado Felipe Rigoni ([@rigonifelipe](#)), as provocações da jornalista Flávia Oliveira ([@flaviaol](#)) e da roteirista Antonia Pellegrino ([@pellegrino.antonio](#)), fundadora do [@agoraquesaoelas](#), e um belo arremate do querido Agni Santoro ([@agni.dialogo.masculino](#)), fundador da campanha [#ElesVotamNelas](#) ([@elesvotamnelas](#)) – Homens pela Igualdade de Gênero na Política e na Sociedade. E, claro, contamos ainda com a participação sempre necessária da nossa colunista fixa dessa temporada: Isabela del Monde ([@isadelmonde](#)) e dos nossos ouvintes pelo MEMOHFONE (MEMOH, 2020g).

Essa legenda é finalizada com a seguinte informação “Queríamos uma mesa ainda mais plural, com políticos de diferentes espectros ideológicos, por exemplo. Convidamos três nomes do campo conservador, mas infelizmente nenhum pôde participar” (2020g). Essa justificativa aparece aqui tanto como uma maneira de ser e defender uma pluralidade na construção do *podcast* e também como uma forma de se explicar com seu público que – alinhada ou não a algumas pautas conservadoras - venha a sentir falta dessa diversidade de orientações políticas.

Como o MEMOH tem a pretensão de se comunicar com todos os homens, não podem ignorar aqueles que são de direita, por exemplo, até porque essa discussão sobre masculinidades também acontece desse outro lado. Mas é evidente o lugar que o MEMOH está e quem são seus principais interlocutores, representada muito mais pela esquerda – percepção que vem também da observação feita dentro dos grupos reflexivos. Contudo, esse público não é assumido abertamente; o MEMOH deixa essa brecha e não limita o seu nicho – mesmo que de qualquer modo, já o façam simplesmente pelo indício de não terem nenhum convidado defensor de um pensamento conservador e/ou de direita, entre outros.

O Homens Essenciais não realizou nenhum *post* especificamente sobre o caso da influenciadora Mari Ferrer, mas de modo geral também usa, assim como os outros dois grupos, o *instagram* para se manifestar em datas de conscientização, como o Dia Internacional do Homem, Dia de Combate à Violência contra a Mulher, Dia Mundial de Combate ao Câncer, entre outros. Para além disso, o Homens Essenciais se diferencia do MEMOH e do Brotherhood porque na

maioria das vezes em que se posiciona sobre uma temática o faz numa abordagem muito menos reflexiva e questionadora do que condutiva e injuntiva.

Em uma postagem com a seguinte interrogação feita na própria imagem “Quantas horas para cada coisa? Quanto de energia?” se percebe na legenda um texto bastante instrutivo:

Onde está a sua atenção estará a sua energia! Com base neste quadro, faça um cálculo: quanto de tempo você dedica a cada uma dessas atividades? A reflexão mais profunda por trás de cálculo é: quanto de vida você dedica a cada uma das atividades? Se você dedica zero de vida ao lazer e 10 horas por dia ao trabalho, reflita: eu vivo para trabalhar ou eu trabalho para viver? Se você dedica muito do seu tempo de vida toda ao lazer individual, quanto sobra para a sua construção, para o seu autocuidado ou para suas relações? A análise deste tempo despendido para cada atividade diz muito sobre o nosso equilíbrio mental, físico, emocional e espiritual. Sigamos conectados ao que é ESSENCIAL! (HOMENS ESSENCIAIS, 2021g).

Como se vê, a maneira com a qual o Homens Essenciais lida com seu público na rede social é semelhante à conduta dos seus facilitadores nos Grupos de Homens que realizam, que segue uma abordagem de fato terapêutica e este aspecto constitui muito da identidade desse grupo. Um bom exemplo dessa prática no *instagram* é quando em outra publicação eles abordam o tópico “relacionamento saudável”, na qual eles iniciam explicando a importância de falar sobre si:

Não estou dizendo pra você continuar contando vantagem daquilo que você já tem ou conquistou em si mesmo, mas que você aprenda a exercitar a fina arte de reconhecer e expressar suas emoções assertivamente *com a mesma dedicação que você levanta halteres ou investe tempo e energia no seu trabalho* (HOMENS ESSENCIAIS, 2021h, *grifo nosso*).

É interessante notar como aqui ao tentar gerar uma proximidade com o público, tentando falar de algo que possa ser facilmente assimilado por ele, eles citam elementos que consideram familiares nos homens que os acompanham – homens que supostamente frequentam academias e dedicam muita energia ao trabalho. Aqui eles fornecem indícios sobre como deduzem seu público. Na sequência da legenda, para exemplificar, eles narram uma situação hipotética “comum”:

João namora uma mina super descolada e empoderada, ele gosta mesmo dela, de verdade. Todavia, quando ela veste aquela roupa mais curta, sai com as amigas ou encontra com um amigo o cara sente ciúmes. Ele fica com raiva e na ânsia de controlar a outra pessoa e acaba perdendo a noção pois se sente INSEGURO (HOMENS ESSENCIAIS, 2021h).

Depois de contada essa pequena história, eles continuam com a legenda nos comentários – devido ao tamanho do texto não caber dentro do limite de caracteres da legenda oficial – onde sugerem um exercício prático para lidar com esses sentimentos de ciúmes, inseguranças e com estas situações dentro de um relacionamento.

O que fazer com o ciúmes? Exercício sugerido: Quando você se sentir com ciúmes, *observe a sensação corporal* que este sentimento gera, perceba, por meio da *respiração e da autopercepção corporal*, onde no seu corpo essa sensação ruim e desconfortável está presente (ex: aperto no peito, nó na garganta), talvez ela tenha algo de familiar. Uma sensação muito parecida com aquela lembrança de quando seu pai saiu de casa e não voltou mais por exemplo (estou me referindo aos traumas de abandono e choques de exclusão que todo e qualquer ser humano vivo sob a terra já passou ou irá passar em sua trajetória) (HOMENS ESSENCIAIS, 2021h, *grifo nosso*).

O texto não se encerra aqui, mas até então é válido comentar como esse texto traz uma atenção para o corpo em primeiro lugar, tentando estabelecer essas relações entre comportamentos sociais e sentimentos com condicionamentos e/ou sensações do corpo, o que no discurso do Homens Essenciais é sempre muito presente. Eles estão o tempo todo trabalhando questões sociais a partir do físico, do emocional e do espiritual no seu público: homens que participam de seus grupos e seguidores.

Interessante ressaltar novamente a escolha do exemplo “sensação muito parecida com aquela lembrança de quando seu pai saiu de casa e não voltou”, que é bastante específico. Embora exista um “parênteses” para explicar que aquilo é válido para qualquer trauma de abandono ou exclusão, serve para dar indícios de que público masculino é esse que eles têm no horizonte e têm buscado acessar. A legenda continua do seguinte modo:

“Ah, que machismo! Ele não deveria se sentir assim por que ela veste X ou Y ou por sai com fulano certo?” Pode ser que sim, mas infelizmente a insegurança ainda está presente. O maior erro é negar o ciúmes e ir direto para a indiferença, uma forma passiva e sutil da raiva, essa falsa autossuficiência do “tô nem aí faça o que quiser e dane-se”. O maior acerto é saber reconhecer e identificar a emoção: “Opa, to com ciúmes e isso me faz sentir insegurança.” A maior coragem é assumir isso e se revelar: “Gata, to com ciúmes, me sinto inseguro e tenho medo que você me abandone, loucura ne? Sei lá...”(Alguém aí já foi corajoso nesse nível?) Por mais irracional que seja esse sentimento, ele está presente e não pode ser negado! A expressão assertiva das emoções abre um espaço de vulnerabilidade e cura para os relacionamentos. Nossas reações infantis imaturas são nossa maior riqueza pois é através delas que identificamos os aspectos “não curados ou pouco desenvolvidos” de nossa personalidade. A partir daí começamos a nos relacionar de forma mais madura e consciente. Então pode ficar com ciúmes sim! Pode até mesmo expressar sua raiva(ex: em terapia, socar ou gritar no travesseiros), só não pode agredir a(o) coleguinha! Pode chorar também se bateu a insegurança rs (HOMENS ESSENCIAIS, 2021h).

A forma como o Homens Essenciais se posiciona e trata de algumas questões nas redes sociais é muito diferente da forma como o MEMOH ou até mesmo o Brotherhood – que nos encontros dos Grupos de Homens possuem uma dinâmica parecida. Enquanto o MEMOH e o Brotherhood se esquivam de diversas formas de dizer “o que fazer” aos homens, de adotar esse discurso mais diretivo e instrutivo, seguindo mais pelo caminho da problematização e do questionamento, o HE assume sem pudor nenhum esse lugar profissional de orientação sobre as masculinidades. Mesmo dando espaço para reflexões possíveis, eles estão ali ocupando esse espaço virtual prescrevendo uma série de comportamentos e atos que, em teoria, irão ajudar os homens a superar os problemas por eles abordados.

O intuito desta seção foi pensar a forma como esses grupos, principalmente em seus discursos no *instagram*, acionam e expõem apelos e recursos mercadológicos entrecruzados com o apelo social e, como foi visto, esse social muitas vezes aparece como uma questão de saúde pública, como um posicionamento sobre alguma polêmica de repercussão nacional, na associação com alguma pauta de grupos minoritários ou mesmo de forma direta na venda de um produto/serviço. Em alguns, essas estratégias são mais sutis, em outros mais escancaradas; de todo modo, ambos tentam alcançar o mesmo objetivo com mecanismos e discursos diferentes. Há de se ressaltar que o Homens Essenciais, até o momento em que esta pesquisa foi realizada, era o único que cobrava uma taxa de inscrição para a participação dos homens em seus ciclos vivenciais e em razão disso mesmo adota essa postura mais objetiva de vendas e negócios do que o Brotherhood e o MEMOH, que realizam suas experiências e grupos de forma gratuita, de uma maneira geral.

4.3 Entre a Terapia e a Reflexão: Aproximações e Divergências

A partir de aqui se inicia a discussão sobre os conteúdos classificados pelos marcadores “terapia” e “reflexão” na organização da análise. Ainda falando sobre o conteúdo do Homens Essenciais e complementando os argumentos citados na seção anterior, se soma o discurso voltado para o corpo que busca, principalmente, por meio da filosofia das artes marciais gerar compreensões corporais que funcionem como analogias de ensinamentos mais racionais e também subjetivos, saindo do externo para o interno. Numa publicação que traz uma imagem com o texto “o corpo fala”, isso se torna bastante evidente:

O sensei Felipe Bonny sempre nos convoca a praticar movimentos corporais desafiadores. Ele costuma dizer que é essencial desenvolver firmeza nos pés e aterramento (grounding), mas leveza e mobilidade nos braços e tronco. Ou seja, raízes firmes e asas capazes de voar! Nas vivências corporais inspiradas pelas artes marciais somos convidados a nos desafiar, sempre com a lembrança da auto-regulação. A cada exercício desafiador, no fundo, estamos sendo convidados a fazer uma boa batalha interna, percebendo onde estamos em relação à nossa humildade e maturidade. **Como lido com a frustração de não desempenhar a minha idealização de movimento certo, de corpo perfeito e de performance excelente? **O quanto ser desafiado diante de outros homens mexe (ou não) com a minha auto-confiança? [...] (HOMENS ESSENCIAIS, 2021i).

A legenda segue elencando outras questões e no final traz a sentença “Cuidemos do corpo-templo! Lembremos que existem razões para além da cabeça (mente)! Como se diz por aí: Sim, o corpo fala!” (2021i). O uso dessa expressão “corpo-templo” dá o tom da importância que o corpo tem na produção de sentidos presente nas abordagens discursivas do grupo Homens Essenciais. Embora, de modo geral, todo e qualquer grupo de homens atualmente aborde o tema do auto-cuidado masculino, da saúde do homem física e mental, da prática de exercícios físicos, etc – visto que é um tópico frequente e explorada ao máximo dentro da temática das masculinidades – o HE eleva essa atenção dado ao corpo e vincula isso à produção de discursos sobre o masculino.

Para ilustrar melhor a maneira como o Homens Essenciais se utiliza dessa construção discursiva instrutiva, nas publicações seguintes que se chamam “desculpas para não se cuidar”, com a parte 1 e 2 gerando *posts* distintos, é possível visualizar muitos recursos linguísticos e persuasivos sendo empregados, declarado por eles mesmos como sendo uma prática da psicoterapia:

Aprendemos em nossa formação como psicoterapeutas corporais Core Energetics duas lições importantes que queremos dividir com vocês. A primeira compartilhamos hoje e a próxima virá depois. Repita em voz alta esta frase: Por trás de um "eu não consigo" existe um "eu não quero". São afirmações fortes, mas que tem o intuito de nos ajudar a olhar o que está por trás das desculpas que damos aos outros e a nós mesmos por não fazermos escolhas essenciais para nossas vidas. "Não se cuidar" é uma dessas desculpas que tem grande apelo no universo masculino (HOMENS ESSENCIAIS, 2021j).

Para exemplificar o que está sendo dito eles elaboram uma situação hipotética gerada a partir da pergunta “porque você não foi ao médico?”, a qual, segundo eles, pode ser respondida de duas maneiras: a resposta usada como “desculpa” e a resposta que corresponde à realidade. Segue:

(Desculpa): - Cara, eu não consigo umas horas livres no trabalho, pois a pressão está grande. (Realidade): Eu não quero abrir mão da rotina de trabalho, das metas que me ajudam a alimentar meu senso de "sucesso" e "realização", do foco no ganhar dinheiro e reconhecimento nem um pouquinho em nome de marcar um médico e tirar algum tempo do meu dia para uma consulta (HOMENS ESSENCIAIS, 2021j).

Na parte 2 desta mesma publicação, a situação hipotética que eles trazem faz menção direta ao ciclo vivencial do Homens Essenciais que estava com as inscrições abertas no momento, de modo em que se pode perceber nitidamente, como nos outros grupos analisados, o caráter comercial sendo introduzido e mesclado ao discurso de apelo mais social. Para a pergunta “porque você não se inscreve no Ciclo Vivencial 2021 do Homens Essenciais?” que eles mesmo fazem, eles respondem:

(Desculpa): Porque eu "tenho que" economizar o máximo nestes tempos de crise e pandemia para cuidar da minha família. (Realidade): Eu não quero abrir mão do condicionamento que me faz me sentir obrigado pela minha família e não me ajuda ao menos a cogitar possibilidades de autocuidado e dialogar sobre isso com eles, mesmo sendo as pessoas mais próximas de mim e a quem me dedico muito (HOMENS ESSENCIAIS, 2021k).

Em seguida a publicação dividida em duas partes chega ao fim desse modo:

Que tal iniciarmos um exercício terapêutico juntos? Observe o eu "não quero" por trás do "eu não consigo" e os porquês do "ter que" na sua relação com coisas essenciais para você mesmo, como, por exemplo, seu autocuidado. Comente abaixo o que encontrou na sua auto-investigação e vamos juntos nos transformando e conscientizando da necessidade fundamental que é o autocuidado (2021k).

Outro aspecto importante e que aponta para diferenças desses grupos está na dicotomia terapia *versus* reflexão. Enquanto o MEMOH se declara como um grupo reflexivo de homens, o Homens Essenciais se coloca como um grupo terapêutico de homens, o Brotherhood, por sua vez, como supracitado, não faz uso de nenhum desses adjetivos para categorizar seu trabalho com grupos, preferindo usar termos como jornadas, ciclos de homens, encontros e Grupos de Homens – de todo modo, o Brotherhood na prática acaba mesclando um pouco do terapêutico e do reflexivo, podendo aqui ser considerado para os fins desta pesquisa um tipo de grupo misto.

É interessante notar, portanto, como esse *modus operandi* dos Grupos de Homens acaba sendo facilmente percebido nos seus produtos direcionados para o público externo – *instagram* e *podcasts*. O Brotherhood apesar de ter as falas iniciais dos guardiões dos grupos, dos líderes, que serve para introduzir a temática do dia, as partilhas de cada participantes são apenas ouvidas, não há intervenções e sobre isso eles falam em seu podcast, no episódio 5, “não queremos ser

especialistas” justificando que durante as jornadas quem comanda o Brotherhood não se coloca nesse lugar de professor.

Essa fuga dessa posição de detentor do saber que geralmente faz esses grupos parecerem cursos de masculinidades também é visível no discurso do MEMOH tanto dentro dos grupos como fora, como quando o Pedro Figueiredo diz “o MEMOH não se propõe a dar dicas e conselhos de como ser um novo homem” (2019), na verdade, busca, segundo ele, criar um novo senso de pertencimento, de sensibilidade, de relacionamento – mas sem deter esse manual do que fazer.

Os homens que estão à frente do Brotherhood e do MEMOH não se colocam nessa posição de especialistas, apenas de facilitadores, mediadores – o que não quer dizer que eles alcancem esse objetivo. O Homens Essenciais, diante de tudo que já foi exposto, segue outra proposta e constrói a sua identidade em torno da especialidade de cada um dos três integrantes e idealizadores do seu grupo – Pedro Maia que é fisioterapeuta e especialista em saúde sexual masculina; Felipe Bonny que é ator, filósofo e professor de artes marciais e Lucas Amaral que é doutor em Ciência Política e mestre em Antropologia Social - os três são psicoterapeutas corporais formados em Core Energetics, logo são estes lugares de especialistas que eles ocupam para trabalhar com homens e abordar sobre masculinidades.

Philip Rieff, para quem a terapia é “uma expressão que compreende a intenção de criticar um modo de vida e converter seu sujeito a um outro” (1990, p. 303), consegue a partir de sua obra “O Triunfo da Terapêutica” propor reflexões que servem para todos os grupos aqui analisados - reflexivos, terapêuticos ou não - por caminhos distintos. Sobre os grupos reflexivos, Rieff questionaria a eficácia de debates e trocas internas para gerar transformação ética e mobilização pela equidade de gênero. Ao se concentrarem na reflexão como mecanismo de mudança é preciso entender, de fato, sobre o alcance dessas reflexões, afinal, elas também podem ser feitas a partir de vivências pessoais e não ir tão além disso, sendo assim, seria preciso uma análise mais detida para compreender o quão efetivamente engajados na mudança da sociedade estão os grupos ditos reflexivos.

Em relação aos grupos terapêuticos, resgatamos aqui a ênfase dada por Rieff ao autoconhecimento e à realização pessoal como um reflexo da cultura contemporânea de individualismo e busca de satisfação pessoal. Essa abordagem, com bastante influência da autoajuda e de profissionais *coaches*, não raramente está mais voltada para o consumismo

cultural do que para a construção de um senso coletivo de responsabilidade e valores compartilhados.

Em geral, a partir de Rieff é possível pensar que tanto os grupos reflexivos quanto os terapêuticos podem falhar em abordar questões mais amplas de coesão social e na construção de uma ética comum. Podemos observar que tanto os grupos reflexivos quanto os terapêuticos estão inseridos em um contexto cultural que tem passado por mudanças significativas em relação à moralidade. A crescente ênfase no individualismo, na busca de satisfação pessoal e no consumo cultural pode levar a uma fragmentação dos sistemas morais compartilhados, tornando desafiador o estabelecimento de uma ética coletiva que não baseada apenas no bem-estar, numa identidade construída - ou reconstruída - para ser confortável.

O fato de um sentimento de bem-estar haver-se tornado o fim e não o subproduto de um empenho para alguma finalidade comunal superior anuncia uma mudança de foco fundamental em todo o arranjo de nossa cultura – na direção de uma condição humana sobre a qual nada restará a dizer em termos do velho estilo de desespero e esperança (RIEFF, 1990, p. 223.).

Ainda que não seja esse o intuito, a possibilidade de se tornar um espaço de puro acolhimento e bem-estar é constante e paralelo à execução destes grupos na contemporaneidade. Dependendo das intenções, mercadológicas e políticas, o esforço necessário para fazer isso mudar pode existir ou não.

5 OS ARGUMENTOS MORAIS NO DEBATE SOBRE MASCULINIDADES

Para avançar na análise apresentada até aqui, pretendo neste capítulo entender como os discursos e as dinâmicas desses grupos nas redes sociais se relacionam com a produção de determinadas moralidades, e sobre como é possível a constituição desses sujeitos morais dentro e a partir desses grupos. A moral é um tema de estudos de diversas áreas, da antropologia à economia, o que concede a ela uma riqueza de interpretações, chaves de leitura e enfoques teóricos. O campo que esta pesquisa adota como referência é o da nova sociologia da moral, um campo ainda emergente que faz o “esforço renovado de abordagem e explicação da problemática da moralidade e dos valores” (FREIRE e BRITO, 2021, p. 93). Seu apelo é justamente a complexidade que o campo da moral, por não estar ainda estabelecido e demandar suportes teóricos multidisciplinares, apresenta.

Como um campo em franco e rápida maturação, a nova sociologia da moral é um empreendimento que ainda está forjando e experimentando os seus instrumentos conceituais e categorias analíticas para consolidar objetivos mais compartilhados e superar dificuldades terminológicas (FREIRE e BRITO, 2021, p. 93).

Steven Hitlin (2015) nos oferece uma definição alinhada com o que Freire e Brito (2021) trazem, enfatizando a relação intrínseca entre o social e a moral:

Os seres humanos são fundamentalmente morais, não no sentido de serem convencionalmente altruístas ou de se preocuparem com os outros, mas de que as pessoas humanas, por serem seres sociais habitando um espaço social, devem assumir posições sobre temas relevantes nessas sociedades e grupos. As pessoas, de um modo geral, nesse meu paradigma, ancoram seus sentidos de si em posicionamentos morais, padrões que oferecem um solo a partir do qual dão sentido ao mundo através de lentes morais. Uma sociologia da moral compreende a formação dessas crenças, sua relativa imutabilidade ou as circunstâncias pelas quais elas mudam, sua influência sobre a ação e sua reconstrução retrospectiva diante de efeitos desajustados ou de pressões sociais (HITLIN, 2015, p. 26).

O que cabe a esta nova sociologia da moral tem a ver com a integração desse universo das moralidades a “outras dimensões analíticas e esferas da ação social, tal como o campo político e jurídico [...]” etc. (FREIRE e BRITO, 2021, p. 94). Esse estudo de Alyson Freire e Simone Brito, intitulado “Civilidade e Técnicas de Si como conceitos para análise sociológica das moralidades”, identifica uma escassez de matrizes teóricas que possam ajudar a analisar, conjuntamente, a experiência moral do sujeito e as relações de poder. A partir disso, os autores trazem os conceitos de “civilidade” de Norbert Elias e de “técnicas de si” de Michel Foucault,

com o intuito de abrir possibilidades de pesquisa no campo da sociologia da moral por meio desses pilares conceituais.

Em ambos [Elias e Foucault], a moral não é entendida como uma totalidade abstrata e genérica, redutível ao “social”, nem é sinônimo de hábitos e costumes socialmente aprovados. Trata-se mais da moral enquanto um feixe de práticas históricas, preocupações normativas e valores fincado nas condições de existência e experiências de camadas sociais particulares cuja finalidade está voltada para a construção do sujeito e de suas relações com o mundo, o corpo, os outros e consigo próprio (FREIRE e BRITO, 2021, p. 95).

Para esta pesquisa, interessa mais pensar na atuação desses grupos como instrumentos de um "processo de civilização da masculinidade", seguindo as pistas que Elias nos dá a partir da sua obra “O Processo Civilizador” (2006). É crucial compreender que, apesar de Elias atribuir grande importância histórica à noção de civilização - cuja origem está inextricavelmente ligada à Europa, com ênfase na França - o autor constrói, de maneira pessoal, o conceito de civilização. Em outras palavras, Elias, ao examinar o percurso histórico do termo e suas conotações, sua formulação teórica desse processo civilizador nos incita a considerar outras perspectivas contextualizadas.

No uso cotidiano da linguagem, o conceito de civilização é, muitas vezes, despojado de seu caráter originalmente processual (como derivação do equivalente francês “civilizer”). Contudo, para realmente pesquisar o processo civilizador é necessário saber a que elementos comuns não-variáveis dos seres humanos, assim como a que elementos diversos variáveis, o conceito de civilização se refere. A coação social à auto-coação e a apreensão de uma autoregulação individual, no sentido de modelos sociais e variáveis de civilização, são universais sociais. (ELIAS, 2006: 21 e 22)

A concepção de "civilidade" abordada por Elias é multidimensional, pois vai além das instituições, dos marcos políticos e da ciência, abrangendo também uma forma de sensibilidade característica da era moderna. Esse processo de civilização, cujo principal agente de disseminação é a classe burguesa, abarca diversas dimensões da vida social, como os modos à mesa, a etiqueta no uso do banheiro e a forma de vestir-se, entre outros aspectos. O que merece destaque é que esse processo é constantemente acompanhado de um caráter "educativo", por meio do qual uma elite busca universalizar seus padrões de comportamento, considerando-os ideais e em sintonia com os princípios modernos.

No contexto dos grupos masculinos, observa-se um processo semelhante, que ocorre por meio da assimilação de determinadas categorias advindas do feminismo e do debate sobre gênero, por parte de um segmento intelectual composto pelos organizadores desses grupos. Esse

segmento busca ampliar o alcance e a normatividade social das perspectivas feministas ao incorporá-las em suas próprias práticas e discursos. Esse processo de assimilação e difusão tem como objetivo promover a expansão e a adoção dessas perspectivas em âmbito mais amplo, contribuindo para a reconfiguração das normas sociais.

Para Elias, as interações presentes no processo civilizador podem ser aplicadas a diferentes contextos sociais. Mesmo reconhecendo as profundas implicações históricas desse conceito na Europa, onde nasceu a palavra e a ideia de "civilização", é válido explorar as noções de regulação social e autorregulação como ferramentas relevantes para compreender o comportamento social em outros lugares, assim como no Brasil (LIMA, 2009).

A mesma mudança na estrutura dos comandos e proibições que [...] vimos no estudo dos hábitos à mesa, da higiene corporal e de outras funções elementares [...]. Regras de conduta que, nos círculos aristocráticos, mesmo os adultos observam principalmente por consideração ou medo de outras pessoas, são inculcadas no indivíduo, dentro do mundo burguês, como auto-restrições. Nos adultos, elas não mais se reproduzem ou são preservadas pelo medo direto a outras pessoas, mas por uma voz 'interior', um medo automaticamente reproduzido pelo próprio superego do indivíduo, em suma, por um comando moral que não necessita mais de justificação (ELIAS, 1994, p. 196).

Certa expressão de comando moral também parece ser o que vemos na formulação do que seria uma nova masculinidade. No contexto dos Grupos de Homens analisados, observa-se um esforço semelhante de desenvolvimento de uma nova forma de sociabilidade masculina, baseada na discussão sobre masculinidades e na alegada busca por uma maior equidade de gênero, senso de pertencimento ou autoconhecimento. Os participantes dos grupos são incentivados a falar e refletir sobre suas próprias atitudes, crenças e comportamentos, desafiando estereótipos de gênero e assumindo uma postura mais consciente em relação às relações interpessoais.

Durante o processo de formação dos Estados-Nação europeus, que Elias (1994) descreve como processos de integração social, surgiram diversas maneiras de regular o comportamento humano: diretrizes destinadas a fortalecer estruturas de diferenciação social. A aristocracia cortesã francesa nos séculos XVII e XVIII, em particular, desempenhou um papel crucial nesse movimento. Acreditando possuir o conhecimento "correto" sobre comportamentos e utilizando-o como meio de obter prestígio social, ela acabou disseminando esses padrões de conduta em círculos cada vez mais amplos. Conforme destacado por Elias, essa dinâmica resultou na institucionalização de uma série de regras e restrições comportamentais, originadas na esfera social e gradualmente internalizadas pelos indivíduos através da educação formal. Ao longo dos

séculos, essas normas se espalharam, tanto dentro como fora da Europa, difundindo-se pelo mundo como representações de um "modo civilizado de existir". Assim, a

[...] reflexão contínua, a capacidade de previsão, o cálculo, o autocontrole, a regulação precisa e organizada das próprias emoções, o conhecimento do terreno, humano e não-humano, onde agia o indivíduo, tornaram-se precondições cada vez mais indispensáveis para o sucesso social (ELIAS, 1994, p. 226).

Importante, então, entender a civilização não como uma entidade estática, ou um resultado final, mas um processo histórico em constante desenvolvimento. Maria de Fátima Farias de Lima (2009) nos indica sobre como podemos nos apropriar desse conceito em pesquisa: “[...] a idéia de civilização se apresenta ao pesquisador social como um interessante instrumento teórico na medida em que convoca a atenção para os detalhes da vida cotidiana numa perspectiva de mudança social” (2009, p. 1). Elias enfatiza que a civilização está sempre em movimento e sujeita a transformações ao longo do tempo, refletindo as mudanças nas estruturas sociais, nas normas e nos valores de uma sociedade, “ao falar de civilidade e de práticas costumeiras, ou comunitárias, estamos tratando de uma relação, ou seja, uma disputa que está sujeita a variadas apropriações e à criação de novas regras delimitadoras, o que implica na recusa de toda e qualquer análise de natureza evolucionista” (LIMA, 2009, p. 58).

Através da criação de um espaço seguro e acolhedor, os Grupos de Homens buscam fomentar a expressão e a escuta atenta, incentivando habilidades como empatia, respeito, compreensão mútua, etc. Essa abordagem se alinha ao conceito de civilidade proposto por Elias, que enfatiza justamente a importância do controle emocional e da comunicação no processo civilizatório. De acordo com o autor (1994), a civilização implica um refinamento gradual dos comportamentos e sentimentos humanos, no qual as emoções e impulsos individuais são progressivamente regulados e moldados de acordo com as normas e expectativas sociais ou de um determinado grupo, a partir de relações de interdependência. Esse processo ocorre por meio da internalização de regras e padrões de comportamento, que são transmitidos e aprendidos ao longo do tempo.

A civilização corresponde então a um processo social complexo que envolve a pacificação e regulação das relações, impulsos e emoções humanas ao longo do tempo. Além disso, Elias argumenta que a civilização está relacionada à formação de estruturas sociais mais complexas e interdependentes, ou seja, à medida que as sociedades vão se desenvolvendo, as interações humanas se tornam mais interligadas e dependentes umas das outras, o que exige um

maior grau de controle e regulação para manter a ordem social. A internalização de normas e regras sociais resulta em um autocontrole cada vez maior dos indivíduos. Esse processo de civilização é fundamentalmente, então, um processo de "domesticação" dos seres humanos, em que os comportamentos e as emoções brutais são gradualmente contidos e regulados pela sociedade.

[...] Elias relacionou os problemas da violência e formação do Estado à produção de um habitus que se desenvolve no seguinte sentido: quanto maiores as redes sociais de interdependência, maior a mudança na relação entre controles exteriores e autocontrole, favorecendo este último. O controle e pacificação de largos territórios aumenta as possibilidades de identificação ao fortalecer o sentido de confiança, ao mesmo tempo que permite o desenvolvimento de controles impessoais. Os indivíduos precisam coordenar suas ações ou prestar mais atenção nas ações de outros, acostumando-se a adequar suas ações a interesses de longo prazo, necessitando controlar mais sistematicamente suas pulsões. Na base dos processos de racionalização da experiência está uma mudança na economia das emoções, em que o autocontrole se torna um elemento central para subjetivação e mediação das interações (FREIRE & BRITO, 2021, p. 99-100).

De acordo com Elias, o autocontrole é uma característica fundamental do processo civilizador. Ele argumenta que, à medida que a sociedade evolui e se torna mais complexa, os indivíduos são cada vez mais pressionados a desenvolver o autocontrole para se adequarem às expectativas sociais. O autocontrole envolve a capacidade de moderar impulsos e desejos imediatos, adotando comportamentos mais adequados de acordo com as normas e valores predominantes na sociedade, além de ter total relação com o conceito de interdependência apontado pelo autor:

A prática do autocontrole das relações e das emoções através da racionalização das ações, dos comportamentos pelas regras, pelo controle do tempo e do espaço, pela coerção do trabalho dentre outros, provoca diferentes tensões no atual estágio do processo civilizacional a partir das relações de disputa, de competição e de coerções (pela lei, pela moral, pela regra, pela disciplina e pela força ideológica e física) no conjunto das práticas cotidianas e do conjunto da sociedade dos indivíduos (MONDARDO, 2007, p. 15).

Além disso, o autocontrole é um componente essencial para a coexistência pacífica em sociedade. À medida que as relações sociais se tornam mais interdependentes, é necessário que os indivíduos desenvolvam a capacidade de controlar seus impulsos e desejos para evitar conflitos e manter a ordem social. O autocontrole contribui para a formação de uma estrutura social mais estável, na qual as interações entre os indivíduos são reguladas de acordo com padrões socialmente aceitos ou desejados e novos comportamentos são modelados.

Os grupos investigados nos capítulos anteriores apresentam-se como espaços onde se constroem “novos homens”, potencialmente mais adequados à sociedade em que vivemos. Nesse sentido, MEMOH, Brotherhood e Homens Essenciais parecem poder ser entendidos enquanto ambientes que promovem um processo de “civilização” da masculinidade no sentido proposto por Elias. É possível perceber que ao convidar homens a participarem de seus grupos, apelam para justificativas, muitas vezes, que se apoiam numa ideia de transformação pessoal, informada por transformações em curso no tecido social, e revelam também uma gradativa conscientização das dinâmicas de poder que permeiam as relações de gênero.

Uma outra forma de compreender o discurso dos Grupos de Homens pode ser buscada ainda em “A ética da autenticidade”, de Taylor (2011). A obra aborda a busca por autenticidade na sociedade contemporânea e traz a noção de que cada indivíduo é singular e vai tentar encontrar o seu próprio caminho na vida, o seu jeito de viver. A ideia de autenticidade surge da falta de sentido experimentada na vida contemporânea, que é resultado do colapso dos valores tradicionais. Buscar autenticidade significa reencontrar um propósito que dê significado à sua vida. Dentro disso, Taylor identifica três preocupações principais para a contemporaneidade: o individualismo, a primazia da razão instrumental e a alienação do indivíduo em relação à esfera política. Marcon e Furlan resumem esses pontos:

Fortemente ligados entre si, o autor reconhece que o individualismo assume aqui o papel crucial na discussão. De maneira geral, trata-se de um modo de vida com foco excessivo no âmbito individual, em que figura a prevalência do “âmbito interno” em detrimento de qualquer relação ou exigência de “ordem externa”. Já a primazia da razão instrumental é um segundo termo que tem origem próxima à do individualismo, uma contrapartida deste no modo de pensar e de se relacionar com a natureza e com outrem. Por fim, relacionada ao individualismo e à primazia da razão instrumental, o autor identifica uma alienação do indivíduo em relação à esfera política, um desinteresse e descrença geral no engajamento em questões ligadas ao coletivo, conjunto cuja expressão emblemática é o surgimento de formas paternalistas e pouco representativas de governo (MARCON & FURLAN, 2020, p. 2).

Um primeiro aspecto que nos interessa aqui é a terceira preocupação de Taylor sobre a alienação política do indivíduo. Segundo Taylor, essa alienação política ocorre quando o indivíduo não consegue mais se identificar com as estruturas ao seu redor, sejam políticas ou sociais, e isso afeta o seu interesse pela participação política. O autor considera isso um problema porque atinge diretamente a democracia contemporânea, uma vez que sem a participação ativa dos cidadãos na tomada de decisões não há como se alcançar uma sociedade politicamente justa.

Enquanto Elias fala de um processo civilizador pelo qual a norma social coloniza a ação individual; Taylor, por outro lado, fala de um indivíduo que não consegue sair de si mesmo. Diante dessa ambivalência, é possível depreender que a “pressão” social pela civilização da masculinidade ocorre dentro de condições politicamente determinadas, nas quais os homens vão responder às cobranças pela via da autenticidade.

A alienação política do indivíduo na obra de Taylor está completamente relacionada com - e em alguma medida, é resultado de - os outros dois pontos que ele defende como grandes problemas da contemporaneidade: o individualismo e a primazia da razão instrumental. Em sua concepção, o individualismo, por ser tão valorizado, não dá margens para que o indivíduo enxergue ou se interesse pelo coletivo e suas questões políticas. E a primazia da razão instrumental, que impessoaliza e tecniciza nossa relação com os problemas sociais existentes, impede um senso de pertencimento político. Como se vê, esses pontos destacados por Taylor não são simples fatores que geram ou explicam uma problemática, mas são, isso sim, um espiral de causa e efeito em que todos se justificam pela existência dos outros.

O pensamento individualista, ao valorizar a pura escolha e o centramento excessivo no individual, desvaloriza o componente social necessário para constituir qualquer projeto de vida. Instrumentalizada, a vida cotidiana do indivíduo surge como meio para um fim maior que dela escapa e que a determina. E não teria como ser diferente, justamente porque o projeto de vida é identificado aí ao recuo em direção ao mundo por definição. Vimos que esse modo de pensar e agir constitui uma séria distorção, que acarreta aspectos perversos na composição do mal-estar contemporâneo (MARCON & FURLAN, 2020, p. 9).

Essa discussão que relaciona o senso de individualidade em contraponto ao senso comunitário, de coletividade, é também algo que se identifica na movimentação em torno da identidade masculina que os grupos reflexivos impulsionam. Dentro de todo o material analisado, é muito comum as publicações que convidam o homem a olhar para si mesmo como maneira de identificar ações e comportamentos tidos como “tóxicos”, não adequados, equivocados, que devem ser evitados e combatidos para que ele possa se tornar um homem “bom”, correto, aliado e alinhado a uma causa importante, performando uma suposta masculinidade saudável - mesmo que não sejam todos que utilizam essa expressão.

Antes de pensar o viés moral que há nessas construções de masculinidades saudáveis ou não, dentre outros termos que evocam isso, há que se pensar o aspecto individualizante desse chamado, no geral feito no singular, tentando acessar um indivíduo pela sua culpa ou senso de responsabilidade. Num movimento que centraliza esse indivíduo, e tudo que vem dele, como a

questão prioritária a ser tratada, como se ele apenas fosse o suficiente para resolver todos os problemas da sociedade ou como se um problema de toda uma sociedade pudesse ser resolvido pela máxima de “cada um fazendo a sua parte”.

Isso se acentua porque uma pergunta que segue pertinente é a seguinte: motivado por essa narrativa, um homem entra na jornada proposta pelos grupos reflexivos pensando ao fim de tudo se melhorar para de fato conseguir operar uma mudança social ou como um fim em si mesmo? Para usufruir pessoalmente de todos os benefícios dessa mudança, e às vezes só ficando com os benefícios dessa mudança? Não é possível responder a essa questão por meio da análise operada nesta pesquisa, que não mira o sentido que leva os homens a seguirem esses perfis e buscarem participar dos grupos. No entanto, os discursos mapeados apontam para uma evidente centralização da ação nesses indivíduos. Além disso, a observação participante nos grupos deixa sugerido que ambos os objetivos citados acima coexistem entre esse público.

O que se vende, em alguma medida, é um olhar para si que busca uma autocorreção moral com vistas a alcançar uma *performance* pessoal/social melhor adequada aos tempos atuais e, portanto, mais confortável e discursivamente coerente com as demandas políticas desses mesmos tempos. Pode também essa autocorreção estar associada a uma busca outra que seja ainda maior e final como a transformação social, uma sociedade menos machista e mais equitativa em relação ao gênero?

Ainda que seja uma estratégia válida buscar olhar para si inicialmente para só depois alcançar uma mudança no coletivo, não se trata de algo que seja possível alcançar transformando e diluindo questões estruturais em ações e comportamentos simplificados, como quando alguns desses perfis propõem dicas de como ser um homem menos machista. O individualismo se destaca como alternativa encontrada para ser e estar na sociedade contemporânea, utilizando-se de todo um instrumental racional para corrigir nossas condutas e ser isso mesmo uma política possível. Em paralelo, é exatamente esse caminho individual o que impede que a gente - e esses grupos na execução dos seus trabalhos - consiga acessar o lado político-comunitário do qual fala Taylor quando aponta que o individualismo é o que gera o mal-estar contemporâneo.

Voltando à obra de Taylor (2011), um conceito ainda não explorado aqui mas muito importante para essa elucidação é o de identidade. Para o autor, o *self* é a fonte da identidade, daquilo que somos, e essa identidade é construída diariamente pela nossa relação com o mundo e todos os seus elementos: religião, crença, tradição, linguagem, cultura, sendo, portanto, um processo dinâmico. Ao mesmo tempo, ele enfatiza que a identidade só pode ser construída dentro

de um horizonte moral, ela é o que orienta nossos comportamento nesse espaço moralizado. “A tese do autor é de que o conceito de identidade é indissociável do conceito de bem e que, portanto, evoca necessariamente uma reflexão no âmbito moral” (MARCON & FURLAN, 2020, p. 5).

Minha identidade é definida pelos compromissos e identificações que proporcionam a estrutura ou o horizonte em cujo âmbito posso tentar determinar caso a caso o que é bom, ou valioso, ou o que se deveria fazer ou aquilo que endosso ou a que me oponho. Em outros termos, trata-se do horizonte dentro do qual sou capaz de tomar uma posição (TAYLOR, 2013, p. 43-44).

Enquanto Taylor enfoca mais diretamente a noção de autenticidade e seu impacto na ética individual, Rieff (1990) amplia a discussão para abordar a cultura terapêutica em geral e as implicações mais amplas dessa mudança cultural. Este autor analisa a transformação das sociedades ocidentais modernas, onde os sistemas de crenças e valores tradicionais são substituídos por uma cultura terapêutica centrada no indivíduo e na busca por felicidade e bem-estar pessoal. Nesse contexto, a terapêutica se torna um meio de lidar com os problemas e conflitos da vida, e a psicologia e a psicoterapia assumem um papel central na busca pela autorrealização e no enfrentamento dos desafios emocionais e psicológicos.

Como vimos, esse processo de terapeutização é uma tendência que os Grupos de Homens reforçam de algum modo. Mesmo alguns não se rotulando como terapêuticos, há uma compreensão geral de que se lida com dinâmicas de grupalização que são sim ou, ao menos, possuem efeitos terapêuticos. Além disso, os perfis de idealizadores de alguns desses grupos nas redes, ao assumirem uma postura de *influencer* ou *coach* das masculinidades, operam no mesmo sentido.

O livro "O Triunfo da Terapêutica" de Philip Rieff, publicado originalmente em 1966, aborda a transformação da cultura ocidental, na qual os valores religiosos e morais são substituídos por uma mentalidade terapêutica. Rieff argumenta que o modelo da terapia instituído pela expansão clínica da Psicanálise substituiu os sistemas de valores tradicionais. Nos dias atuais, poderíamos pensar que *coaches* e *influencers* muitas vezes desempenham um papel semelhante, podendo ser vistos como guias ou mentores que ajudam os indivíduos a encontrar sua própria verdade e a definir seus valores e propósitos de vida. Embora haja diferenças entre terapeutas, *coaches* e qualquer outro tipo de conselheiros - além de nuances e abordagens distintas -, todos eles acabam atuando na esfera do aconselhamento e da orientação pessoal,

buscando promover, ao fim, o bem-estar emocional e o crescimento individual. Eva Illouz, aborda um pouco do porquê é complexo dar conta do alcance da terapêutica em nossa sociedade:

[...] el discurso terapéutico es una serie de prácticas lingüísticas con una base institucional fuerte (se origina en departamentos universitarios, institutos de investigación, revistas profesionales); emana de la clase profesional de los psicólogos y ha hallado un público particularmente receptivo entre los miembros de las nuevas clases medias y entre las mujeres; pero también es una visión del mundo anónima, sin autor y omnipresente, dispersa en un deslumbrante conjunto de lugares sociales y culturales (talk shows televisivos, Internet, la industria editorial, la práctica privada de los clínicos, la consultoría para empresas, los planes de estudios escolares, los programas de entrenamiento de prisioneros, los servicios de bienestar social y una pléthora de grupos de apoyo). En palabras de Lionel Trilling, el discurso terapéutico se ha convertido en “el slang de nuestra cultura”. El discurso terapéutico es entonces tanto un sistema de conocimiento formal, que tiene límites y reglas de escritura nítidos, es producido en organizaciones formales y es transportado a través de redes profesionales, especialmente a través de “productores de conocimiento”, y un sistema cultural informal, difundido y amorfo, presente en prácticas culturales corrientes y en autocomprensiones (ILLOUZ, 2010, p. 23).

Assim, o discurso terapêutico se entrelaça entre a formalidade do conhecimento profissional e a informalidade da cultura, influenciando a compreensão e a prática da terapia na sociedade. Relacionando a obra de Taylor com a de Rieff, é possível destacar a influência da cultura contemporânea na formação do “eu” autêntico e na valorização da terapêutica como um meio de alcançar a satisfação pessoal - uma “nova forma de religião na cultura ocidental” (RIEFF, 1990). Ambos os autores exploram a mudança nas bases éticas e culturais das sociedades ocidentais, refletindo sobre os efeitos dessa transformação na maneira como as pessoas entendem a si mesmas, suas identidades e a busca pela felicidade.

Taylor explica também sobre um momento histórico que antecede a contemporaneidade em que a configuração era outra. Nela, preponderavam contextos de pouca liberdade de escolha dos indivíduos sobre suas próprias vidas, haja vista o peso que instituições como a religião e família ocupavam nas decisões pessoais da população e interferiam em tais escolhas. Isso atravessa também os aspectos de gênero, considerando *performances*, expressões, responsabilidades e papéis. As expectativas de uma sociedade e de uma cultura sobre o gênero são muito capilares para a formação da identidade de gênero de alguém e a busca por autenticidade é influenciada por esses padrões sociais e culturais, ao mesmo tempo em que essa busca pode ser também uma maneira de ir contra tais padrões.

Hoje, nesse entendimento de Taylor, os horizontes morais que antes eram bastante restritivos se abriram e, com isso, o indivíduo ganhou a possibilidade de construir a si mesmo

com um leque ampliado de referências morais e maior flexibilidade para se construir como um ser autêntico. Segundo o autor, “a autenticidade não é uma qualidade que possamos simplesmente possuir ou não possuir. É uma qualidade que se relaciona com o trabalho constante que fazemos em nós mesmos para nos compreender melhor e nos expressar de forma coerente com nossa própria identidade” (TAYLOR, 2011, p. 79).

Sendo assim, uma vez que a identidade é sempre uma busca e eu me torno eu mesmo a partir de minhas escolhas e decisões sobre minha vida, a autenticidade aparece como chave para essa realização pessoal, pois é aquilo que dá significado e coerência à vida. Contudo, o grande desafio segue sendo realizar tal feito com o campo moral tão alargado e propósitos pouco definidos, o que leva o indivíduo a se voltar para si nessa busca de sentido, onde aparece o individualismo como ponto crítico da obra de Taylor: “o lado sombrio do individualismo é centrar-se em si mesmo, que tanto nivela quanto restringe nossa vida, tornando-a mais pobre em significado e menos preocupada com os outros ou com a sociedade” (TAYLOR, 2011, p. 6). Taylor aponta, portanto, a alienação política e a paradoxal perda da liberdade como um problema que é decorrente do individualismo:

Uma sociedade em que as pessoas acabam sendo o tipo de indivíduo que é “fechado em seu próprio coração” é aquela em que poucos vão querer participar ativamente no autogoverno. Eles preferirão ficar em casa e desfrutar as satisfações da vida privada, contanto que o governo vigente produza os meios para tais satisfações e os distribua abertamente (TAYLOR, 2011, p. 10).

Assim, Taylor fala não apenas sobre como chegamos a esse período em que a autenticidade se torna um valor mas também sobre como isso pode ser prejudicial à vida comunitária e social das pessoas. Ele apresenta, então, suas implicações para a sociedade. À medida que a autenticidade aparece como valor em resposta à falta de sentido que a vida moderna adquire após o rompimento com ideais morais antigos, despontam também aspectos negativos como a alienação política. O que não quer dizer que a autenticidade em si ou mesmo o próprio individualismo tenham somente estes aspectos. Podemos enxergar o ato de voltar-se para si mesmo nem sempre com o viés de alienação política, não como uma relação exata.

Podemos notar que o cuidado de si transita em diferentes frentes. Ele é algo pessoal, característico das relações interpessoais, dos relacionamentos cotidianos. O cuidado de si, neste sentido, contribui na formação de um self que não está sem correspondência com aquilo que outras pessoas significantes, como um amigo, lhe digam. Ou seja, cuido de mim, desenvolvo certas práticas de cuidado, para que meu self seja reconhecido e bem quisto por aqueles que me são caros. Tal perspectiva se dirige, também, para os assuntos públicos. Ora, quando cuido de mim mesmo demonstro certa sabedoria prática para o cuidado,

no sentido do governo, dos outros que convivem comigo em sociedade (CAMPOS, 2021, p. 283-284).

A autenticidade para Charles Taylor, como supracitado, é o que abrange essa busca por uma identidade pessoal a partir de escolhas e decisões pessoais que demarcam e geram sentido para a vida desse indivíduo. É também uma resposta ao que ele chama de pluralismo moral, que demanda do indivíduo uma construção própria de significados para si. Taylor, com seu conceito de autenticidade, dirige a tônica para a procura por uma identidade pessoal que faça sentido ao indivíduo. Esse conceito aborda de uma maneira geral essa crítica ao olhar sobre si mesmo e como isso pode se revelar uma forma de resistência ao poder e, ao mesmo tempo, aponta para a importância de se pensar uma ética dessas práticas.

A autenticidade é essa negociação, num contexto de pluralismo cultural, de normas e princípios morais com a intenção de criar uma identidade segura para o indivíduo, que valide de algum modo a sua existência. Nos perfis dos grupos analisados, é possível enxergar todo um discurso que caminha no sentido de estimular e guiar o público masculino em busca dessa autenticidade, dessa identidade que ele precisa construir nesse momento histórico completamente de acordo com esquemas morais que têm ascendido em sintonia com as pautas dos movimentos feminista e LGBTQIA+.

Não raro, na recusa de uma identidade ultrapassada que homens de segmentos sociais específicos querem se livrar porque já não tanto valorizada pela sociedade - essa masculinidade hegemônica -, e diante também de outras identidades emergentes - o *heterotop*, o esquerdomacho, o homem desconstruído etc. - é muito presente um diálogo moral, do qual são forjadas novas identidades que se contrapõem aos modelos passados e também a modelos contemporâneos. Então, formas atualizadas de ser homem são performadas por esses indivíduos na medida em que criam um novo modelo de homem, um novo jeito de vivenciar suas masculinidades.

Se criam, assim, novos estilos de vida dotadas de uma série de comportamentos possíveis e adequados a essa nova era do homem contemporâneo: ele apreende um léxico politicamente correto e, de modo prático e discursivo, encontra novos eixos direcionadores de sua existência. Retomando Eva Illouz, e lançando mão dos seus estudos sobre gênero e auto-ajuda, ela fala sobre a terapia como um novo estilo emocional.

[...] para hacerse oír los psicólogos y los psicoanalistas profesionales estadounidenses recurrieron a las industrias culturales. Al suprimir la distinción entre la cura por la palabra y el libro de autoayuda, espero mostrar que las

esferas culturales diferentes de la terapia popular y la terapia profesional están unidas por un estilo emocional común (ILLOUZ, 2010, p. 27).

Para a autora, “La doctrina terapéutica funciona como una “zona comercial” cultural ampliada” (ILLOUZ, 2010, p. 219), o que quer dizer que grupos ou atores diversos, com interesses e pensamentos distintos se engajam nesta produção narrativa ou “intercâmbio de conhecimento” mesmo que divirjam ou não comunguem da mesma narrativa.

Estos diferentes actores han convergido en la creación de un ámbito de acción en el cual la salud mental y emocional es la principal mercancía que circula, un ámbito que marca a su vez los límites de un “campo emocional”, esto es, una esfera de la vida social en la que el Estado, la academia, distintos segmentos de las industrias culturales, grupos de profesionales acreditados por el Estado y por las universidades y el gran mercado de los medicamentos y la cultura popular se han cruzado y han creado un dominio de acción con su propio lenguaje, sus propias reglas, sus propios objetos y sus propios límites. La rivalidad entre diferentes escuelas psicológicas, o incluso la rivalidad entre la psiquiatría y la psicología, no deberían eclipsar lo que en última instancia es su acuerdo en torno de la definición de la vida emocional como algo que debe ser manejado y controlado y en torno a su regulación bajo el ideal –en incesante expansión– de una salud canalizada por el Estado y por el mercado (ILLOUZ, 2010, p. 219).

Ou seja, há uma competição para definir os conceitos desse campo emocional: “La constitución de este “campo emocional” explica la emergencia de nuevas formas de capital (véase el capítulo siguiente) y nuevos esquemas para comprender al yo en términos de enfermedad, de salud, de sufrimiento y de autorrealización” (2010, p. 220). E o resultado desta corrida é a criação de novos comportamentos e maneiras de enxergar a vida que acabam impactando também os nossos códigos morais. “[...] la doctrina terapéutica ha transformado en una enfermedad lo que antes era clasificado como un problema moral, y puede así ser entendida como parte del fenómeno más amplio de la medicalización de la vida social” (2010, p. 220).

Dentro desse contexto, como se percebe, diferentes abordagens terapêuticas e psicológicas competem para definir conceitos e práticas relacionadas ao campo emocional. Isso implica em uma transformação de problemas morais em problemas de saúde - ou doença. A concepção de que a terapia pode levar ao alcance da saúde emocional está inserida em um fenômeno mais amplo conhecido como medicalização da vida social. Nesse contexto, assuntos que antes eram considerados questões morais passam a ser interpretados e abordados como problemas de natureza médica.

Os Grupos de Homens reflexivos e/ou terapêuticos sobre masculinidades se encaixam nesse contexto, pois fazem parte das novas formas de abordagem das questões emocionais e de

identidade masculina. Esses grupos buscam criar espaços para reflexão e discussão sobre as masculinidades e os impactos emocionais e psicológicos da masculinidade tradicionalmente construída. Eles se enquadram no campo emocional mencionado por Illouz (2010), onde a saúde emocional e a busca pela autorrealização são temas centrais. Assim, podemos entender que esses grupos são parte da competição pelo poder de definição e influência dentro do campo emocional, contribuindo para a transformação das normas e códigos morais associados à masculinidade e à expressão emocional masculina.

6 CONSIDERAÇÕES

Iniciei esta pesquisa com objetivos que foram transformados no decorrer do percurso, e me transformei também. No começo, quando eu nem havia ainda participado de nenhum grupo de homem, desejava saber como funcionava e decidi me aproximar levando junto a minha pesquisa, e por meio dela o fiz. No ano de 2020, tinha intenções de viajar pelo Brasil para poder participar dos grupos já mapeados previamente e que eram realizados de forma presencial. A pandemia de covid-19 criou um cenário que permitiu ampliar o alcance de participantes dos grupos já existentes, e até mesmo facilitando a criação de outros grupos, por causa da adesão ao formato remoto.

Essa foi a primeira virada no curso da minha investigação que fez eu me aproximar do objeto e me ofereceu um ponto de vista muito privilegiado para os fenômenos que queria observar, me permitindo participar dos grupos ofertados por todos aqueles que analiso nesta dissertação e também de muitos outros. Eu pude, inclusive, criar um grupo, chamado Homens de Quinta, junto com outros sete homens que encontrei ao participar do MEMOH. Quanto mais eu chegava perto do que estava estudando, mais interesses de pesquisa se abriam.

O segundo e último ponto de virada se deu quando comecei a trabalhar no MEMOH, em 2021, no cargo de Gestor de Comunidade, tendo a missão de criar e estabelecer a Comunidade MEMOH, uma Comunidade que nasce diretamente ligada aos grupos reflexivos de homens desenvolvidos pelo Negócio Social, e com o objetivo de dar unidade e continuidade à experiências realizadas no Grupo, criando senso de pertencimento, etc.

Nessa condição, pude estabelecer diálogos densos com outros atores do campo, além de observar muito de perto o planejamento e a organização de um grupo de homens - especificamente, os grupos reflexivos do MEMOH, do qual fui e continuo sendo síndico²¹. Neste processo, realizei, por exemplo, entrevistas com 45 membros da comunidade, incluindo participantes e ex-participantes dos grupos. Essas entrevistas fizeram parte de uma pesquisa para compreender as necessidades desses homens que viriam a ser membros da Comunidade para, assim, estruturá-la. Afinal, antes de estabelecer a Comunidade, era crucial compreender os desejos, as ideologias e perspectivas sobre masculinidades desses membros. Essa etapa marcou o início da minha jornada de trabalho no MEMOH.

²¹ Figura da metodologia que é responsável pela gestão (formação, supervisão e acompanhamento) dos grupos reflexivos.

Dentro da minha função enquanto gestor, possuía também a responsabilidade de participar dos encontros virtuais dos grupos reflexivos como um membro ativo - síndico, como já dito - com a função de analisar e observar as discussões, além de oferecer suporte aos caseiros (facilitadores) dos grupos. Contudo, atuando ali, identificamos alguns desafios relacionados aos grupos reflexivos: um deles era traçar uma jornada que conduzisse os participantes desde o momento em que eles ingressassem - já sensibilizados e incomodados, mas ainda focados em si mesmos - até o fim do ciclo, momento em que pudessem compreender a importância da coletividade e da luta política, engajando-se na busca pela equidade de gênero. Outro desafio era o de evitar que os encontros se transformassem em meras sessões de compartilhamento pessoal, em que os participantes falassem apenas de si mesmos, sem refletir sobre o quanto e como suas ações são influenciadas e impactadas pela sociedade. Essa já era uma pauta do MEMOH antes mesmo que eu fizesse parte do time, embora, todos estes aspectos tenham ficado mais evidentes a partir das pesquisas realizadas por mim dentro da Empresa.

Era essencial, portanto, que os grupos reflexivos cumprissem verdadeiramente o seu propósito reflexivo. Era fácil reconhecer que a expressão individual fazia parte do processo e que a vulnerabilidade masculina era fundamental para a formação do grupo. No entanto, isso não poderia ser o objetivo final, era apenas o primeiro desafio a ser superado, embora muitas vezes tenhamos alcançado apenas esse ponto.

Em certa medida, entendemos que os grupos reflexivos seriam, de fato, um instrumento do MEMOH destinado a trabalhar essas questões nos homens, e que, se ao final do ciclo eles estivessem minimamente sensibilizados para a luta política, pensando não apenas em si mesmos, mas também no coletivo, isso já seria um resultado significativo, reconhecendo, é claro, também as limitações desses grupos reflexivos, que consistem em dez encontros quinzenais ao longo de um semestre. A Comunidade assumiu, então, o compromisso de ser a promotora dessas ações, dando continuidade à sensibilização política iniciada com os grupos reflexivos.

Trabalhar no MEMOH fez eu perceber problemáticas ainda maiores do que eu havia imaginado anteriormente quando iniciei a pesquisa de mestrado. Fui diretamente envolvido nessas questões, não apenas como observador, mas também como participante ativo e completamente imerso nesse universo do debate sobre masculinidades. Há muito a ser feito, e a proposta da Comunidade MEMOH é apenas uma das várias ações necessárias de combate ao machismo envolvendo homens nesse processo. Através da educação para a responsabilização, busca-se ir além do mero aprimoramento pessoal, priorizando a conscientização sobre o impacto

das ações individuais na coletividade e incentivando a adoção de posturas ativas na luta por uma sociedade mais justa e equânime.

No entanto, é importante reconhecer que a Comunidade MEMOH ainda está em processo de desenvolvimento e planejamento constante. As ideias estão sendo delineadas, e sabemos que há muito a aprender e aprimorar ao longo desse percurso. Finalizar esta pesquisa com esse trabalho nas mãos me motiva e me deixa em alerta para as limitações e as dificuldades que há de se enfrentar na construção e manutenção de espaços e políticas que vão além das superfícies emocionais, que promovam a reflexão crítica, a mobilização e a transformação social.

Trago um pouco dessa minha experiência e trabalho à frente da Comunidade MEMOH, porque mesmo ela não sendo parte desta pesquisa de forma direta, em muitos níveis ela esteve presente interferindo de algum modo nas minhas leituras e percepções, me afetando enquanto pesquisador e homem. Poder estar a frente disso com o MEMOH é também um resultado desta pesquisa, e complexifica e enriquece essa trajetória.

Percebo que esta pesquisa contribui para o campo no sentido de tornar visível o quanto muitos recursos discursivos usados como argumentos na convocação, sensibilização e mobilização de homens sobre o debate de gênero está muito contaminado por vieses moralistas e mesmo as tentativas de desindividualizar a pauta, fugindo da culpa e indo para a responsabilização e para o coletivo, ainda assim, permanece operando dentro de esquemas morais, quando não produzindo moralidades.

É importante perceber o quanto a moral é inerente ao social. Muitas vezes não vai ser possível defender um movimento ou uma causa social completamente à parte de elementos morais, que compreende-se ser constitutivo dessa própria sociedade. Reconhecer isso não traz soluções, mas negar tampouco. Um caminho que parece mais assertivo e honesto é o esforço de identificar e lidar com as narrativas morais que construímos o tempo inteiro e que rege o nosso fazer político e nossas buscas por justiça social e equidade de gênero.

Os grupos analisados, embora dentro do mesmo campo, apresentam mais diferenças do que similaridades. Nem todos visam ou demonstram estar preocupados em ocupar um lugar político. Contudo, até esse local político não está isento de ser construído a partir de configurações moralizantes. O que também não significa que isso invalida o esforço empreendido e nem que não se possa operar transformações sociais em esferas distintas, ainda assim. O ponto que sinto válido dizer, é que para que este debate avance e os Grupos de Homens contribuam de maneira contundente para a discussão de gênero e masculinidades é necessário

que os agentes envolvidos nesse trabalho consigam perceber o cenário no qual estão atuando, e como estão atuando, não na tentativa de eliminar qualquer resquício moral, mas de entender o quanto isso afeta a produção e recepção dos discursos que fazem.

E não se encerra aqui, há muito a ser pesquisado nesse campo das masculinidades e em específico dos Grupos de Homens. Embora tenha participado de muitos grupos, essa experiência não foi utilizada como um dado aqui nesta dissertação, mas há muito a se explorar nesse sentido ainda, e muitas questões a serem feitas e respondidas. Mobilizar homens em prol de uma pauta de gênero não é uma tarefa simples e observar quem tá conseguindo fazer isso - ainda que se considere os interesses e abordagens distintas - parece ser sempre profícuo, especialmente se se entende esses espaços como oportunidades, que estão aí para serem criticados, reconstruídos, refeitos, esmiuçados. Os Grupos de Homens podem facilmente ser replicados e o que eles podem gerar de efeitos - positivos para a construção de uma sociedade equitativa e justa - é o que precisa continuar sendo investigado.

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. O drama moral de certa pedagogia feminista. 2000. Disponível em: <https://www.academia.edu/62851701/O_drama_moral_de_certa_pedagogia_feminista>. Acesso em: 20 jun. 2023.

AMARAL, Lucas. Sou um homem que sofreu. Instagram, vídeo/stories [s. l.: s. n.], 2019. Disponível em: <<<https://www.instagram.com/stories/highlights/17933229913308304/>>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

AMBRA, Pedro. Cartografias da Masculinidade: do mito ao horizonte de desconstrução. In.: **Dossiê Cartografias da Masculinidade**. Revista Cult, ed. 242, 2019.

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Diferença e igualdade nas relações de gênero**: revisitando o debate. Seção Temática: conjugalidade, parentalidade e gênero - Psicol. clin, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pc/a/BVXTfbqbzJJYh7pwSkjdzpN/?lang=pt>>. Acesso em: 01 fev. 2022

BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Tradução Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARDIN, Laurece. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BEIRAS, Adriano; NASCIMENTO, Marcos & INCROCCI, Caio. Programas de atenção a homens autores de violência contra as mulheres: um panorama das intervenções no Brasil. Saúde Soc. São Paulo, v.28, n.1, p.262-274, 2019.

BEIRAS, Adriano, BRONZ, Alan. Metodologia de Grupos Reflexivos de Gênero. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2016

BEIRAS, Adriano. Relatório Mapeamento de Serviços de atenção grupal a homens autores de violência contra mulheres no contexto brasileiro. 2014. Disponível em: <https://nusserge.paginas.ufsc.br/files/2021/06/Relatorio-Mapeamento-SHAV_site.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BEIRAS, Adriano. Ser um homem não heterossexual. Spotify/áudio[s. l.: s. n.], ep. 09, jun. 2019 (2019). Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/3L7EnfhjxQQSWBZnehJ32X>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

BONNY, Felipe. lá nós fazemos várias atividades. Instagram, vídeo/stories [s. l.: s. n.], 2019. Disponível em: <<https://www.instagram.com/stories/highlights/17933229913308304/>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

BRITO, Simone e FREIRE, Alyson Thiago Fernandes. Civilidade e técnicas de si como conceitos para análise sociológica das moralidades. INTERSEÇÕES [Rio de Janeiro] v. 23 n. 1, p. 92-112, jun. 2021. Disponível em:

<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/viewFile/60648/38340>>. Acesso em: 03 mar. 2022.

BROTHERHOOD & ANCESTRALIDADE por Gustavo Tanaka. Voices, 2018. Vídeo 11min39s. Disponível em: <https://www.voicers.com.br/tech-talk-brotherhood-ancestralidade-gustavo-tanaka/>. Acesso em: 19 mai. 2021.

BROTHERHOOD. [...] Nós homens somos guiados por um senso de missão.. Instagram, [s. l.: s. n.], 05 out. 2020 (2020b). Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CF9WSdiHk0Q/>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

_____. A caixinha já está a venda. Instagram, [s. l.: s. n.], 06 fev. 2020 (2020g). Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B8PRBDiHrcG/>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

_____. Com muita alegria abrimos a convocação. Instagram, [s. l.: s. n.], 31 mar. 2021 (2021a). Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CNFbdA5nm7j/>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

_____. Entramos no mês de dezembro. Instagram, [s. l.: s. n.], 25 nov. 2020 (2020a). Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CIB4E7bHqBA/>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

_____. Eu queria ser uma mosca. Instagram, [s. l.: s. n.], 19 nov. 2020 (2020e). Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CHxfUjvneA0/>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

_____. Nessa semana começamos. Instagram, [s. l.: s. n.], 04 mai. 2021 (2020c). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B_xr4RnLLw/>. Acesso em: 19 mai. 2020.

_____. No Brotherhood, além dos espaços de conversa. Instagram, [s. l.: s. n.], 07 mai. 2020 (2020d). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B_5glpjHqDO/>. Acesso em: 19 mai. 2021.

_____. O ano começou pra gente. Instagram, [s. l.: s. n.], 03 fev. 2020 (2020f). Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B8Gq0OhH0HY/>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, João Pedro Andrade de. Foucault e Taylor: O Self entre Ética-Estética e a Ética da Autenticidade. *Kínesis*, Vol. XIII, nº 34, julho 2021, p.271-288.

CONNELL, Robert W., MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade Hegemônica: Repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril, 2013.

CUNHA, Eduardo Leal. A Normalização das Homossexualidades e os destinos dos masculinos. In.: **Dossiê Cartografias da Masculinidade**. Revista Cult, ed. 242, 2019.

CUSTÓDIO, Túlio. Existem múltiplas diferenças. Instagram, [s. l.: s. n.], 13 nov. 2020 (2020). Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CHiULmBpr5h/>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

ELIAS, Norbert. Escritos & Ensaio, v. 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador, v 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FIGUEIREDO, Pedro de. não dá para falar sobre *feminismo*. Spotify/áudio[s. l.: s. n.], ep. 06, mai. 2019 (2019a). Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/7tXPrtGQ5WytmY8srLPMfM>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

_____. O MEMOH terá. Spotify/áudio[s. l.: s. n.], ep. 17, jul. 2020 (2020a). Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/1EHI98AXIMcC8S7xsR5KNF>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da Prisão. Tradução: Raquel Ramallete. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GARMENDIA, Ana. Brotherhood, o movimento da Masculinidade saudável. Ana Garmendia, 6 fev. 2019. Disponível em: <<https://anagarmendia.com.br/2019/02/brotherhood-o-movimento-da-masculinidade-saudavel/>> Acesso em: 19 mai. 2021.

GILL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. – 6ª ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

HITLIN, Steven. Os Contornos e o Entorno da Nova Sociologia da Moral. Sociologias, Porto Alegre, ano 17, nº 39, mai/ago 2015, p. 26-58. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/soc/a/ywQB48bZ3LbvznDSWCbQjYs/?lang=pt>>. Acesso em: 07 mai. 2022.

HOMENS ESSENCIAIS. A maioria dos homens crescem. Instagram, [s. l.: s. n.], 11 fev. 2021 (2021e). Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CLK3B7-FeDf/>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

_____. faz uso constante de. Instagram, [s. l.: s. n.], 10 fev. 2021 (2021a). Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CLK3B7-FeDf/>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

_____. Felipe Bonny é faixa preta. Instagram [s. l.: s. n.], 16 set. 2019 (2019b). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B2fOyXelZ_C/>. Acesso em: 19 mai. 2021.

_____. Lucas Amaral é doutor em Ciência Política. Instagram [s. l.: s. n.], 23 set. 2019 (2019c). Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B2xV-ZYIUa2/>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

_____. Os homens podem vivenciar. Instagram, [s. l.: s. n.], 07 mar. 2021 (2021b). Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CMiosTb1pDO/>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

_____. Pedro Maia é fisioterapeuta. Instagram [s. l.: s. n.], 11 set. 2019 (2019). Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B2RSJ4llm23/>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

_____. Sororidade diz respeito. Instagram, [s. l.: s. n.], 11 jan. 2021 (2021d). Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CJ68fFIIRr2/>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

_____. um termo criado para se opor. Instagram, [s. l.: s. n.], 14 out. 2021 (2021c). Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CVA7ihRsC19/>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

_____. Vamos falar sobre o medo do feminino?. Instagram, [s. l.: s. n.], 04 fev. 2021 (2021f). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CK48PpVF_7t/>. Acesso em: 29 mai. 2021.

HOOKS, Bell. **The Will to Change: Men, Masculinity, and Love**. Tradução de Ayodele e Ezequias Jagge, New York: Atria Books, 2004.

ILLOUZ, Eva. **La salvación del alma moderna: Terapia, emociones y la cultura de la autoayuda**. Buenos Aires: Katz Editores, 2010.

KIMMEL, Michael S.. A Produção Simultânea de Masculinidades Hegemônicas e Subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.

LIMA, Maria de Fátima Farias de. Civilização e os Modos à Mesa: Relações Entre Espaços de Consumo Alimentar e o Processo Civilizador. XII Simpósio Internacional Processo Civilizador, Recife/PE, 2009.

LINS, Regina Navarro. O sistema *patriarcal*. Spotify/áudio[s. l.: s. n.], ep. 06, mai. 2019 (2019). Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/7tXPrtGQ5WytmY8srLPMfM>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

MAIA, Pedro. De que lugar eu to falando aqui com vocês?. Spotify/áudio[s. l.: s. n.], ep. 02, fev. 2021 (2021a). Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/6jCsH2VM7Szb9oLsRFxerf>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

_____. Eu também levo um pouco. Instagram, vídeo/stories [s. l.: s. n.], 2019. Disponível em: <<https://www.instagram.com/stories/highlights/17933229913308304/>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

MARCON, Gilberto Hoffmann & FURLAN, Reinaldo. A questão identitária na pós-modernidade: autenticidade e individualismo em Charles Taylor. 2020. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/pusp/a/fLYXBXhcHGkML4DLVMhhC4B/?lang=pt>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Produzindo memórias para alimentar utopias: Narrativas sobre uma organização feminista brasileira que, desde 1997, ousa trabalhar com homens e sobre masculinidades. Instituto PAPAÍ, Recife, 2015.

MEDRADO, Benedito & LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. Estudos Feministas, Florianópolis, setembro/dezembro de 2008.

MEMOH. A cada 8 minutos. Instagram, [s. l.: s. n.], 27 out. 2020 (2020d). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CG2h8cuJ_kU/>. Acesso em: 29 mai. 2021.

_____. A gente acredita que não dá pra “virar a chave”. Instagram, [s. l.: s. n.], 01 dez. 2020 (2020a). Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CIQqO8QJ8HS/>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

_____. E, para termos de fato grupos diversos. Instagram, [s. l.: s. n.], 22 jan. 2021 (2021a). Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CKWk7g9Jowb/>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

_____. Esse aí da foto é o John. Instagram, [s. l.: s. n.], 23 out. 2020 (2020b). Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CGsL1qspZwv/>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

_____. O MEMOH apoia e assina. Instagram, [s. l.: s. n.], 05 nov. 2020 (2020e). Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CHNoBpDpNpr/>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

_____. PARA ELAS, ELES e ILES. Instagram, [s. l.: s. n.], 24 nov. 2020 (2020f). Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CH-p0cdp4gp/>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

_____. Pegamos carona com as eleições. Instagram, [s. l.: s. n.], 04 nov. 2020 (2020g). Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CHLt2eZpAF2/>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

_____. Uma preocupação que sempre tivemos. Instagram, [s. l.: s. n.], 18 set. 2020 (2020c). Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CFSCtYkJJ3l/>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

MONDARDO, Marcos Leandro. Globalização e Sociedade dos Indivíduos: Redes Sociais, Interdependência e Auto-controle. 2007. Disponível em: <<https://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-abordagem-reticular-mondardo.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MUSZKAT, Suzana. Revisitando Adão e Eva. In.: **Dossiê Cartografias da Masculinidade**. Revista Cult, ed. 242, 2019.

NOBRE, Ariel. Homem TRANSGÊNERO é aquele. Instagram, [s. l.: s. n.], 20 fev. 2021 (2021). Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CLhMINcJduP/>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

NOLASCO, Sócrates. **O Mito da Masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **Discursos sobre a Masculinidade**. Estudos Feministas, v. 6 n. 1, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12036>>. Acesso em: 02 fev. 2022.

PISCITELLI, Ana. **Recriando a Categoria Mulher**: Diferenças, Hierarquias e Poder na Nova Ordem Mundial. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

PRECIADO, Paul B. **Un apartamento en Urano**: crónicas del cruce. 1. ed. Barcelona: Anagrama, 2019.

RIEFF, Philip. **O Triunfo da Terapêutica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

RIOS, Rafael. In.: Brotherhood, o movimento da Masculinidade saudável. Ana Garmendia, 6 fev. 2019. Disponível em: <<https://anagarmendia.com.br/2019/02/brotherhood-o-movimento-da-masculinidade-saudavel/>> Acesso em: 19 mai. 2021.

RODRIGUES. O Homens Essenciais me possibilitou (2020). Disponível em: <<https://homensessenciais.mailchimpsites.com/>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemologia do Armário**. Tradução: José A. Brandão. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

TANAKA, Gustavo. A ideia do podcast do Brotherhood. Spotify/áudio [s. l.: s. n.], ep. 01, jun. 2019 (2019a). Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/4zQ0FVq7V517p4KNW4jiJI>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

_____. aspectos da *masculinidade* ruim. Spotify/áudio [s. l.: s. n.], ep. 02, jun. 2019 (2019b). Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/6HzRcqO1mr6i8wHMgMeipa>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

TORINO, Marcela. a sociedade é que bloqueia. Spotify/áudio[s. l.: s. n.], ep. 01, jun. 2019 (2019b). Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/4zQ0FVq7V517p4KNW4jiJI>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

_____. *Ying e yang* são qualidades energéticas. Spotify/áudio[s. l.: s. n.], ep. 01, jun. 2019 (2019a). Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/4zQ0FVq7V517p4KNW4jiJI>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/WTHZtPmvYdK8xxzF4RT4CzD/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

ZAMBELLI. O Homens Essenciais é um espaço (2020). Disponível em: <<https://homensessenciais.mailchimpsites.com/>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

TAYLOR, Charles. **As fontes do Self**: a construção da identidade moderna (A. U. Sobral, D. A. Azevedo, trad.) São Paulo, SP: Edições Loyola, 2013.

TAYLOR, Charles. **A ética da autenticidade**. Trad. Talyta Carvalho. São Paulo: É realizações, 2011.